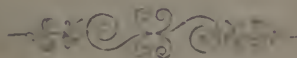
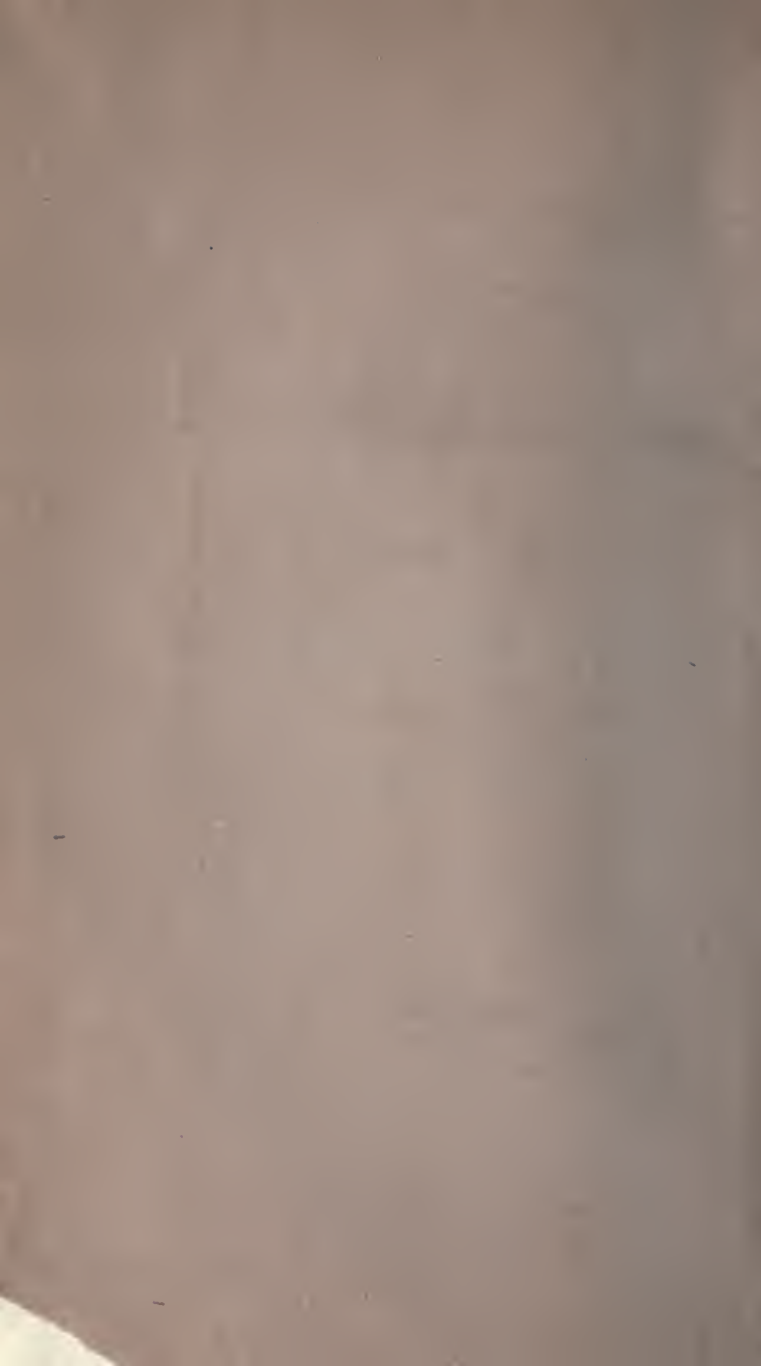
Antonio Francisco Barata

VIAGENS NA MINHA LIVRARIA

PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE

Dous tomos n'um volume

Barcellos
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor — *R. V.*
1894

Antonio Francisco Barata

VIAGENS NA MINHA LIVRARIA

PRIMEIRA PARTE

Barcellos
Txpographia da *Aurora do Cavado*
Editor—*R. V.*
1894

A seu compadre

e

exemplar amigo

Rodrigo Augusto Cerqueira Velloso

Offerece

este fugitivo escripto

Antonio Francisco Barata

«Não lhe faltam alguns erros, que são peccado original das impressões.»

D. F. Manoel de Mello,
Cartas, cent. 3.ª carta 19.

O MOTIVO D'ESTA EDIÇÃO

Ha quinze annos, que tantos são os decorridos desde 1878, que eu obtive do meu bom amigo, Antonio Francisco Barata, auctorisação para editar na typographia da minha já hoje velha *Aurora do Cavado*—(conta ella 27 annos de existencia, quasi maravilha no nosso paiz, sobretudo para modestos periodicos da provincia)—escriptos seus pela maior parte publicados em suas columnas, e que sob a denominação de *Miscellanea Historico-Romantica*, formaram um tomo de 245 paginas.

Precedi eu a obra com «Duas palavras do editor ao auctor», em que fazendo resenha dos

diversos capitulos que a constituiam, e registrando seu incontestado valor, ao mesmo tempo procurei frizar os inconstrastaveis merecimentos litterarios que já então haviam creado a Antonio Francisco Barata um nome na republica das lettras, grangeando-lhe honrosa fama, consagrada por um semnumero de trabalhos consecutiva e incessantemente sahidos de sua penna laboriosa. erudita, facil e vernaculissima, a contar desde 1860, em que vinda a lume a sua estreia *Lucubrações de um artista.*

Sem previa permissão sua, d'esta vez, e á sua ignorancia até, fui eu guardando das paginas da *Aurora* tambem, onde sahida a 1.ª parte das suas interessantissimas e curiosas *Viagens na minha livraria*, reproduzida do *Progresso do Alemtejo*, em que primeiro veio á luz da publicidade, e dando só d'isso conhecimento ao meu Amigo, por occasião de fugitiva visita sua a Barcellos, em agosto passado, agora ao mercado litterario a lanço em volume.

O acolhimento que as *Viagens na minha livraria* tiveram de seus muitos leitores, quando sahidas nas paginas ephemeras de dous periodicos, quasi dos dous extremos oppostos do nosso paiz, por certo o terão ellas agora em que se lhes dá a vida mais duradoura do livro, e com succeder assim não se fará mais que justiça ao seu valor e merito, que reunindo ellas em si todos os predicados que as pódem tornar apreciadas, pois que escriptas em linguagem lidimamente portugueza, abundante e naturalissima, correndo de fonte viva, repassada do melhor humorismo, erudita sem ser pedante, cri-

tica sem ser massuda, muito para lição e deleite.

Reunindo eu, pois, em tomo as *Viagens na minha livraria* julguei fazer um bom e valioso serviço ás lettras portuguezas, não as que taes se dizem e como taes se apregoam, pejando o mercado, vindas a lume em uma burundanga, confusa algaravia de uma nova babel, mas as letras portuguezas, legitimas, de lei, que ainda um ou outro—bem raros—cultores conta entre nós, e com esse serviço por bem pago me dou do meu pequeno trabalho de editor, sendo assim para mim premio muito além d'elle, as palavras de boa e velha e nunca desmentida amisade, com que o auctor me offerece este seu livro.

Barcellos 26 de fevereiro de 1894.

RODRIGO VELLOSO

DO AUCTOR AO EDITOR

Meu carissimo e já velho amigo

Que nome devera escudar este trabalho de algumas noutes, em annos volvidos, que o seu não seja?

Foi V. Ex.ª quem aquilatou este trabalho, quiçá unico em nossas letras, reunindo-o com fervoroso zelo d'amigo sobre muita amisade em livro, para de tal modo o offerecer aos poucos ledores que ahi temos desta especie litteraria.

Pobre, como quem isto escreve e este livrinho escreveu era a livraria perlustrada: não tem, pois, o que se vae ler referencias a raridades litterarias ou scientificas, mas a centos de velhos livros triviaes, que o auctor leu todos, em quanto os possuiu.

Nenhum tem hoje.

Pertencendo ao numero dos empregados da Bibliotheca Publica de Evora, deste riquissimo repositorio de cimelios bibliographicos, inuteis, sobre inconvenientes me eram os poucos livros, que tive, com tanto amor e sacrificios adquiridos. Delles só existem semiapagadas lembranças na reminiscencia decadente, e, graças a V. Ex.ª, catalogo delles 'neste livro.

Só o muito amor a velhos livros consente uma leitura paciente de listas delles. Preciso é o adoçal-as com amenidades. Conseguil-o-ia eu no percurso da viagem?

A consciencia, supremo tribunal das acções humanas, diz-me, não sei se pôr lisongeira, que o estylo se mantem levemente faceto, forçadamente alegre desde a primeira pagina á ultima.

Será isto uma verdade?

O ir-se sendo velho converte-nos em uma especie de chonica de muitos acontecimentos, stromates de muitos factos, calepino de muitas cousas. Se me não engano algumas por este livro ficam dissiminadas, tornando sua leitura se não util, certamente desfastiosa.

Talvez como ninguem mais, conhece V. Ex.ª que o meu laborar no campo litterario, outra cousa não é do que necessidade espiritual, sem duplo fim, sem mirar nem honras nem proveitos. Estes e aquellas são para os mestres, e não para serventuarios de letras indiplomados como eu sou.

Que mais escrever 'neste pressuroso movimento da penna? Mais nada.

O livro é de V. Ex.ª e não meu; é de V.

E.xª, que sem trahir jamais a religião purissima da amisade, o coordenou e salvou de total alvido a expensas proprias.

O que eu, sobre tantissimas cousas, aqui agradeço publicamente a V. Ex.ª mais que muito penhorado, é o valor que V. Ex.ª dá a meus pobrissimos escriptos.

São elles pois, de V. Ex.ª, repito: pertencem-lhe.

Em Evora, aos 28 de setembro de 1893.

A. F. Barata

VIAGENS NA MINHA LIVRARIA

Primeira Parte

I

Não sei se alguem já viajou na sua livraria: na sua terra e no seu quarto já o fizeram o visconde de Almeida Garrett e Xavier de Maistre. Pois eu, que não posso viajar por esse mundo, como desejára, e que já viajei com aquelles dois escriptores, intento fazer nova viagem sem sair de casa. Siga-me o leitor, se lhe apraz, que talvez não desgoste do que poderá ver.

Mas, agora noto já que vae pretencioso o titulo de minhas viagens. Na minha livraria! Qual livraria? Umas dezenas de velhos livros, promiscuamente enfileirados com alguns novos nas prateleiras, tabellas ou raios de uma estante, que já enfileirou uma frascalhada immensa com

Os tão mal vistos
Amargos mixtos
D'agra pharmacia :

que já foi de um Boticario (com perdão dos snrs. Pharmaceuticos e sem offensa da sua grega denominação).

Metteo-me em casa o vicio de ler velhos livros um compadre que tive em Coimbra, e por signal que os conhecia menos mal, se não bem, e não ha habituar-me eu a dizer *Pharmacia* : é Botica, e sempre Botica, como se dizia lá na aldeia em que nasci, e como diziam os nossos antepassados, até mesmo os que deviam fallar bem, os reis portuguezes, se é que foram instruidos e bem fallantes, caso que não corre bem averiguado, como o outro de não saberem escrever.

Pois aquelle Affonso, o das Navas de Tolosa, ou o de Tarifa, já em seo tempo fez saber, não me lembro a quem, que uma tal Maria Nunes era *Boticaria*, em Lamego.

Não é, pois, rigorosa a denominação de *livraria*, por fallecerem á desinencia do termo os requisitos necessarios. Viajaremos por alguns centos de livros sómente ; mas velhos e rélhos como a claustra da Sé, com encadernações de pergaminho ou de couro mordido da traça, sem belleza, sem graça, feios de veras. Siga-me, pois, o corajoso, aquelle que não teme a poeira e a carcoma, aquelle que gostar algum tanto do que é velho, além do boal cheiroso.

Livraria ! E o termo a adejar-me na mente

sem dar logar ao apparecimento de uma ideia qualquer!

Livraria é um synonimo de *cemiterio:* viajar 'nella o mesmo é que passeiar nas alamedas de ciprestes, os cyparissos dos poetas, e aqui e acolá ir parando por soletrar um epitaphio, por admirar um conceito, ou por se horrorisar com tantissimos dislates que por lá se leem!

Como no cemiterio, na livraria só topamos os mortos, com raros vivos; mas topamos mortos que o não são. No cemiterio repousam inertes ossos, fibras resequidas de milhares de individuos de nossa especie, confundidos uns, na vala geral, o meu sonho para depois da vida! outros separados d'aquelles em moimentos de marmore ou de granito, zombaria perfeita dos da vala, preteação estulta de existencia sem vida além da morte. Querem alguns ver 'naquillo exigencias do sentimento. A esses perguntaria eu quantas vezes se lembram dos mortos ao cabo de cinco, de dez, de quinze, de vinte annos volvidos sobre a passagem do monumentado?

Que dolorida commoção é a d'elles ao contemplarem esses monumentos, volvidos aquelles annos?

Eu só conheço monumentos funebres, capazes de perdurarem, nos que se levantam no coração sensivel, golpeado por dor intensissima.

Lembro-me, a proposito do que, em 1869, dizia na minha presença em Lisboa o tão sympathico auctor do *Colombo*, poema de portuguezissimos versos, Manoel d'Araujo Porto-Alegre, barão de Santo Angelo, a um poeta e amigo

meo, traductor da *Jerusalem* do Tasso, que vergára á dor pungente da perda de uma companheira estremecida: *que estava muito novo; que a dor passaria; que lhe raiariam dias bonançosos e que se lembrasse que nós só eramos uma pouca de vasa animada*... etc., etc. O philosopho a pensar; a verdade a sair de seos labios. E a dor passou, que animado, jovial, e, felizmente, alegre o vimos já 'nesta cidade por mais de uma vez.

E a pesar de eu crer na permanencia d'estes monumentos mais do que na efficacia dos graniticos, estes mesmos vejo desabar lentamente! Nada ha perduravel no homem. Amor, odio, sentimento e dor tudo passa, como nós passamos, tudo obedece á rotação fatal da luz e sombra, da vida e morte, da lembrança e do esquecimento!

E se isto assim não é, pensem.

Mas, para que este philosophar? volvamos á minha ideia; viajemos na minha livraria; e, quanto ao mais, nada.

Eil-os alli estão elles a observarem-me silenciosos, a verem como a minha penna corre veloz pelo papel como outr'ora a sua d'elles: eil-os alli, os nossos monumentos funebres, o meu cemiterio sem vala geral; os meos livros, onde não ha obras de quem as não fez, onde só existem vivos e eternos (quanto possivel) os pensadores que nos precederam, os homens que ainda vivem no papel mais do que aquell'outros nas moles pedregulhosas de custoso lavor e preço.

Adoro os livros e as livrarias. Se eu fosse

homem dinheiroso havia de ter vasta livraria, largo mundo intellectual para 'nelle viajarmos, posso affirmal-o aos meos companheiros de viagem.

Mas, comecemos? Vamos: em boa hora do porto desferremos.

Cá estão tres volumes grandes e grossos que por estes adjectivos me trazem á lembrança aquillo que o poeta (não sei qual foi; talvez o Rodrigues Lobo) disse de uns cabellos femininos:

Cada um d'elles é tão grande e grosso
Que póde ter preso o amor pelo pescoço.

Não basta porém dizer que são tres grossos volumes: é preciso que os meos companheiros de viagem saibam que a minha livraria não me é como a corcunda do corcovado, que nunca a vê: entremos 'nesta cidade e descansemos. *Mystica ciudad de Dios*, é seo nome synthetico, antes do desdobramento collossal em *Milagre de omnipotencia*, *Abysmo da graça* etc.

Soror Maria de Jesus, abbadeça no convento da Immaculada Conceição de Agreda, na Hespanha, é sua auctora, e foi impresso em Amberes em 1736. Soffrivel papel, muitas gravuras, letras encarnadas.

E' uma das muitas edições d'esta obra, que deve ter mandado mais almas para Deos do que *microbios* avassalam a Italia e a França. Não a li, e por isso não mostro ao leitor as bellesas d'ella; mas digo-lhe porque a não li, por ser logico e mostrar que a minha livraria não é

uma corcunda : não a li toda, e só lhe tomei o pulso ; porque eu já possuo um Rescripto pontificio que me promette a beatificação, depois que li em *vinte cantos !* um poema do Barbuda sobre o mesmo assumpto : *Os Virginidos*. A vida da Virgem Maria em verso, como esta *cidade de Deos* a trata em prosa, põe ao leitor á prova de coragem e de paciencia evangelica. Eu já estou *passado* 'nestas lides.

Fique o leitor sabendo agora que o pae, a mãe, irmãos e ella, a Maria de Jesus, a *Barbuda* dos castelhanos, todos se fizeram frades e freiras ! Prolixo casal de santos ! Já não temos d'aquillo, tudo passou !

Pertenceo esta obra a um dos extinctos conventos d'esta cidade de Evora, d'onde poude vir ao mercado em hasta publica, por ter rompido as malhas de uma rede varredoura que, não sei quem, disseram, lançára sobre a casa religiosa.

Cabia aqui uma pequena historia bibliographica ; mas... póde ser taxada de maledicencia, sem o ser, e isto basta para a não contar.

Leitor, bem vejo que está aborrecido 'nesta primeira estação, 'nesta primeira paragem, que fizemos.

Busquemos melhor porto : ávante !

XI

Deixámos a villa d'Agreda na Hespanha e a *Mystica cidade de Deos*, e eis-nos defrontados já com a famosa *semsaboria de marmore*, no dizer incisivo de Herculano, com o Escurial de cá, com o convento de Mafra. *Monumento sacro... da sagração... de Mafra* etc., obra do arrabido fr. João de S. Joseph do Prado, folio XXII 152 paginas, com tres estampas.

Aquelle dos meus companheiros de viagem que ainda não vio Mafra entre commigo no montão de pedra erguido a Santo Antonio, ao portentoso thaumaturgo, que salvou o reino de poder cair nas mãos dos hespanhoes, ou de outros cubiçosos, por falta de successão, dando a D. João V uma prole mirífica em D. José.

Cá estamos na vasta egreja: onze altares dedicados desde Santo Antonio a Nossa Senhora e a todas as santas da Ordem serafica, com milhares de reliquias authenticas, a começar nos Santos Apostolos e a findar em S. Protasio.

Tem esta egreja o comprimento de 277 palmos ou mais de 70 metros, e de largura 56 palmos ou 14 metros aproximadamente.

O arrabido, auctor d'este livro, dá-nos curiosas noticias: tudo medío e pesou, o frade. Até ao gallo, que serve de grimpa á mais alta torre, tomou elle o peso e lhe achou o de 10 arrobas. O maior sino, dos 114 que lá estão em cima, pesa 800 arrobas! (deixemos ir esta nomenclatura pesada, como aquelle governador civil, que ia esmagando os campanarios todos da capital, se lhe não acodem os estudantes de medicina).

Tudo grande 'neste convento, tudo, até a cosinha!

A festa da sagração foi esplendida. Acompanharam ao rei dois duques, seis marquezes, um punhado de condes e viscondes e nobres de todas as edades. Frades de todas as ordens, aos centos.

Podiamos agora ver as vestimentas; mas é tão grande o numero, e nós temos tão pouco tempo que o melhor é ficar isto para outra visita.

Antes de deixarmos Mafra, é curioso mostrar ao leitor uma resenha dos homens que alli trabalharam no dia 2 de maio de 1731. Mais de 5:000 soldados de infanteria e 600 de cavallaria; perto de 4:000 canteiros; mais de 2:000

pedreiros; mais de 300 mariolas, e tambem mais de 1:000 paisanos! Um total excedente a 15:000 pessoas diariamente!

'Nesta anaduva nacional, sacrificou a magestade de D. João V *magnanimamente* 17:000 homens a Santo Antonio! O rei de Lahore não sacrifica tantos pretos na hecatombe festiva.

Aqui estamos no Porto, e aqui topamos a um vivo; vivo, sim, que, contra todas as leis naturaes, não póde morrer, graças ao elixir de longa vida das dezenas e dezenas de livros em que seo espirito brilhante reverbera immortaes centelhas. E' Camillo Castello Branco a redigir a *Gazeta Litteraria do Porto* em 1858. Tem ella 16 numeros com 154 paginas *in folio.* Ha 'nesta *Gazeta* interessantes artigos historicos. Se o leitor se quer demorar a lel-os fique-se com ella, que eu vou seguindo viagem.

Mais dois volumes, folio, encontro aqui, *Bahia de Lourenço Marques—Questão entre Portugal e a Gran-Bretanha, sujeita á arbitragem do Presidente da Republica Franceza.* Estes dois livros deve o leitor lêr, que por bem pago se dará do seo trabalho. Se me não engano é um dos mais serios trabalhos saidos dos nossos prelos actualmente, em nossos dias.

Com profundos conhecimentos juridicos e com a incontestavel prioridade da descoberta da costa africana defende o dr. Levi Maria Jordão, fallecido visconde de Paiva Manso, aquelle territorio da corôa portugueza. Tem notas interessantissimas e mappas magnificos.

Se o leitor a não quer ler agora ouça uma historia curiosa do modo por que me veio á mão:

Era ministro da Marinha um *amigo* meo desde Coimbra, ao tempo em que ella veio a lume. Poeta de fama, recitador festejado e *admirador* do meo mourejar instrucção. Bati-lhe um dia á porta em Lisboa e enviei-lhe um bilhete com o meo nome, pedindo uma audiencia de tres minutos. Um correio de Secretaria me veio dizer que procurasse eu a sua excellencia no ministerio, á uma hora da tarde. Regular. Fui e mandei bilhete como o primeiro. Volveo-me resposta: *que o procurasse em casa!*

Eu ia para lhe pedir os dois livros de Paiva Manso, e não emprego algum.

Vendo-me assim mandado de casa de Herodes para a de Pilatos, mandei o ministro para... o Parnaso, e saí fazendo considerações philosophicas sobre as ideias democraticas. *Quantum mutatus ab illo!* no dizer de Virgilio. Que decepção para mim, que havia sido *gabado, louvado, admirado* até nos jornaes de Goa pelo ministro! *

O facto comprova mais o que todos sabemos: que de tudo ha no mundo.

Contei o caso ao snr. D. Antonio da Costa, que tem *Dom, de jure,* e elle o *aristocrata,* para logo me enviou os dois volumes, que eu ambicionava ler. (1)

Antes de proseguirmos viagem cabe aqui um reparo, é um parallelo:

No dia de Natal de 1883 procurei em sua

---

(1) Já não vive hoje: finou-se em 17 de janeiro de 1892.

* Thomás Ribeiro

casa d'elle ao actual Ministro do Reino, o snr. conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas. Estava elle para sair para o paço a fim de comprimentar a el-rei. Soube que o procurava um *Barata*; e, crendo que não sería o seo velho amigo e protegido, mandou dizer que me receberia 'noutra hora. Fiz-lhe precisar minha entidade, e para logo, sem a minima delonga e com espanto manifesto de um official militar, que me trouxera a primeira resposta e a segunda, era eu admittido á sua presença e á sua mesa!!

Fiquem aqui estes traços dos dois estadistas, para servirem a quem um dia houver de escrever a biographia de ambos.

Affigura-se-me, leitor amigo, que esta *viagem na minha livraria* poderá vir a ser interessantissima; porque, contando eu perto de meio seculo de vida, e tendo tratado em Coimbra de perto a homens que hoje são Bispos, Ministros, Juizes, Delegados, Empregados superiores, no meo tempo de artista 'naquella cidade, provavel será que, ao modo porque a viagem se adiantar, eu vá semeando 'nella episodios curiosos, notas biographico-moraes de um ou de outro, quando vier *ad rem*.

E hão de vir occasiões, hão de, que na minha *livraria* (sempre em italico) ha elementos para isso.

Ha 'nella uma estação: *Autographos*, que pode fornecer especies agradaveis ao leitor. Lá chegaremos.

Dos *folios* caimos agora nos *outavos*. Aqui

está uma especie de livro, quanto ao volume. E' uma caixa de papelão, contendo em si um grande mappa de Portugal, feito depois da invasão franceza final, por isso que nos aponta com traços coloridos a marcha dos invasores, nas tres investidas para a absorpação d'esta tira de terra occidental, que fez cousas espantosas por esse mundo universo em nome da cruz, sem exclusão do córte dos narizes e orelhas das indias, que se não sujeitavam ao dominio de Portugal, nem ellas nem os maridos.

E' o mappa conhecido com o nome do auctor :

Mappa de Portugal, de D. Thomaz Lopes.

E' um mappa estimado, se bem que não seja rigoroso no determinar a ramificação da invasão de Massena, e anteriormente a de Soult, que bracejou até Evora, como é sabido.

Paremos agora 'num volume manuscripto : *Collecção de discursos e cartas de Alexandre de Gusmão,* feita por Pedro Gabriel da Silva Martins.

A paginas 436 diz o collector : *Mui raras são as collecções dos manuscriptos do Autor que trazem os poucos versos que se seguem.*

São tres sonetos e uma ecloga.

Em 1841 publicou-se no Porto uma *Collecção de varios escriptos*, etc., que nunca vi, e por isso não sei se 'nella virão estas composições poeticas. No *Ensaio* de J. M. da Costa e Silva sei eu que veem algumas.

Para terminar este passeio ponhamos aqui um dos sonetos, que é bom :

Numen que tens do mundo o regimento,
Se amas o bem, se odeias a maldade,
Como deixas com premio a iniquidade
E assossobrado ao são merecimento ?

Como hei de crer que um immortal tormento
Castigue a uma mortal leviandade ?
Que seja sciencia, amor ou piedade
Expor-me ao mal sem meu consentimento ?

Guerras crueis, fanaticos tyrannos,
Raios, tremores, e as molestias tristes
Enchem o curso de pesados annos ;

Se és Deos, se isto prevês e assim presistes,
Ou não fazes apreço dos humanos,
Ou qual dizem não és, ou não existes.

III

Volvamos a Lisboa e entremos no antigo *Collegio dos Nobres.* Aqui está um livro que lhe respeita: *Os tres livros das obrigações christãs, e civis de Santo Ambrosio, bispo de Milão.* Traduzidos por José Caetano Mesquita. Lisboa, 1768.

Por ordem de sua magestade foi o livro traduzido para uso dos alumnos d'aquelle Collegio.

A linguagem da traducção é correcta.

Sobre o perigo de fallar discursa o santo bispo abordoado á Biblia—*Pelas tuas palavras serás condemnado;—O homem sabio ha de calar até certo tempo.*—De modo que aquelle que fallar depois de certo tempo será infallivel-

mente condemnado! Já de ha muito acreditava eu na difficuldade de harmonisar textos biblicos, que se teem prestado a tantas e tantas discussões.

Deixemos o Collegio dos Nobres com a sua historia e com os seos livros e demos um salto ao Brasil, ao Maranhão.—*Postillas de Grammatica geral applicada á lingua portugueza...*, por Francisco Sotero dos Reis. Maranhão, 1868.

E' este um livro de verdadeiro e legitimo merecimento. Tem uma historia a posse que d'elle conservo:

Tinha eu feito imprimir um opusculo, em 1871 em Coimbra, com este titulo: *Advertencias curiosas sobre a lingua portugueza*, E vae um dia chega-me o correio com as Postillas devolvidas de Coimbra, com esta dedicatoria: *Ao Ill.^{mo} Snr. Dr. Antonio Francisco Barata, Lisboa. 24 de Janeiro de 1871 off.^{co} Dr. Antonio Henriques Leal.*

Dei para logo um traço em *Dr.*, que me não pertence, li o livro e fiquei com muita vontade de saber quem era o snr. Dr. Antonio Henriques Leal, para lhe levar um agradecimento. Soube-se: carteamo-nos e vímo-nos depois em Lisboa, onde residia então.

E' um benemerito da patria, do Brasil, o snr. Henriques Leal. Escriptor primoroso e classico não pára um instante em seos trabalhos de escripta. Já são valiosas as suas publicações litterarias, sobresaindo entre ellas o *Pantheon Maranhense* erguido á memoria dos filhos illustres do Maranhão, entre os quaes avulta o grau-

de Gonçalves Dias. São 4 famosos volumes, com optimos retratos. Volveu ha tempos á patria e não sei d'elle, com magoa o digo, que foi um dos cavalheiros mais distinctos que tenho encontrado na minha peregrinação terrena. (1)

Eis-nos de novo em Portugal e em Coimbra. Aqui estamos em 1675 com o Impressor Rodrigo de Carvalho Coutinho e com o livro: *Manval de tvdo qve se canta fora do choro* etc. obra do Fr. Raymundo da Converçam, franciscano. E' este um livro estimado na opinião do grande Cenaculo. Este livro foi de um convento de freiras d'esta cidade: poude vir ao mercado no espolio do convento de Santa Catharina, talvez por se lhe não conhecer o prestimo. Ha n'este livro cantochão para todas as festas da egreja; é o que se póde chamar um livro harmonioso.

Volvamos a Lisboa: aqui está um classico velhinho e romendado, com sua encarnação nova; parece um taful. *Exercicios de Perfeição e dovtrina espiritval para extinguir vicios & acquirir virtudes*. Impresso por Craesbeck em 1649. Parece ser obra do erudito Manoel Severim de Faria, que se assigna no prologo *Ao Leitor*.

E' um resumo do Jesuita Affonso Rodrigues, e foi de *Vrsula Engrasia q. D^s^ fasa m.^to^ santa*, (assim). Tem uma historia como a do antecedente. Os capitulos sobre a *vangloria* e

(1) Já não vive tambem: vi, não há muito tempo, noticia de sua morte no Rio de Janeiro.

sobre a *pobreza* deviam ser lidos por muitos pimpões que nós conhecemos, leitor amigo.

Aqui temos agora o bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda, sobraçando a *Virtuosa vida e santa morte da princesa Dona Joanna*, impresso em Lisboa, por A. Craesbeck de Mello em 1647. E' um bom livro de historia patria em tempo de Affonso V e de João II, de quem ella foi irmã. Esta *Santa* Joanna é a que está sepultada em Aveiro.

Que dois volumes serão estes agora que tanto primam pela linguagem pura? São os da *Historia antiga*, de Rolin, que o capitão Manoel de Sousa traduzio para vernaculo e offereceo a Sebastião José de Carvalho e Mello, o inimigo dos nobres e dos titulares, que se fez conde de Oeiras e parou em marquez de Pombal. Admiravel logica! Sairam estes volumes da officina de Francisco Sabino dos Santos, na capital do reino, em 1773.

O leitor deve ler a introducção pelo menos, d'esta obra, ou quando não este sigalho:

«Todo o mundo hoje clama que se deve cuidar em emendar o máo estilo, e falta de pureza do seculo passado, e presente; mas poucos ainda d'aquelles que com mais calor gritão, não sabem dizer que vereda devemos tomar para o conseguir. O estudo da maior parte d'estes he (se-he quo estudam os que assim fallão) por alguns, e ás vezes máos livros Francezes, ou Italianos, cuja lição anda muito em voga no paiz. 'Nestes pretendem achar tudo, até a pureza da sua lingua. Quando fallão uzão de hum idiotismo francez; e o mais he, que quando leem os

escritos alheios, respondem friamente, que lhes sabe a Francez..., etc.

Esta doutrina ainda hoje tem applicação a muitos sabios que eu conheço.

Oh! que titulo bilingue! exclama um dos meos companheiros que emquanto outros liam aquillo do capitão Sousa, botára a mão a este volume, *Chronologia monastica lusitana.*

Sim, até aqui tanto é titulo portuguez como latino; mas *in qva omnes sancti & Beati, ac etiam venerabiles Personae Regulares... referentur*, é somente latim, não sei se bom se máo.

E' do chronista F. Antonio da Purificação este livro, impresso em Lisboa, por Lourenço de Anuers, em 1642.

Desde a letra A até á letra Z são mais de 300 varões santos, ou cheirantes a santidade, os que o frade enumera pelos mezes do anno.

Hoje, por exemplo, doze de Setembro, commemora o livro:—*Eborae in Monasterio S. Monicae Ordinis S. Augustini, depositio venerabilis sponsae Christi Catharinae... Abbatissae...* etc.

Cá temos agora um livro *raro*, velhinho, mas de novo encadernado: *A cortezãa da gloria: ou a vida da beata veronica* etc, escripto por Fr. João Freire, Lente da Universidade, e impresso em Lisboa por Craesbeck em 1671.

Escreveu bem este cathedratico, e o livro prima por isso mesmo. Tem graça esta satyrasinha:

«Se o estilo nam contentar, he muito facil o nam ler; ou mais facil o pegar da pena; d

escrever o descontente a seu sabor. Achaque he dos que lem, quererem a seu modo o genio de quem escreve...»

A viagem vae agora desagradavel, me diz um de meos companheiros : só livros asceticos! vossê parece-me frade.

—Não sou ; mas sel-o-ia se vivesse no tempo d'elles, pode ter d'isto a certeza.

Quanto ao mais, ao desagradavel, isso ha de passar : imagine que viaja agora por uma charneca coberta de urzes, não desanime. Veja estas *Conversações familiares sobre a eloquencia do pulpito*, cujo auctor não conheço, pois que só me dá estes esclarecimentos na dedicatoria ao infante D. Pedro : *Fr. M. de S. A.*

Não me desdobra estas letras o meo velho amigo Innocencio, no *Diccionario bibliographico* e não tenho a *Bibliotheca Lusitana*, de Machado para ir mais longe em minhas pesquisas. Será desconhecida dos bibliographos esta obra? que foi impressa em Lisboa em 1762 por M. Menescal da Costa? Tem XXII 496 paginas. Talvez Cenaculo a conheça nas *Memorias historicas do ministerio do pulpito ;* mas eu não tenho tempo para o averiguar, nem os meus companheiros estarão pelos autos.

Vamos terminar este passeio de hoje em Coimbra, na Imprensa de Antonio de Mariz, em 1591. Acaba de lhe sair dos prelos este *raro* livro, a primeira edição do *Martyrologio romano accommodado a todos os dias do anno* etc. tendo no fim com novo rosto, o *Martyrologio dos Santos de Portugal* etc.

Pode o leitor não gostar do assumpto; mas

se gosta de antiguidades admire este velhusco, que se não topa ahi a cada canto, não senhor.

Encha-se de resignação christã e de paciencia evangelica, que eu lhe prometto que ha de ver ainda o seo nome appenso aos 74 santos portuguezes que havia 'naquelle tempo. Lembre-se do Rescripto que eu tenho depois que li os *Virginidos* de M. Mendes de Barbuda; já vou caminho da beatificação. Que gloria para a minha descendencia!

IV

Mais ameno se nos apresenta o caminho, leitor. Aqui temos um vergel de flores, um pequeno oasis entre a sublime aridez de materias theologicas : *Obras de Claudio Manoel da Costa*, Arcade ultramarino com o nome de *Glauceste Saturnio*, impressas em Coimbra por L. Secco Ferreira em 1768.

Segundo o costume da eschola e do tempo em que viveo, rompe a marcha um cerrado batalhão de sonetos, seguem os epicedios, as eclogas, epistolas lyricas e cantadas, mas tudo em estylo terso e limpo. Eis uma quadra de um dos romances sem rimas conforme ao emxabido gosto da epocha :

Pastora do branco arminho,
Não me sejas tão ingrata;
Que quem veste de innocente
Não se emprega em matar almas.

Aqui nos interrompe a leitura poetica o polygrapho José Agostinho de Macedo com a sua *Refutação dos principios methaphysicos, e moraes dos Pedreiros Livres illuminados*. Lisboa, 1816.

E' um combate aos livres pensadores com aquellas armas ferrugentas que escreveram *os Burros*, mancha indelevel na poesia portugueza. Se o leitor gosta do genero fique-se para ahi com elle, que eu dou mais um passo.

Cá nos apparece o grande Fenelon, vertido em portuguez pelo nosso conhecido capitão Manoel de Souza: *O Telemaco*, etc. Lisboa, 1770, 2 volumes.

Traz-me esta obra á lembrança o bom tempo em que eu, cubiçoso de saber, me resolvi, discipulo e mestre, a estudar Francez. Atiçavam-me a vontade os muitos livros que via em francez nas mãos dos estudantes em Coimbra, e que não entendia. Tinha eu então 17 annos.

Uma grammatica de Monteverde, um *Télemaque* e oito mezes de applicadas duas horas diarias deram em resultado o ficar eu conhecendo o bastante de Francez para entender os livros escriptos 'naquella lingua.

Esta traducção é vernacula. Já vi uma em verso solto; mas nem sei se a tenho na minha *livraria*, nem recordo o nome do traductor.

Eis se nos depara um livrinho classico de

Antonio de Varona, natural de Lisboa, e presbytero: *Ritual da missa resada conforme ao missal romano...* impresso por Aluarez em 1640. Tem as armas de D. Francisco de Castro, Inquisidor geral (horror!) gravadas por Augusto Soares Floriano. E' pura a lingoagem de Varona. Não desmente a obra a affirmativa: «... nem perderá tão pouco esta obra o seu preço, por ser cõposta em nossa lingoa patria Lusitana...».

Cá vem outra vez a poesia intrometter-se nas cousas da egreja: *Composições poeticas de Belchior Manoel Curvo de Semedo*, Belmiro Transtagano na Arcadia. Tem merecimento grande este engenheiro poeta e fidalgo. Os seos Dithyrambos são o que temos de melhor no genero: quer o leitor ver:

Que faremos?
Como a fria estação fugiremos?
Eia ledos a Bacco brindemos,
Do seu fero rigor zombaremos.
Aqui temos
Longo esquadrão de gravidas botelhas
Qu'as bocas vermelhas
Tem ainda arrolhadas:
Destapemol-as,
Despejemol-as,
Eis já saltam as rolhas!
E envolto em alegria
Tres copos coroados
Já vejo, ó Celia, de espumosas bolhas.

Uma belleza tudo. Pois nos enigmas! Va-

mos, meos companheiros de viagem, vamos matar este :

E' grosso, longo e furado,
Pinga mas não se derrete,
Enxuto e duro se mette,
Tira-se molle e molhado;
E' á cobra assimilhado,
Mas tem seu que com a espiga;
Penetra até á barriga,
Sacia a vontade á gente;
Porém, ser cousa indecente,
Não se creia nem se diga.

E não se creia, não, senhores.

Tudo isto quer dizer mui *simplesmente* **macarrão!**

Querem mais, bem sei; mas não temos tempo, que a viagem é longa e o poeta é brincalhão, e nós podemos commetter algum peccadito ao lel-o.

Está aqui um volume pequeno, de Fr. Gregorio Taveira, impresso em 1675 em Lisboa: *Fugida do mundo para Deos.* Veio este livro aguar-nos o gosto das mundaneidades e chamar-nos para a bemaventurança... «de que o Senhor nos faça participantes por sua infinita misericordia. Amen».

Isto é outra cousa: deixamos lá o poeta com suas loucuras: isto é que é são e genuino. Faz-me lembrar este adjectivo um annuncio do fallecido dr. Antonino José Rodrigues Vidal, bonissimo homem e Lente de Philosophia em Coimbra, que mandava annunciar no *Liberal do Mon-*

dego um vinho de sua lavra: *genuino, branco de uvas tintas.*

Ai! que saudade do tempo em que se publicou este periodico! Já me não lembram uns formosos versos á *Lua*, que alli publicára o estudante Francisco Antonio de Brito Limpo, que por entre as agruras das mathematicas colhia flores no Parnaso. (1)

E eu que os sabia tão bem!

E' a cousa: são os cincoenta que já vejo de perto. E' a memoria a claudicar!

Adiante. Cá está um livrinho em gothico: *Psalmista secundum consuetudinem sancti dominici.* Tosca gravura em que um devoto resa ajoelhado aos pés de um santo ou santa da ordem; armas de S. Domingos, letra encarnada. No fim: *Venetiis apud heredes Luce antonii Junte Florentini anno 1541 mense septembris.*

Na leitura deste livro firmou os banzos da escada do céo *sor maria são joze*, que escrevia assim Tambem pertenceo este livro ao extincto convento de Santa Catharina, donde saio para capsulas de bombas!

«Quem não sabe da arte não a estima».

E' curioso o viajar 'numa livraria! De Venesa eis-nos de repente em Lisboa, tratando com dois homens notaveis, nada menos de dois D. Franciscos; o de Quevedo e o Manoel de Mello. Nem as mutações de scena correm tão rapi-

---

(1) Já lá vae tambem: falleceu ha pouco.

das! *Primera parte de la vida de Marco Bruto.* En Lisboa, por P. Craesbek, 1647, pequeno *in 12.º*. Pelo texto de Plutarco a escreveo Quevedo e a offereceo a D. Francisco Manoel de Mello, o editor, Craesbek.

O plano de Quevedo 'neste livro é este: Tomada uma porção do texto de Plutarco, o auctor discursa e pondera sobre ella, com proficiencia e mestria. Aprende-se com a leitura d'este livrinho.

E pois que estamos com historia romana, aproposito nos apparece aqui uma obra em tres volumes, impressa no Porto em 1791: é a *Historia das revoluçoens succedidas no governo da republica romana*, traduzida de Vertot, por um sujeito que fez bem em occultar o nome, pois que honrado não é elle 'nesta obra nem pelos conhecimentos de uma nem de outra lingua.

Venha cá, snr. Valerio Martins de Oliveira, com o seo livro: — *Advertencias aos modernos que aprendem os officios de Pedreiros e Carpinteiros.* E' a 2.ª edição d'esta obrinha offerecida a S. José, com dedicatoria singular em duas linguas; quer o leitor ver?

Té, Joseph, volo laudare,
Nam laudem tacere nolo;
Sed praeclarae laudis volo
Te coronâ coronare;
Hunc Librum dedicare
Tibi cupio, quo tibi plaudo,
Nam exaudivi, & hoc claudo,
Esse te laudem Justorum;

At qui tu es laus Sanctorum :
Ergo laude laudem laudo.

Pois então em portuguez!

Estas endeichas são admiraveis Já o grande Camillo Castello Branco as estampou na *Gazeta Litteraria*, que o leitor conhece, e eu não lhe resisto tambem, não posso, porque isto é bom :

Senhor São Joseph,
Este livro he
Do principio ao fim
Todo vosso, assim
Como certifica
Quem vo-lo dedica :
Este he no emisferio
O que não contradiz
Cousa alguma, que queira,
O vosso *Valerio*,
O vosso *Martius*,
O vosso *Oliveira*.

Ora digam-me os meos companheiros de viagem se não ficam com a alma consolada depois que leram aquillo? Mas não pense agora o leitor que o livro não presta, ao ler-lhe aquellas estravagancias.

E' um classico no genero, e mui util, como o provam as edições até á de 1826.

Vamos terminar este passeio de hoje até Paris. Aqui tem um *Dictionnaire français-italien, et italien-français*, de Briccolani, impresso 'naquella famosa cidade.

Pelo que tem de portatil deve-se ter este livro.

De Duarte Nunes de Leão aqui nos apparece em fim do raio d'esta estante a *Descripção do reino de Portugal*, em segunda edição do anno de 1785.

E' dignissimo de leitura este livro ; mas se o leitor se não sente disposto para o ler agora todo, veja este capitulo, que é promettedor : *Da honestidade & recolhemento das molheres Portuguezas, & de suas perfeições.*

E por aqui fiquemos d'esta vez com as perfeições *descriptas* das mulheres portuguezas, sem embargo de Camões :

Melhor é experimental-o, que julgal-o,
Mas julgue-o quem não pode experimental-o.

Recomecemos a nossa viagem por esta cidade de Evora, mãe carinhosa de muitos varões notaveis em armas, letras, sciencias e religião.

Desposorios do espirito celebrados entre o divino amante, e sua amada Esposa, a veneravel Madre Soror Marianna do Rosario, religiosa... do convento do Salvador de Evora. 1766. Fr. Antonio de Almada compoz este livro, com aquelle titulo fantasioso.

Não se demore ahi o leitor, que não vale a pena: não o encantará a doutrina nem o estylo gongorico. Quanto a este olhe para o titulo, e com respeito áquella fique sabendo que a Soror *nasceo de orações*. O livro teve ainda assim mais de uma edição.

Corre o anno de 1700: ainda funcciona a Imprensa da Universidade de Evora. Aqui está o *Thesouro de Prudentes*, de Gaspar Cardoso de Sequeira, mathematico, que nasceo na villa de Murça. Isto é que é um livro! Tudo ensina a quem quizer saber. Desencolhe os nervos, doura cabellos, cura todos os padecimentos. Tem uma mulher nua (proh pudor!) e diz que lhe dominam o ventre o signo de *Virgo*, o planeta *Venus* e não sei que outros. Tem scenas de cartomancia, de Astrologia judiciaria, que sei eu?! Este livro tem feito as delicias dos camponezes nas muitas edições que já conta.

Aqui nos apparece um sermonario de Fr. Manoel de Sá, impresso em Lisboa em 1710. *Sermões varios, prégados na India*... São offerecidos a Caetano de Mello e Castro, que governou a India. Este livro é classico e estimado. Eu já o li e por isso vou meo caminho.

Entremos em Beja, onde o primeiro bispo moderno, Fr. Manoel do Cenaculo, está escrevendo este livro: *Cuidados litterarios do Prelado de Beja em graça do seo bispado*. 1791.

Estylo bravo, com resaibos de lingoas orientaes, mas vasta erudição, grande saber! Livro util e ensinador,

Eis uma edição das *Ordenações do Reino*, impressas em Coimbra, em 1786. E' desconhecida ao *Diccionario Bibliographico*. Tres volumes.

Que lhe parece, leitor, este livro V? Por dá cá aquella palha é logo: *morra por ello!*

Vejam-se 'neste espelho, meos companheiros de viagem: *Mandamos que o homem que dor-*

mir com mulher casada... morra por ello.

Fujamos 'deste logar, que cheira á carnificina da Praça de Belem, no seculo passado.

Os tres mundos, por D. Antonio da Costa. Lisboa, 1873.

Isto, sim, senhores, que é um bom livro. O mundo romano, o mundo barbaro e o mundo christão, são estes os tres. Parece impossivel como em um só livro se topem consubstanciadas tantas doutrinas; uma synthese energica de tres grandes historias! Não sei se me engano, leitor; mas eu tenho como um dos principaes trabalhos do bondoso auctor este dos *Tres mundos*. Leiam, que por bem pagos se darão.

Aqui nos sae ao encontro por primeira vez o maior Jesuita que vestio a roupeta de Loiola em terras portuguezas, o padre Antonio Vieira. *Historia do Futuro*, 1718. E' livro altamente instructivo. Tem uma historiasinha este livro: foi me dado em Portalegre pelo erudito medico, vernaculo escriptor e bondosissimo amigo, o dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão E', pois, um marco miliario na minha peregrinação. Vive hoje em Coimbra este amigo, cuidando da educação de seos filhos. Fique aqui um traço d'aquelle bom homem: Ao atravessar suas salas e quartos ia eu vendo muitos leitos de creanças, e creanças via brincando por toda a parte. Eram seos filhinhos. E disse lhe eu, ao contemplar aquelle quadro, e ao vel-o não já rapaz, mas encanecido: - Tantos meninos! agora...—Ainda são poucos: mais, mais! me volveu, esfregando as mãos, contentissimo, feliz! Santo amor paternal aquelle, que assim

se expandia no outomno da vida, como se fôra ainda na mocidade! Impressionou-me aquella resposta e encheu-me de coragem. Rodrigues de Gusmão é um classico.

E aqui estamos em Lisboa outra vez, e na Italia: *Grammatica Italiana*, por D. Luiz Caetano de Lima, 1756. Os escriptos 'deste homem são estimados e classicos.

Este livro foi impresso por José da Costa Coimbra, em Lisboa.

Se o leitor quer aprender o italiano fique-se com este livro, que lá para o diante ser-lhe-ha preciso para ler alguns que encontraremos na nossa viagem.

Um livro de versos! São as *Noites Josephinas*, de Luiz R. Soyé, impressas em Lisboa, em 1790. E' um poema á morte do principe D. José, de quem Cenaculo foi mestre, em 12 cantos, a quem o autor chama noites. Bella edição com muitas gravuras e vinhetas allusivas. E' pena que não condiga o texto. Vejam os meos companheiros se gostam disto: eu por mim declaro francamente que não:

Suspende, Atropos fera, ai! não córtes
Vida tão preciosa... Mas... que vejo?
Desgraçados de nós!... A Parca bruta
Os anneis da tisoura unio sem pejo.

Ai! ai! estremeceo... o ultimo arranco
O leito fez tremer;... a morte dura,
Bafejou lhe o semblante... ah já nos olhos
Apagou mortal sopro a luz mais pura!

Aquella *Parca bruta*, aquelle *ai! ai!* serão cousa muito boa; mas não gosto.

Mas, ai! digo eu tambem.

Já cobre um véo funebre este livro. Offereceo-m'o Innocencio Francisco da Silva, homem que sempre me honrou com sua amisade, e que já se finou... Vive, porém, o seu espirito no *Diccionario*.

Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol. Eu dou um doce, como em tempo me prometeo um, outro amigo que não vive, Augusto Soromenho (tão malogrado!) se o leitor adivinhar de que trata aquelle titulo de uma obra, de que tenho duas edições. E' a vida de Santo Antonio! Esta é a edição pequena, a de Lisboa, 1754. Foi escripta por Braz Luiz de Abreu. Pelo estylo ninguem de boamente o lê, pela doutrina, sim; é curioso. E adiante.

Les météores, por Margollé et Zurcher, é outro livro que se segue ao *Sol nascido*. E' um dos volumes da conhecida *Bibliothèque des merveilles*.

Aqui temos a 5.ª edição das *Meditações* do conselheiro J. J. Rodrigues de Bastos, impressa no Porto em 1850.

Quando eu tinha vinte annos não se fallava 'noutra cousa e não se lia outra obra. Eu tenho este livro como de sã doutrina; mas, não sei porquê, nunca o pude ler todo. E' confissão franca. O capitulo sobre o duello, não dando novidade, é, comtudo, bem pensado. A proposito: Eu ainda não vi cousa que mais me agradasse no genero do que a resposta dada pelo meo amigo desde Coimbra, o medico Bar-

reto, de Setubal, a um militar que o mandou desafiar.—*Não me posso bater : as minhas armas são livros ; não sei jogar outras. Mas, na qualidade de medico percorro as ruas 'desta cidade de dia e de noite ; procure me, que me encontra.* Magnifico ! Pouco mais ou menos, a resposta foi aquella.

Ora venha cá, snr. padre Theodoro de Almeida, com a sua *Recreação Filosofica !* Sim, snr., vossa mercê não fez obra nova ; mas, imitando, prestou um bom serviço. A sua obra é uma imitação franceza : *Le spectacle de la nature*, impresso em Paris no seculo passado. 'Nestes volumes ainda se aprende muito, apesar do adiantado da sciencia. O volume decimo e ultimo é raro, como é sabido. Não tenho os dez volumes.

Theodoro de Almeida quiz seguir a ortographia sonica, tão preconisada de Barbosa Leão em nossos dias e já defendida muito antes por Manoel José de Paiva, no *Governo do mundo em secco*, e depois por Figueiredo na *Santarenaida* e por outros até Castilho que a defendeo em 1854 em Coimbra, imprimindo alli alguns numeros de um periodico, cujo titulo não recordo agora, com essa orthographia estreme. Theodoro d'Almeida não poude sustental-a : voltou á antiga.

Prosigamos nossa viagem.

Eis-nos em Paris, em 1825. Sae dos prelos um livro que tem feito ruido em Portugal : *Camões, poema.* Nada mais no rosto senão uma vinheta lyrica e no fundo a imprensa ou livraria, *rue Mignon.*

Quem ha ahi que não lesse ainda o *Camões*, de Garrett?

«Correi sobre estas flores desbotadas
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulcro as tem murchado.
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

Livro de valentissimos versos heroicos e de bellesas de subido quilate, quem ha que o não conheça e não saiba de cór um trecho ou outro?

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
Mas dor que tem prazeres;—saudade!

Tudo formoso e bello. Aquelle de meos companheiros de viagem que o não leo ainda, ahi tem um convite nas amostras: não se pódem transcrever mais, que escasseia o tempo.

Antes de deixar Paris, vejamos estas *Merveilles de l'architecture, par Lefévre.* E' um brinde que me fez um cavalheiro perfeito, Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manoel, engenheiro distincto, encarregado das obras do aqueducto das *Aguas da Prata*, em Evora, e de outros trabalhos.

Eis o anno em que eu nasci. Sae dos prelos da Imprensa da Universidade em 3.ª edição o livro *Cartas de Echo a Narciso*, de A. F. de Castilho, 1836.

Tão ruidosa foi a apparição 'deste livro, que até lá 'num convento do Minho foi achar uma esposa ao poeta. Tem magnificos versos como os sabia compor o mestre do lyrismo portuguez :

«Cortava o barco mansamente o rio,
D'ambos os lados branquejava a espuma ;
Avistamos de longe os arvoredos
D'ilha pequena, que sorrindo assoma
No vasto campo azul das patrias limfas.
Terra, terra—bradei—.Subito a prôa
Se inclina á terra, os zephyros se augmentam,
A vela ondêa e freme, os remos lidam,
O intervallo decresce, e pouco a pouco
A florea margem para nós se avança.

E fiquemos hoje por aqui.

VI

Continuemos nossa viagem, meos amigos. Cá nos apparecem as *Lettres Persanes*, de Montesquieu. Leiam, meus companheiros, leiam este livro, que eu não podera ler se não fosse aquella historia, que vos contei ácerca do Telemaco.

O autor do *Espirito das Leis* trata 'nestas cartas assumptos da maxima importancia social. Até me defende a mim e aos que commigo nos damos á leitura dos velhos:

—«Le grand tort qu'ont les journalistes, c'est qu'ils ne parlent que de livres nouveaux, comme si la verité etait jamais nouvelle. Il me semble que jusqu'à ce qu'un homme ait lu tous

les livres anciens, il n'a aucune raison de leur préférer les nouveaux».

Eis a *Orthographia* de Madureira Feijó em 5.ª edição de Lisboa. 1797. Este homem trabalhou a valer sobre o assumpto, e ainda se aprende ao lêl o. E mais nada sobre este.

Aqui nos vem ao encontro o grande Voltaire, famoso encyclopedista, com a sua *Historia* de Carlos XII rei da Suecia, com a historia do grande capitão que bateo exercitos alliados até ao momento de Pultawa, em que desceo, como Napoleão em Waterloo. E' uma traducção em dois volumes, de Francisco X. F. d'Andrade, impressa em Lisboa em 1772. Não é despicienda esta traducção.

D. Branca, ou a conquista do Algarve, obra posthuma de F. E., Paris, 1826.

E' a primeira edição do engraçado poema de Garrett. Publicou-se como se fôra um inedito de Filinto Elysio.

Que bellezas! Trata-se da Tremenda:

«Excommunhão!... não, não, eu abro, eu abro.
Misericordia! não, reverendissimo,
Oh! não me excommungueis. Um porco vivo
Comerei antes... antes.
Uma idosa
Bem apessoada dona abrio a porta;
E o rigido Sueiro, ainda em cuecas,
Pondoroso facão na dextra empunha,
E em manta enorme atassalhando um naco
Tal que a só vista delle afugentára
Synagogas inteiras, triumphante
....

Aproximae-vos, abadessa d'Holgas.
E a timida innocente a passo lento,
Ao bruto sacrificio se encaminha.
C'os lindos olhos mede o desmedido
Bronco pedaço, que o brutal bernardo
Para bocca tão breve ousou talhar-lhe;

E lá teve a infanta portugueza de mascar a tremenda posta de toucinho...

Mais um trechosinho:

«Eram fins desse mez festivo e bello,
Consagrado a João, santo o mais guapo,
Mais garrido e brincão do kalendario;
. . . .
E então as agoureiras alcachofras,
Oraculos d'amor, e as crepitantes
Fogueiras! e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar, como a descuido...
Ai, *mamã*, que me viram quasi!... Nada.
Não salto mais Um só, um só. E o medo
De crestar a orla crespa e bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto;
E vio-se quasi, quasi tudo agora.
Bemdito San João, tudo desculpas,
Tão bom que és, e sanctificas tudo!»

Volvamos ao anno de 1736. Aqui nos apparece um livro impresso em Lipsiae 'naquelle anno: *C. Julii Caesaris commentarii de bello Gallico et Civili*... etc. Esta edição, adornada de estampas, tem no fim em supplemento os escriptos de Hé tio e de Oppio.

Eu só posso ler estes commentarios nas tra-

ducções ; se ao leitor succede o mesmo, prosigamos, que lá para o diante encontraremos excerptos em portuguez deste e d'outros auctores, que escreveram da Lusitania.

Da Imprensa da Universidade saío em 3.ª edição este bom livro, em 1879:

Educação Physica, pelo dr. Augusto Filippe Simões...

Adensado crepe cobre este nome sympathico de um grande amigo, que tive, e que ante tempo deixou a vida, quando ella mais bonançosa lhe apparecia.

Este livro é o que ahi temos de melhor no assumpto.

Não deve haver pae de familia que o não leia.

Manuel pratique de Météorologie, par Fitz-Roy.

E' uma traducção do Inglez, por *Mac-Cleod.*

Sobre o pouco que sabemos de meteorologia este livro diz muito.

Subamos agora á Serra d'Ossa, que nos apparece aqui um Eremita d'ella:

Fr. Manoel de Deus, Eremita de S. Paulo.

No valle formoso, em que situada a ultima casa d'aquella Ordem, está este Fr. Manoel assentado junto de uma fonte, lendo este sermonario, miscellanea de vinte e tres sermões varios do seculo XVII, contendo alguns de raridade. Cá está o de A. Vieira, prégado na egreja das Chagas a Santo Antonio, em 14 de setembro de 1642, vespera da abertura das côrtes reunidas pelo novo rei, D. João IV.

Sobre o thema: *vos estis sal terrae* é de ma-

ravilhar a finura e tacto politico com que o padre jesuita persuade ao pagamento de novos impostos! Considerando o santo como um deputado eleito pelo céo para estas côrtes, faz um famosissimo discurso politico, cuja leitura regala e delicia.

Deixemos a serra d'Ossa e entremos em Paris, onde foi impressa esta obra em 2 volumes:

La science des médailles antiques et modernes. Se bem que atrasada já hoje, como todas as obras de 1727, ainda ensina especies interessantes.

Eis-nos de novo em Lisboa defrontados com esta *Historia de Portugal*, traduzida do Inglez por Antonio de Moraes e Silva. E' muito exigua nos seos 3 volumes; mas não indigna de entrar em livraria estimada. Vincula-a á minha *livraria* uma offerta do um amigo, o snr. visconde da Esperança.

No Porto, ha seis annos, imprimia a *Typ. da Palavra* este raro livro: *Breve analyse dos primeiros 5 § § do jornal o Seculo*... por M. da C. Pereira-Coutinho, Prior da sé velha de Coimbra.

Cobre tambem já um véo mortuario este nome de um amigo... Como eu tenho saudades do tempo de Coimbra, quando em companhia d'este grande trabalhador percorri quantas egrejas e conventos tem e tinha a cidade e arredores até Montemór-o-velho, lendo e copiando todas as inscripções para uma obra que meditavamos dar á estampa, *Epigraphia Conimbricense!* Baldões nos afastaram!

Apenas se imprimio o Prospecto com alguns *fac-similes* lithographados.

Nascera este meu amigo com notavel inclinação para estudos historicos. Na paleographia, mestre, e mestre na epigraphia. Inscripção que elle não lesse difficilimo seria de ser lida d'outrem.

Recordo-me de duas tardes de verão em que ambos nós, deitados sobre esteiras de buinho 'numa loja do Pateo da Universidade, tentavamos ler bem algumas inscripções, como a da *Sapientia*, que parece o não tinham sido antes.

Elle era um Champolion no decifrar, no restituir vocabulos de que restavam apenas fragmentos. Na ultima tarde, eram trindades, saiamos satisfeitos, elle mais de que eu, por se terem lido as mais difficeis d aquellas inscripções.

—Mas leram se! me disse, contentissimo, á *Porta Ferrea*. E olhando para mim, acrescentou, ao ver-me ainda pensativo:—O que?! tem ainda alguma duvida? Voltemos lá.

—Ámanhã, redargui, que já se não vê.

Era uma palavra, que se não tinha entendido bem, não lembro qual, e que se devia substituir na leitura; por *aquesta*.. E era assim, como depois verificámos.

E tudo isto passou! Amigo, *Epigraphia*, tempo que não volta!

A *Breve analyse*, ainda mostra grande lucidez de espirito aos setenta annos.

Aqui nos apparece agora a *Arte Poetica de Horacio*, traduzida por Candido Lusitano, e impressa em 1784, em Lisboa, na Rollandiana.

E' estimada esta traducção. Eu já vi mais

duas; uma, do conselheiro Seabrã, auctor do Codigo civil, e outra de D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, se me não engano. Quem ha ahi que a não conheça? Quem não saiba de cór o verso:

«Spectaculum admissi risum teneatis amici?

Terminemos este passeio, meos companheiros de viagem, com a visita a um bom livro que já não é vulgar:

Diccionario geographico das provincias e possessões portuguezas no ultramar, de José Maria de Souza Monteiro, impresso em Lisboa em 1850.

Trabalho serio e conciencioso; digno de estimação e de posse é elle.

VII

Chegámos a Venesa, á poetica rainha do Adriatico, á cidade cujas ruas são canaes, cujas carroagens são gondolas! E os *doges?* e a *ponte dos suspiros?* e a rainha dos mares em tempos antigos?

Tudo traz á lembrança aquelle nome. Na praça de S. Marcos demora a typographia de Pascali: é em 1769. Aqui temos uma obra em 2 volumes impressa por elle: *Dictionarium Manuale Biblicum*... etc. 4.°.

Em lingua portugueza tambem acolá reclama singela menção outro exemplar menos completo e rico: *Diccionario abreviado da Biblia*, traduzido do Francez, Lisboa, por A. R. Galhar-

do. 1767. Este livrinho já é velho na casa, como aquelles de recente data.

Seis volumes nos apparecem agora, commandados por delgado e esguio capitão (o indice), *Academia dos Humildes e Ignorantes*, por nove iniciaes! sem uma só vogal. Parece ser obra de frade, escondido nas taes iniciaes; e é, na verdade, Fr. Joaquim de Santa Rita, Augustiniano.

Ainda é compilação para se ter e ler.

'Neste ponto da nossa viagem me sae d'entre grosso volume um opusculo de 46 paginas, da typographia *Minerva*, d'esta cidade, impresso em 1862, *A Ilha dos Amores dos Lusiadas, paraphraseada em versos latinos*, por Francisco de Paula Santa Clara. Na opinião dos que a podem ter, este trabalho é um primor de puresa latina e de elegancia. Vá de amostra:

«O quae quàmque optata (dii magni) oscula passim!
Quam dulcis resonat gemitus lucum per opacum!
Quàm blandi motus vocesque! O quàm decit ira,
Quae laetos abit in risus et amabile murmur!

Que contraste! Depois d'este *bijou* salta-nos ao caminho isto:

El Assombro elucidado de las ideas, a arte de memoria... pelo conde de Giatamor, impresso em Madrid em 1735. Tem especies curiosas este livro. Ennumera a 164 sugeitos de grande memoria, sendo o ultimo um *Zbingneo Goraisk* que soube na perfeição nove linguas! Se um homem com um nome d'aquelles não havia de fugir do commum!

— Falto lá eu! exclama d'alli um livro. Falto, sim, falto na lista, que, mercê de Deos, não tenho somenos memoria do que esses 164. E' José Agostinho de Macedo, que já encontrámos 'noutra parte, gritando dentro da sua *Meditação*, poema impresso em Lisboa em 1818. Em verso solto, é este um livro de philosophia, em que o endiabrado ex-frade começa:

Quem sou eu? Onde estou? De quem procedo?

E' pesado; mas fique-se o leitor com elle, se gosta, que eu avanço.

Aqui está a *Vida de Luiz Alves de Lima e Silva, duque de Caxias*, impressa em Lisboa em 1878. E' escripta pelo Padre Joaquim Pinto de Campos. Magnifico volume em vernaculo, com o retrato do duque, uma especie de Saldanha *di lá*, do Brasil.

A descripção da guerra do Paraguay 'neste livro é um quadro famoso. Se algum de meos companheiros a quer ler, prometto-lhe que ha de gostar. Por offerta amiga do sabio auctor possuo este livro, com dedicatoria impropria, por me agigantar, a mim, pigmeo,

«Bicho da terra vil e tão pequeno.

Topamos agora um livro moderno, no Porto, em 1876.

São as *Cartas a um sceptico* que lhe dão o titulo. Traduzio-as do grande Balmes A. A. Leal.

Não sei se este livro tira o scepticismo a

quem o tiver, e se deseje livrar da lepra. Eu, que sou puritano, apostolico e catholico romano sobre christão velho, sem raça de judeo ou de mouro *ném de outra infecta nação*, na phrase dos *reis de armas*, não o leio todo, se bem que optimamente escripto.

Quem me dera no tempo em que eu lia em Coimbra alguns livros de Philosophia do padre hespanhol! Ainda me recordo d'este trechosinho: *La escrita es la ampliacion de la palabra; es la palabra misma zombando del espacio y del tiempo.*

E a graça com que elle, depois de copiar um trecho de Hegel ou de não lembro que outro, em que o *eu objectivo* anda á murraça com outro *eu*, o *objectivo*, exclama:

Basta! que estoy fatigado com tanto io!

Volvamos a Lisboa em 1837. Aqui estão as *Memorias do coronel Luna.*

São conhecidas e devem ler-se. Como diz seo auctor foram escriptas para servirem á historia dos factos de patriotismo e valor praticados pelo corpo academico, que fez parte do *exercito libertador.*

Alli vem o cabo, n.º 6, José Estevam Coelho de Magalhães, a conversar com o soldado, n.º 41, Ignacio Fiel Gomes Ramalho, (unico do Mindello que vive em Evora) e com o Simão José da Luz, e com outros A leitura d'este livro deve ser agradavel a todos os que nasceram depois de 1834. Honra e respeito aos bravos do Mindello! E prosigamos.

Aqui temos um livro de vidas de santos no mez de Janeiro: *Arvore da vida plantada no*

Paraizo da Egreja junto ás correntes da graça... etc. E' uma pagina cheia de titulo! Foi impresso em 1720 em Lisboa, e é seo auctor o Oratoriano João Antunes. Cincoenta e sete santos com nomes bem arrevesados, como Meleusippo e Theopempto! Sigamos.

Entremos agora em Roma, com a peregrinação de 1877, commandada por sua Emminencia o Cardeal Patriarcha.

Peregrinação portugueza ao Vaticano... Coimbra, 1878, por Francisco do Prado de Souza de Lacerda.

Optimo passeio. Com este livao não é preciso ir lá para se admirar o bom de Roma; se não, que o diga o meo amigo Augusto de Calça Pina, unico nome de Evora, que vejo no livro.

Tambem eu ia se tivesse podido, olá, se tinha ido!

Outra peregrinação reclama seos direitos de antiguidade: *Peregrinaçam christã...* etc., outra pagina cheia de titulos! Lisboa, 1744. E' escripto por um sugeito de Condeixa, Tristão Barbosa de Carvalho. Até tem versos ás pedras este livro! ás *pedras que se quebraram na morte do Senhor:*

Perguntam-lhes os homens:

> Dizey pedras duras
> De aspera condição,
> Por cuja invenção
> Cobrastes branduras?

E respondem as pedras aos homens:

Vendo nós aspirar
quem nos a nós creou,
nossa dor, e pesar
logo arrebentou.

Saboreie quem gostar de tão asperos versos, e permita Deos que não *rebente* de tedio

Chegámos a Leipzig ; é o anno de 1876. Compremos este livro na livraria Brookhaus : *Nouvelle mëthode... pour apprendre la langue allemande*, par F. Ahn.

Eu já comecei a aprender allemão por estes opusculos, (são 3) ; mas não passei do

S.	Ich	bin,
	Du	bist,
	Er	ist,
	Sie	ist,
P.	Wir	sind,
	Ihr	seid,
	Sie	sind,

Sinto-me como o papagaio velho, que não aprende linguas, e nem me estimúla o caso de S. Jeronymo (parece-me que foi elle) que depois de velho limou os dentes para pronunciar o hebraico. Ficaremos por aqui.

E eis-nos de novo em Lisboa em 1875. Aqui está um livro traduzido de Mury, por Camillo Castello Branco : *Historia de Gabriel Malagrida*. Bom livro e castiça linguagem. Se algum de meos companheiros quer ler, leia ; leia a historia da victima innocente de Sebastião José de Carvalho e Mello «coração empedrado pelo

atheismo do seu, ainda assim, mal comprehendido Voltaire, *que* odiou n'aquelle lance do terramoto e do incendio, o clero que acudia á desgraça com os confortos da religião e balsamos da piedade. Era-lhe mais agraciado espectaculo ver as duzentas forcas funccionando á toa, que ouvir os clamores dos sacerdotes exhortando á commiseração os maus, e pacientando o exaspêro dos bons».

Viva o auctor do *Perfil* do sobredíto marquez de Pombal, que se não associou aos do centenario!

Estamos chegados a delicioso *oasis*.

Fabulas de Lessing, traduzidas pelo visconde de Santa Monica. Porto, 1880.

Ora isto, sim, meos companheiros, que é um livrinho que vale mais e bem mais do que pesa! Que mimo e graça, tanto na prosa como no verso!

«Porque gostas tu de trapos?
Porque pões tudo em farrapos?
Precisas delles talvez?»
Perguntava de uma vez
O salgueiro
Ao espinheiro.
«Eu de trapos, lhe diz este,
Não gosto, jamais gostei,
E se a quem d'elles se veste,
Os rasgo e os rasgarei,
Não é por delles gostar,
E' por gosto de rasgar!»

Este precioso livrinho é uma offerta de seu illustradissimo auctor.

Paremos agora, meos amigos, a ler a *Historia do Marechal Saldanha*, por D. Antonio da Costa, tomo 1.º 1879. Este livro não admitte scisões na leitura, vae de folego.

Cá está o formoso velho no principio. Que bellesa! Eil-o, como eu o vi em Coimbra, em 1851. Que mixto de intrepidez e de bondade 'naquelle rosto!

Curvo-me devedor diante de teos cabellos brancos, venerando defensor da liberdade, heroe no *cerco do Porto*, semideos em Almoster!

Quereis uma amostra do livro? Assim começa: «Deu a natureza uma feição especial ao duque de Saldanha no complexo de tres manifestações, physica, moral e intellectual da individualidade humana.

«Alto, emcorpado, gentil, attrahia instantaneamente. Revelava-se-lhe no olhar o arrojo e a mansidão. Quando fitava as pessoas ficava-se preso d'aquelle olhar, fogosamente suave, como um quadro de Raphael...»

E basta; lede-o, que depois continuaremos viagem.

VIII

Estamos em Paris em 1863, anno em que se imprimio este livro : *Obermann*, por De Sénancourt.

Este livro é composto de cartas e foi prefaciado por George Sand.

Formidavel livro! Tem ligada uma historia de ha desouto annos : Eu tinha ido a Barcellos, por visitar a um amigo e compadre, Rodrigo Velloso, que todos os homens de letras conhecem. Vasta livraria já n'aquelle tempo! Hoje deve ter mais de 15:000 volumes. A' noite deo-me o amigo um livro para ler; não sei o que foi : era moderno, recente, talvez palpitante de interessè para muitos. Li uma pagina,

se tanto, e adormeci. Isto me traz agora á lembrança aquella anecdota do Bocage com o José Anastacio de Figueiredo, auctor da *Historia da Ordem de Malta*, em 3 volumes *folio*. Figueiredo mandára um exemplar ao poeta; e, encontrando-o tempo depois 'numa rua de Lisboa:

—Então, recebeu a minha Historia de Malta? Tem-na lido?

—Recebi, sim, e obrigado. Já tenho lido alguma cousa.

—Até onde, até onde leo já? perguntava ancioso o auctor, por ouvir o parecer do vate.

—Li a primeira pagina, dou-lhe a minha palavra d'honra que ninguem lê mais.—Matou o homem! E tinha rasão.

El cuento não tem applicação mais do que na dose da leitura.

No dia seguinte perguntou me o meu amigo se gostára do livro. Respondi que não, e que só lera uma pagina. Sorrio se, e 'nesse dia, á noite, deo-me o *Obermann*, que me ia tirando o somno: não descancei em quanto o não li todo.

E' este um livro em que o auctor discorre sobre varios assumptos de philosophia racional, sobre questões sociaes e politicas e religiosas; mas com tal arte, que o auctor vae creando duvidas e não as resolve, deixando ao leitor esse encargo. O outro era provavelmente antithese d'este: tudo decidiria, talvez, mas de modo que o meo espirito não lhe acceitava as decisões.

Impressionou me deveras e para sempre uma

pergunta com que elle acaba um capitulo: — Para onde vae a luz de uma vela quando lhe damos um sòpro? Respondam os meos companheiros, se podem, que eu não sei. Lembro-me que tratava da alma, quando fez a pergunta.

Aqui está agora um livro do padre Antonio Vieira, em castelhano: *Las cinco piedras de la honda de David*...

Madrid, 1676, traduzido por elle proprio. Francisco de Salinas, na approvação diz:

«Esta obra no es solo de la misma rica tela que las demás; pero se el Autor solo puede exceder-se á si mismo, hallo que en ella ay esse excesso...»

Eis comnosco José Agostinho de Macedo, com os seus *Sebastianistas*, impresso em Lisboa, em 1810. Eu nunca morri de amores por este Bejense. Pasmo do que sabia; mas não gosto do seu estylo chulo, ainda em obras sérias: ás vezes nem o entendo, não sei o que elle quer. Alem dos *Burros*, a introducção ao *Oriente* é de uma stulticia repugnante. Leiam e verão se me engano. Passe muito bem, snr. padre José: quem eu lhe quero á perna é o Pato Moniz e o Bocage:

«Berras, trovejas, não commoves,
Gelas a contricção no centro d'alma.

Estamos em Coimbra em 1860.

Dos prélos da imprensa da Universidade acaba de sair este livro: *Ensaios poetico-latinos*, por Francisco de Paula Santa Clara, estudante do 5.° anno da Faculdade de Direito.

E' um livrinho de versos latinos, que fez ruido, por se apresentar tão sabedor um moço de pouco mais de vinte annos. Tem odes a diversos, como ao ex.^{mo} thesoureiro mór d'esta sé d'Evora, que lhe foi mestre em Elvas, sua patria d'ambos. Diz-lhe:

Ac tuo ductu auspiciisque claris
optima ingressus studia et Lycæum;
Tu quidem linguamque notasque Græcas
Me edocuiste.

Caíra sobre Coimbra uma espessa camada de neve, a maior que ainda vi, (parece-me estar a ver os estudantes a formarem enormes bolas de neve e entaiparem com ellas, sobrepostas a Universidade, por conseguirem um feriado!) e descreve-a o joven poeta:

Palladis arcem, Lusiadumque albescere montes
Cernimus; ex alto plurima nixque cadit:
Campus, olivæque, omnia subque jacentia divo
Vix glaciem capiunt; frigore cuncta rigent.

E'-me uma saudade d'aquelles tempos este livro, que o auctor me offereceo então. Era elle, n'esse tempo, um formoso rapaz, com uma linda cabelleira preta, bem cuidada, elegante, aprumado: hoje, curvo da doença, encanecido, já parece um velho! Como é curtissima a nossa existencia! Estou d'aqui a ver na minha *livraria* livros com 300 annos, garridos e frescos, como se impressos hontem; e nós... Nem pensar 'nisto é bom. Vejamos.

Aqui está agora a *Thebaida Portugueza*, de Fr. Manoel de S. Caetano Damasio, de 1793. E' só o 1.º volume.

Que dizer d'este livro? E' um livro de historia com partes fantasiosas, como se topam em todos os que pretendem ver onde só ha escuridão. Ha de ser sempre materia discutida o verso de Camões:

Que em tanta antiguidade não ha certesa.

Apparece-nos agora o arabista Fr. João de Souza, com dois livros: *Documentos Arabicos*, Lisboa, 1790, e *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, 1799. Como subsidio para o estudo da origem de nossa lingua este segundo livro é importante.

O estudo d'esta lingua acabou em Portugal ha muitos annos. Hoje parece que ahi para o Porto existe uma senhora que *arranha* um pouco.

Aos que o vocabulo parecer estranho lembro-lhes:

Arranha o Persiano, arranha o Mouro;
Sabe que *Taurus* em Latim quer dizer Touro,
Que no grego alphabeto o *G* è gama.

O ultimo *professor* que ahi tivemos, foi Soromenho; mas não é ponto assentado se a conhecia. Sei de um facto que robustece o meo parecer: foi preciso recorrer a Guayangos para se entender uma inscripção da sé velha de Coimbra.

Temos aqui um livro comprado no *Cars Voltaire*, em Paris: *Ensaio historico-politico sobre a constituição e governo de Portugal...* por José Liberato Freire de Carvalho.

A ultima parte d'este livro é uma sova monumental nos Inglezes, violadores de Tratados feitos comnosco.

Vá de amostra: «... só a este seo odio implacavel (o dos Inglezes) he que se pode attribuir essa ferocissima e barbara vingança tomada contra proscriptos e desarmados, sobre quem, sem exemplo na historia do mundo civilisado, o braço Inglez descarregou sua artilheria assassina! Assim o sangue Portuguez que a mão Ingleza derramou na ilha Terceira, deve quebrar para sempre tão brutal alliança; e os Portuguezes de hoje tambem devem deixar a seus filhos e netos, como em testamento, o opprobrio d'esta horrorosissima façanha dos Alberdeens e dos Wellingtons!»

Que livrinho é este, tão garridamente encadernado? me pergunta um de meos companheiros.—Abra e veja: *Contos de Andersen*, traducção de Gabriel Pereira, 1879.

Já contei aos meos companheiros de viagem que não sei allemão, e assim não avalio as bellesas d'Andersen senão pela traducção. Mas esta é felicissima. As *conquistas de um collarinho* são, em verdade, um conto engraçadissimo:

«Ora este collarinho já tinha attingido edade sufficiente para pensar, sem censura, em casar-se, e um dia por acaso encontrou-se com uma liga no cesto da barrella .

—Com mil botões! exclamou elle, nunca vi cousa mais graciosa e esvelta. Ousarei eu, minha gentil menina, perguntar-lhe a sua graça?

—Que lhe importa? ora o tolo; respondeu a liga.

—Oh! eu seria o mais feliz dos collarinhos se soubesse a sua morada...»

E assim prosegue o chistoso conto. Devem ler-se todos.

Gabriel Pereira é um filho d'Evora, que o não parece, pelo brilho que lhe dá com sua penna omnimoda. E' unico no trabalhar. Desde o *conto singello* até á escavação séria e profunda no campo ou da historia ou da archeologia tem elle mostrado ao paiz o que vale e não menos que ainda não são extinctos 'nesta cidade os cultores das sciencias e das letras, como nos volvidos tempos de esplendor eborense. Hemos de encontral-o mais vezes, leitor, e portanto prosigamos.

Depois d'este livrinho vestido á moda, apparece-nos um trajando á antiga, de pergaminho: *Illustraçoens aos manvaes da missa solemne...* etc., por Lucas de Andrade em 1660. E' um classico, mas se o leitor não é entendido, como eu, 'nestas materias, deixemol-o em paz.

Aqui temos agora meio de viajar, da India até á ilha de Chipre: *Itinerario da India por terra...* por Fr. Gaspar de S. Bernardino. Lisboa, 1842. E' mestre da lingua este livro: recreia e ensina.

Entremos agora em Evora e deixemos lá Chipre e seos afamados vinhos na antiguidade. *De*

antiquitatibus Lusitaniae... etc.; é obra notavel, escripta 'nesta cidade por André de Resende e 'nella impressa. Esta edição é de Coimbra, em 1790, 2 vol.

Este indefesso mineiro do passado é apodado de haver falsificado, ou, melhor, inventado inscripções, que nunca existiram antes do tempo em que viveo. Não repugna que o ex-dominico se deixasse tocar da sarna que no seo seculo redigia diplomas falsos como Judas, nos conventos, especialmente no de Alcobaça. Eu não creio que fizessem aquillo somente por falsificar em proveito proprio, mas por ostentarem uns e outros grandes conhecimentos ou de paleographia e diplomatica ou de epigraphia lapidar.

Algumas das lapides que estão embutidas na antiga casa da camara, na Praça, são evidentemente falsas ; é só vel-as.

Basta, que este passeio vae fastidioso.

IX

Ora vamos entrar em um trato de terreno em que a viagem se nos antolha mais amena. *Eliezer*, poema de Florian, traduzido em versos portuguezes por M. R. S. A. Braga, 1839.

Estas iniciaes desdobram-se no *Diccionario* de Innocencio. Foi um emigrado liberal e amigo de Garrett, e Bibliothecario da Bibliotheca de Braga.

«Filhos de Zelpha, que, perante as aras
Do Senhor, lamentaes tristes discordias;
E, unicos d Israel, não olvidastes
Sermos povo d'irmãos, vinde a mim todos!
Bem que minguados em familia, vamos,

Vamos ao fertil valle, que se c'roa
Dos montes de Galaad! nelle, entre as sombras
D'antigos cedros, e de encôsto ás rochas
De nossos paes sabidas, pratiquemos
Das venturas de então; dos paes nos lembrem
Priscas virtudes com saudade!...»

Por esta entrada do poema vê o leitor que está escripto em vernaculos e genuinos versos portuguezes, e que sua leitura é convidativa.

Aqui temos dois sugeitos mal conhecidos: Innocencio não fez d'elles menção:

Oração recitada no dia 17 de Novembro de 1751 nas exequias do dr. Manoel Braz Anjo, que foi vice-Reitor da Universidade etc., por Manoel Martins Fontes da Silveira, Lisboa, pelos herd. de A. P. Galram, 1752.

Tem a gafeira do seculo passado em letras, trocadilhos insulsos:

«Era hum anjo, (mas homem) e cedeo,
Como um homem á vida transitoria:
Pizou ao Mundo, pizou-lhe a sua gloria,
E subio victorioso Anjo ao ceo.»

Subiria, ou desceria ao inferno, se é que elle fica para baixo, que das sagradas Escripturas não se deprehende para que lado fica este *reino escuro de Sumano*, no dizer dos Arcades.

Aqui nos sae agora ao encontro um morto illustre, vivo, vivissimo na fama virtuosa: é Fr. Bartholomeo dos Martyres com o seo: *Cathecismo ou Doutrina christãa*, edição de 1684.

Tem no comêço a vida que lhe escreveo D. Rodrigo da Cunha. «A hum fulano de Benavides, tachado de beber muito & de viver soltamente, disse reprehendendo-o: *De maneira que vós sois fulano de Benavides; chamara-vos eu fulano de bene bibis & male vives.*

Do Bailio de Lessa dizia que não era *Bailio* mas *vadio.*

Este bom velho viveo algum tempo em Evora, onde foi mestre de D. Antonio, o filho da *Pelicana*, Violante Gomes, o rei de um momento. E' bem escripto o livro e, como tal, classico.

Chegámos a *Lauzana*, na Suissa: é o anno de 1775.

État présent du royaume de Portugal en l'année MDCCLXVI.

Que livro patusco este, em que um alguem falla do nosso

«Jardim da Europa á beira mar plantado!

No capitulo IV trata de Coimbra o sugeito e diz:

«Cette université contient plus de 4000 écoliers, qui passent leur vie dans la dissipation & l'ignorance; leur grande occupation est de faire des petits curedents de buis, connus en Espagne & en Italie sous le nom de *palitos.*» Bravo!

Paliteiros os estudantes em Coimbra! *Mće!*

Os dislates multiplicam-se:

«Il y a un nombre considérable de poëtes Portugais, dont quelquesuns sont assez bons;

(muito obrigado!) le meilleur de tous & le plus connu dans les pays étrangers est le Camoëns. Son poëme, qu'il a intitulé essez mal à propos as Luziadas, *parce qu'il se nommoit Louis*...»

Bravo! de novo. Isto é que é ser um lôrpa e o mais é historia!

Foi este livro de F. Manoel Correia Pimenta, que por elle pagou 600 reis: eu comprei por menos esta preciosidade.

Eis nos apparecem em Lisboa, em 1787, 4 volumes do *Theatro comico portuguez*, offerecidos a *D. Pecunia argentina.*

Estão n'este Theatro as comedias do infeliz bacharel Antonio José da Silva, *o Judeu*, queimado! pelo *Sagrado Tribunal* do Santo Officio!

Tem cousas a historia das loucuras da humanidade! E ainda por ahi vivem entre nós sugeitos que almejam por esta vergonha, e *in mente* se vão regalando de nos ver morrer assados como se foramos torresmos! Abrenuncio!

Pobre Brasileiro! Porque não havias tu de gostar de toucinho? E tinhas graça, tinhas!

Quer o leitor um bocadinho só da *Guerra do Alecrim e da Mangerona?* Canta um pandego, de nome *Semicupio* esta receita:

Si in medicinis
Te visitamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *ana.*

Credite mihi,
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

Anda-me ahi um filho a estudar e a querer ser medico. Se eu antevisse que o rapaz me sairia *mediquitus de cacaracá*, palavra; que o aconselharia a mudar de vida.

Olá! snr. Antonio Pereira, sabio Theologo! vossa mercê por aqui?

Tentativa Theologica etc., 1766. E' um livro revolucionario, que fez ruido grande e foi traduzido em Italiano e não sei se em outra lingoa.

Se bem que fòra escripto por agradar ao Marquez de Pombal este livro é eruditissimo. Exemplifica no *Proemio* com o proceder de outros imperantes na Europa o de D. José, cortando as relações com Roma em Agosto de 1760. A summa de toda a obra é esta: *que os bispos teem auctoridade para dispensar em todos os casos de necessidade urgente.*

Estamos agora em Madrid em 1627. *Siete libros de L. Ae. Seneca*, traduzidos P.e Frz. Nauarrete. Lindissima portada gravada em cobre, com armas do conde de Olivares, duque de San Lucar, no alto, sustentadas pelas figuras de *Vigilancia* e da *Fama*, esta com a divisa: *mori veto,* aquella com est'outra *ardva jvbeo.*

Pertenceo este livro a um Francisco de Salles Senior, e eu comprei-o ao *Treme-Treme.*

Se os meos companheiros de viagem querem

ler este livro, saibam que trata da Divina Providencia, da Vida bemaventurada, da Tranquilidade do animo, da Constancia do sabio, da Brevidade da vida, da Consolação e da Pobresa. E sigamos nosso caminho.

Já passámos uma vez pelo Brasil nas nossas viagens, e de novo lhe aportamos. *Compendio narrativo do Peregrino da America...* por Nuno Marques Pereira: 1.ª parte, e unica. Lisboa, 1731.

Vamos até Minas com este Nuno: deixemos a villa da Cachoeira; rompe a manhã. Quer o leitor ver os progenitores do *Canto do sabiá?* que conhece:

> Minha terra tem palmeiras
> Onde canta o sabiá:
> As aves que alli gorgeiam
> Não gorgeiam como cá.

Ora ouça e regale-se com as desengraçadas toantes:

> Lá cantava o Sabiá
> Hum recitado de amor
> Em doce metro sonoro,
> Que ás mais aves despertou.
>
> A este tempo se ouvia
> Num raminho o Cirrió,
> Com sonora melodia;
> E com requebros na voz.

De picado o Sanhaçú,
Tão alto soltou a voz.
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada Tapiranga
Quando mais bem se explicou,
Foy por numero de solfa,
Com mil requebros na voz.

Depois canta a passarada toda: A *Guarinhatã*; o *Papa arroz*; o *Picapão*; o *Pitahuã*; o *Fradinho do déserto*; o *Cucurutado*; a *Aracuã* e o *Juruti*; a *Arapanga*, os *Tocanos* e os *Paós*, e muitos mais ainda.

Gonçalves Dias leo isto.

Saltêmos á Europa e a Lisboa. Acabemos este passeio comprimentando a João Penha, que aqui vem de luva branca, cabellos frisados, encasacado, fumando. *Rimas—vinho e fel—violão nocturno—Onofre—lyra de Panglosss.* 1882.

Tambem já me é uma saudade este nome!
Formosa edição e formosissimos versos!

Não me illudem, mulher, o fingimento,
E os enganos da lúbrica impostura:
Correu-se um veu na cérula planura,
E nem vejo o explendor do firmamento.

Que triste o meo destino! Amarulento,
Como o Rei Lear nas sombras da loucura,
Irei chorando a minha sorte escura,
Sôlto o cabello aos impetos do vento!

Mas primeiro ha de ouvir-se no infinito
Como a lugubre nota de um solfejo ;
Um ai supremo, um derradeiro grito :

Vibre a theorba o doloroso harpejo !
E eterno fique o nosso poema escripto...
Nas carnes de um presunto do Alemtejo.

Estamos em Lisboa, em 1754.

Annal Indico historico do governo... do marquez de Tavora etc., 3.ª parte sómente, pelo dr. Balthazar Manoel de Chaves. Para a historia do governo portuguez na India é importante.

Na mesma cidade imprimio o sr. Augusto José Ramos, em 1880, a sua *These inaugural: Etiologia da epilepsia*. Devo este exemplar á honra que me deo o auctor offerecendo-m'o. Conforme ao uso dos estudantes brasileiros, esta these é offerecida a diversas pessoas por amisade e por gratidão. A linguagem deste opusculo é limpa e corrente.

Uma das theses, ou proposições chamou minha attenção pelo que de contradictorio tenho ouvido sobre o assumpto: *Os casamentos consanguineos não deterioram a especie.* Proval-o-ha a sciencia; a observação tem-me mostrado cousas singulares... Sou leigo, adiante.

Do prélo da *Folha do Sul*, em 1868, temos aqui um bom trabalho de investigação: *A Invenção dos aerostatos reivindicada*, etc., por A. F. Simões. Demonstra-se á evidencia 'neste livrinho que antes dos *Mongolfiers*, em França, já Bartholomeo Lourenço de Gusmão ensaiára em Lisboa a solução do problema que ora parece estar, de facto, resolvido. Não se acreditou no invento. O capitulo III compõe-se de poesias a Gusmão, o *Voador*:

«Icaro de baeta tonsurado
Andarim de diaphano elemento
Que em pacabote de não visto invento
Queres ser pensamento, e dás cuidado;

Se ha basbaques que creiam de contado
Da volatil patranha o fundamento,
Eu tão leve não sou, que do teu vento
Nem sequer fie o fumo de um telhado.

E vae seguindo a tosa. A Santa Inquisição quiz queimar o padre, iniciador da grande descoberta, que orgulha hoje a França e elle deo ás de villa Diogo, atravessou o Alemtejo, entrou na Hespanha e foi morrer no hospital da Misericordia de Toledo, na noite de 17 para 18 de Novembro de 1724! Lamento-te brasi-

leiro illustre, como a todos os perseguidos:

Deixemos Evora e vamos até... Goa, onde ainda não fomos: os ventos sopram terrenhos e de feição: ao mar!

Reflexões sobre o padroado portuguez no oriente... por um Portuguez, Nova Goa, 1858.

E foi um portuguez ás direitas, foi, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, o auctor do opusculo. Termina d'este modo: «Abra pois Portugal os olhos, e attente no que tem a esperar do santo furor das roupetas ultramontanas... e convença-se de que, se continuar a dobrar a cerviz ás exigencias da seita pharisaica, ha de querer retroceder quando já não for tempo...»

O actual arcebispo de Goa excommungava Rivara, com certesa, por escrever aquillo.

E volvamos ao continente do reino, que vos quero mostrar um Relatorio que ensina muito. E' o do *Conselho geral das Alfandegas* de 1876—1877, elaborado, se me não illudo, por homem de vigoroso talento, o snr. dr. Antonio José Teixeira, lente jubilado de Mathematica em Coimbra, que foi relator. Mede 185 paginas, com mappas no fim e indice de materias.

Curiosissimo livro e de muito ensinamento é este. E' de pasmar o como seo auctor, alheio a muitos d'aquelles assumptos, em pouco tempo se poz a par dos segredos da complicada classificação de todo o genero de importações! Mas que? se todo o paiz lhe conhece o merecimento incontestavel e grandissima força de vontade? Quer o leitor ver uma curiosidade d'este talento? ora veja se me explica este anagram-

ma, fructo de suas horas de ocio, que não são muitas :

Airas esto in pago donum ori.
Antonio Rodrigues Sampaio.

Este não carece de explicação. Tem graça que as permutações de letras do nome do snr. José Dias Ferreira se prestam a isto :

Desejas rei fora ? Ri !
José Dias Ferreira.

Se os meos companheiros de viagem se não entenderem com o latim do nome de Sampaio, eu verei se lh'o explico. E deixemos este amigo, seguindo nosso caminho.

Cheguemos ao Porto, que vos quero mostrar um bom livro :

Um dos projectos de hospitaes districtaes, com applicação ao novo hospital da Misericordia do Porto, por A. A. da Costa Simões, 1884. Tenho este livro por offerta, para mim muito honrosa, de seu illustradissimo auctor. Já escrevi d'elle 'nesta folha. Ha muito que aprender alli. E' livro para ser lido e aprendido.

Encanecido nos trabalhos da sciencia, Costa Simões, no outomno da vida, está sendo maltratado, como elle o explica no *Conimbricense*. Deplora se ; mas... aqui mesmo já nós vimos ir morrer fugitivo em Toledo um homem estudioso e habil, que dera o primeiro passo para a grande descoberta da navegação aerea !... Os casos são muitos. Mais nada. Sigamos.

Ora venha cá o meo velho amigo, Joaquim Martins de Carvalho, que aqui me apparece ao natural em gravura, se não perfeita, fiel reproductora de suas feições, no n.º 8 do *Jornal dos Artistas*, de Coimbra, em 1879.

Aqui tendes, meos companheiros de viagem, um dos maiores trabalhadores que ahi vivem 'neste paiz *Parvonia*, como lhe chamou o outro. Lêde-lhe a biographia primorosa da penna de um intelligente moço, cujos appellidos de familia andam prezos já ás nossas letras por mais de um liame. Ha alguem que o não conheça? Não ha, que o *Conimbricense* ou suas transcripções lhe tem levado o nome e os trabalhos a todo o paiz. Nasceo em 1822, em Coimbra. *Patulêa*, com orgulho, até á medula dos ossos, soffreo a tyrannia dos Cabraes com outros muitos em 1847, e esteve preso no Limoeiro, d'onde só saio depois da convenção de Gramido, em julho d'aquelle anno.

Prendem-nos laços do trabalho nas classes artisticas, em cujas fileiras honradas com honra militámos em nossos primeiros annos, e depois d'isso, relações d'amizade nunca interrompidas nos caminhos differentes que temos seguido. Parece que a sorte nos fôra madrasta; mas um e outro nos revoltámos contra ella; e, mercê de Deos, que se o acto foi de desobediencia, ambos nos temos mostrado devotadissimos amigos do trabalho, sem deshonra para a classe que nos teve em seo gremio. Temos 'nisto um pergaminho de nobresa, e não córamos de aqui assoalhar este delicto. Deixámos de trabalhar alêm, para trabalhar aqui, com a intelligencia

que Deos nos deo, com a penna sobre o papel, em obediencia ás internas elaborações da mente em actividade. Podera escrever tantissimo sobre o assumpto! Não o faço, que a certos meticulosos poderá isto parecer endeusamento que lhe faço, e apotheose que me teço.

Nada, que temo a penna dos homunculos que lhe enrostam a elle o passado e a mim vituperam (creem elles!) fallando-me na tesoura! Ainda a conservo para as tosquias que me ensinou a fazer Castilho, quando me mostrou como se *tosquia* um *camello*. E basta; que viva o meo velho amigo largos annos!

Entremos em Lisboa em 1781: *Elogio funebre*... da rainha de Portugal, D. Marianna Victoria, por José Joaquim Melitão. Como a primeira palavra o diz, o opusculo põe alto as virtudes da mãe do nosso primeiro *rei-mulher*, a piedosissima D. Maria I, que Deos tenha em sua santa guarda e a todos seus protegidos...

Está aqui um folheto que me diz 'num *N* que tem, que Innocencio o não menciona:

Oração recitada na abertura do collegio do Desenho do Santo Espirito, e S. Lucas... na rua de cima do soccorro n.º 32... composta pelo P. Francisco Clouts Wanzeller, Professor de Philosophia no mesmo collegio etc., etc., etc, e tudo *Philosophicamente explicado (!)* Lisboa, 1815. E' patusca a oração e mal escripta, quanto a mim. Wanzeller diz-se velho, viaja muito no cemiterio e espera resuscitar na propria carne para ver o seo Redemptor. Porque não?

Terminemos este passeio em 1838, em Lis-

boa: *Teleologia*, por Vicente Pedro Nolasco. E' um poema em verso solto. Começa elle:

> Desce, Urania, dos ceos. Da vida as fontes
> Abre: adoça da morte o rude azebre (?)

XI

Chegou o momento, leitor amigo, de lhe apresentar um homem cujo nome e santidade venero deveras. Com franqueza digo que não sei se tivemos religioso mais convicto do que este. E' Frei Thomé de Jesus, o nosso Kempis. *Trabalhos de Jesus*. Em Lisboa, por Domingos Carneiro, 1666. Este homem foi irmão de Diogo de Paiva de Andrade e da condessa de Linhares. Acompanhando a D. Sebastião lá ficou captivo em Africa, d'onde não quiz ser resgatado, fallecendo no captiveiro em abril de 1582. Em materia d'esta ordem não temos nada melhor em portuguez. Ouvi como ella foi escripta: «Commetti esta obra, havendo por industria, e muito segredo papel, e tinta, e escrevendo as

mais das vezes sem mais luz que a que entrava por gretas da porta, ou por agulheiros, e buracos das paredes...»

Aqui nos apparece junto dos *Trabalhos*, que vimos, um livro : *Memorias historicas da ordem de N. S. do Carmo da Provincia de Portugal*, por Fr. Manoel de Sá, 1727.

Este livro comprei eu nas Alcaçovas com outros, ha poucos annos.

Todos sabem (todos, é um modo de dizer) os que se dão ao estudo de nossas cousas que o grande progenitor da casa de Bragança, que nos rege desde 1640, Nuno Alvares Pereira, depois de tocar bem tocados aos castelhanos em Aljubarrota e n'outros recontros, professára no mosteiro do Carmo em Lisboa, que fundára, e alli tinha o nome de Nuno de Santa Maria.

Morreo cheirando a santidade, e de tal modo que o povo de Lisboa lhe ia cantar sobre a sepultura :

El gran condestable
Nuno Alvres Perera
Defendio Portugal
Com sua Bandera
E con su pendone
Nó me lo digades none,
Que santo és el conde.

bis No me lo digades, none,
Que santo és el conde.

Dozentos e desouto milagres, nada menos, obrou o *santo castelhanicida !*

A Affonso Peres Farpado, morador 'nesta cidade de Evora, curou um lobinho, e a João Lopes, morador na Tourega, curou uma filha *que era toda tolheita dos pés, e das mãos e a boca torta.*

Eis se nos depara agora um vivo, o conde de Villa Franca, com o seo livro de boa historia: *D João I e a alliança Ingleza*, Livraria Ferreira, 1884, Lisboa.

Isto sim, que é livro para doutrinar. Leiam, leiam-no, meos companheiros de viagem, em quanto eu vejo quem é este que me toma o passo.

O snr. conde de Raczynski por aqui! *Les arts en Portugal*, Paris, 1846.

Bom livro, sim, senhores, que falla de bellas artes em Evora, onde o auctor vio tudo o que ha de melhor. Quereis ouvir o que elle diz do quadro da capella particular dos Prelados?

«Le tableau de la Vierge entourée d'anges est admirable dans toutes ses parties. C est, de tous les tableaux gothiques que j'ai vus en Portugal, celui auquel je trouve le plus de mérite».

Já estamos outra vez em Coimbra, em 1825. *Diccionario portatil das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usarão...* etc, por F. Santa Rosa de Viterbo. E' um resumo do *Elucidario* conhecido.

Como este frade trabalhou! Este homem dá-me lições a mim, e a outros mandriões conhecidos.

Em testimunho de amisade m'o offereceo em Coimbra o estudante José Caetano Preto

Pacheco, que hoje é distincto advogado e jurista escriptor não sei em que terra d'este paiz de *cocagne*. Nunca mais o vi. Sisudo moço, intelligente e estudioso.

E' preciso aos estudiosos este livro, quando não possa ser o *Elucidario*. João Pedro Ribeiro 'num dos volumes das *Dissertações* corrige alguma doutrina do *Elucidario*.

Estamos em Lisboa, no anno de 1853. *Poesias* de Manoel Maria Barbosa du Bocage. Que homem e que genio! Será pelo muito que lhe quero, que digo o que vou dizer: é Bocage o poeta portuguez de mais estro que ahi tem nascido. O que vae de bellesas por estes 6 volumes! o setimo não o tenho, nem fechado na gaveta!... Vi-o em rapaz, pelo principio de que tudo deve ler o homem.

Morri de affeições por Bocage na minha infancia. Nenhum conheço melhor do que este nosso poeta. Para larga escripta fôra o que eu podia escrever do filho de Setubal.

A viagem, porém, é larga, e eu vou deixal-o, transcrevendo-lhe um soneto, que tem sempre tanta applicação!...

Cara de réo, com fumos de juiz,
Figura de presepe, ou de entremez,
Mal haja quem te soffre e quem te fez,
Já que mordeste as decimas que fiz;

Hei-de pôr-te na testa um T com um giz,
Por mais e mais pinotes que tu dês;
E depois com dois murros ou com tres,
Acabrunhar-te os queixos e o nariz:

Quem da cachola van te inflamma o gaz,
E a abocanhares syllabas te induz,
O' dos brutos e alarves capataz ?

Nem sabes o A B C, pobre lapuz ;
E pasmo de que, sendo um Satanaz,
Com tinta faças o signal da cruz !

Um titulo de livro me apparece agora coberto de crepes : *A exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa*, 1882, por A. F. Simões.

Por este livro se espalham vastos conhecimentos que o desditoso Professor teve no assumpto. Foi a ultima vez em que a penna do amigo escreveo em começo de livro que me remettesse, estas palavras : *A seu amigo Antonio Francisco Barata off. A. Filippe Simões.*

Amigo ! Nada sei do que ha depois da vida... nada !... apesar das crenças. Creio-te na morada dos justos, onde teu espirito immortal permanecerá, como cá na terra em que vivo, brilhante de explendor. Acceita-me esta saudade mais !

Aquelle de meos companheiros que não fosse ver a exposição deve vel-a 'neste livro.

Estamos em 1734 : Galrão imprime : *Espelho da Eloquencia portugueza* etc., de Custodio Jesam Baratta. (João Baptista de Castro).

E' um livro de figuras de Rhetorica, pequeno mas pesado, como os que tratam tal assumpto. Para *finalisar* aconselha esta formula :

«... eu não sey fazer mais, que encolher os hombros, dilatar as sobrancelhas, e render as mãos.

Quem não gostar d'isto não sabe o que é bom!

Sem sairmos de Lisboa temos aqui um castelhano em 1665: *Errores celebrados de la antigvidad*, por Don Jvan de Zavaleta.

Querem os leitores vêr como este Zavaleta trata as mulheres que se dão ao cultivo do poesia?

«La muger Poeta es el animal mas imperfecto, y mas aborrecible, de quantos forma la naturaleza...»

E que tal! Que dirão as poetisas, que possam lêr aquillo?

Volvamos agora ao seculo XVI: *De Contemptu Mundi Libellus valde vtilis.* ✝.

Só este titulo; caracteres gothicos. E no fim: *Impressum est presens opusculum cõpluti per Michaelem de Eguia idiüs octob. anno a salute christiana 1526*. Este livro é o que nós temos em portuguez com o titulo *Imitação de Christo*, de Kempis. Se o leitor gosta do gothico, como o meo amigo Manoel d'Assumpção, orador famoso nas camaras portuguezas, leia, leia, que eu vou indo.

De novo comnosco o José Agostinho de Macedo, amoroso! *A Lyra anacreontica*. Oh! que famoso semsaborão! Umas odesinhas em quadras insulsas, uns nonadas. Ahi vae, leitor, amostra do melhor e do mais poetico. Fallam *Amor* e Abelha:

—Cruel, e maligna abelha,
Que a linda Marcia offendeste,
Tu pagarás com a vida
O crime que commetteste.

—Cruel amor, não castigues,
A minha acção criminosa;
Feri os labios de Marcia
Julgando que era uma rosa.

—A tua acção deshumana
Ficar impune? Isso não;
As azas devo arrancar-te,
Devo quebrar-te o farpão.

—Deixa-me, amor; que mais crimes
Commettes com teos farpões:
Eu firo os labios de Marcia,
Tu feres os corações.

Acabemos este passeio visitando ao livro: *Triumfo da innocencia, poema epico*... por José Anastacio da Costa e Sá. 1785.

O heroe do poema é o principe D. José, filho de outro, que foi torneiro coroado.

O melhor de tudo 'neste livro, 'neste *poema epico* é não conter elle um só verso? E' tudo prosa. Nunca tal vi. E assim começa:

«Eu canto a immortal Innocencia, sempre triumfante da Lusbelina Inveja;»

Ora muito boa noite!

XII

Estes são os *Monumentos e Lendas de Santarem*, do capitão d'artilheria Zephyrino Brandão. Editou-os Corazzi no anno passado.

A este livro e a seo illustrado auctor prendem-me recordações varias: o viver de Coimbra de ha vinte annos e a lembrança do auctor dos *Artefactos symetricos e geometricos*, livro que me ensinou cousas exquisitas em bons tempos, Ignacio da Piedade e Vasconcellos, auctor da *Historia de Santarem edificada*.

E' este um bom livro de historia, como o não fez Vasconcellos, em que o auctor jorira patranhas, esmerilha factos, mistura adrede o antigo com o moderno, por se não tornar pesado ama-

neira o estylo, é grave e serio; é risonho e alegre e folgasão. A uns poderá parecer o auctor ecletico em materia de crenças sociaes; realista sómente, ultramontano, miguelista, republicano até. E' este segredo de nos amenisar a sua obra, onde todos os crentes podem encontrar culto e sacrificar em altares proprios. Este livro é dos que não devem faltar 'numa livraria historica.

Continuemos viagem, que ainda nos ha de apparecer este amigo do estudo cercado de creanças, lindas como os amores.

Retrocedamos na chronologia: eis aqui o snr. D. Antonio da Costa que traz comsigo uma provincia, este Atlante! *No Minho*, 1874.

Fresco e ameno como a provincia é este formoso livro.

Garrett chamou á *saudade gosto amargo de infelizes*, e D. Antonio define-a assim:

«E' a hora da saudade.

«Da saudade: *sorriso formado de lagrimas.*»

Este livro lê-se, não se descreve, exclama d'ali um castelhano, Cervantes, mostrando-nos *Vida, y echos del engenioso cavallero Don Quixote de la Mancha*, Madrid, 1714. E' só a primeira parte d'esta edição ornada de gravuras em cobre, semeadas pelo texto.

Este volume foi lido por um inquisidor qualquer, por um zelador da moral, que traçou no livro algumas paginas onde a honestidade parecia periclitar! «Y fue, que una noche estando yo em mi aposento con sola la compañia de una doncella, que me servia, teniendo bien cerradas las puertas, por temor que por descuydo mi

honestidad no se visse en peligro...» Não ha mais conto, que o huiò togado trancou a doutrina. Pois, leitor, se quer ver o resto procure outra edição, e console-se por agora com estes philosophicos versos:

> Es de vidrio la mugér,
> Pero no se ha de probar,
> Si se puede ó no quebrar,
> Porque todo podria sèr.
> Y es mas facil el quebrar-se,
> Y no es cordura poner-se
> A peligro de romper-se,
> Lo que no puede soldar-se.
> Y en esta opinion estén
> Todos, y en razon la fundo,
> Ou si ay damas en el mundo,
> Ay plubias de oro tambien.

Estas *chuvas de ouro* são as que levaram Victor Hugo a escrever a poesia que começa:

«Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe!

em que ha a linda comparação:

> como na folha
> a gotta d'agua
> pura scintilla,
> e, saccudida,
> presiste, e lucta;
> treme e vacilla;

E linda perola
ao sol brilhando
se nos mostrou,
e é lodo apenas,
se desprendida
ao chão tombou.

Assim foi ella....
....

Mas esse lodo
a gotta d'agua
conserva ainda;
e p'ra que possa
deixar a terra
ser pura e linda,

E como perola
mostrar um dia
o seo esplendor,
carece, a triste,
de um raio ardente,
de sol, d'amor!

Eis nos apparece agora pessoa de nossas relações, que já encontramos 'noutro ponto. *Panteon Maranhense*, pelo dr. Antonio Henriques Leal, Lisboa, 1873, 4 volumes 4.º com magnificos retratos de Maranhenses illustres.

O primeiro biographado é o poeta Manoel Odorico Mendes, o famoso traductor de Virgilio e Homero.

Tomara-me eu no tempo em que o dr.

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio me deo a lêr em Coimbra a traducção de Odorico!

Querem vêr como Odorico termina um soneto ao vencedor de Solferino e vencido de Sedan?

«Mentes ao Papa, mentes á Inglaterra,
Que já nos paroxismos da amizade,
As queixas guarda e se apparelha á guerra.

«Despresas, Bonaparte, a humanidade,
Volves do inferno, Luiz onze, á terra...
Oh! poço de fallacia e de maldade!»

O tomo 3.º désta obra é consagrado ao primeiro poeta brazileiro e portuguez, A. Gonçalves Dias, morto no naufragio do *Ville de Boulogne*, em 2 de Novembro de 1864, ao avistarse ja o Maranhão, a patria!

Eu tenho muito amor a Gonçalves Dias e aos seos escriptos. Se elles são uma bellesa!

«Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, guerreiros,
— Ouvi meo cantar.»

«Valentes na guerra
Quem ha, como eu sou?
Quem vibra o tacápe

Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
—Guerreiros, ouvi-me;
—Quem ha como eu sou?

Se o leitor gosta, como eu gosto, deste brilhante genio, leia suas obras, e sigamos.

Entremos em Braga em 1857. *Analyse critica sobre os vicios de linguagem* etc., etc., por G. de Moura Coutinho. Já morreo este rapaz intelligente e estudioso. A *Analyse* já revela grande leitura classica e bom gosto. Parece que se dedicava á vida ecclesiastica este moço malogrado, que viria a ser um ornamento della. Não se perde o tempo a lel-o.

De Braga volvamos a Lisboa em 1831. Aqui temos um livro offerecido *ao muito alto e poderoso rei o senhor D. Miguel I: Arvores de costados das familias nobres dos reinos de Portugal Algarves*, etc., por J. B. Canaes de F. Castello Branco. E' um segundo volume nascido antes do primeiro! «Este segundo volume, que sahe primeiramente á luz, contém os costados (que ossaria!) de quasi todas as Familias Illustres das Provincias de Entre Douro e Minho e Traz os Montes:...»

Eu não li ainda este livro (é a corcunda) porque nunca pude gostar deste genero de estudos, maiormente depois que o *marólo* do Filinto me ensinou a chamar *engrimanços pardos* á sciencia dos brazões, á heraldica. Eu não entendo um escudo de armas; não, senhores, a não ser o dos Costas por que teem umas cos-

tellas (ossos) e o dos Gralhos porque teem cinco gralhos de prata.

Eis todo o meu saber! Pois eu havia lá de gostar de uma *sciencia* que não falla nos meos? *Baratas!* chapadissimos plebeos, que nem ainda entraram nos Nobilarios. E eu conheci em Coimbra um que parece ter sido fidalgo no nome; nas acções não sei: Diogo Barata. Que *engrimanços pardos* terão elles, os Baratas, por escudos d'armas? Palavra que o desejo saber; porque aspiro ainda a poder ser *filho de algo*. Era um favor que eu recebia, o de alguem me explicar esta cousa.

Ora venha cá, snr. creador da Diplomatica em Portugal, snr. João Pedro Ribeiro, com os seos cinco volumes, *Dissertações chronologicas e criticas* etc., 1811, Lisboa. Este exemplar tem duas estampas no 2.° volume que tenho visto faltarem n'outros exemplares. Illustram a *Dissertação* VI. Adquiri estes livros por uma troca que fiz com o livreiro A. Rodrigues, do *Pote das Almas*, dando-lhe um 5.° volume da *N. Floresta*, se bem me recordo. Estes livros não podem agradar aos meos companheiros de viagem, que sei patriotas e christãos; porque o demonio do padre não fez se não negar lendas, como a da *Apparição* etc. E' um *bota a baixo* tudo o que não for authentico e genuino! Deixem commigo este derrocador, e caminhemos.

Aqui estão dois exemplares da *Ilha dos Amores, de Camões*, em versos latinos, escriptos por F. de P. Santa Clara, que nós já encontrámos; mas são dois exemplares em papel *Whatman* e em papel *chinez* dos 6 que se im-

primiram, uma raridade, devida ao illustre amador, Mecenas de alguns, o dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, amigo das lettras e de seos cultores.

Preparações para a eternidade. offerecida ao descuido humano, pelo padre Ignacio Manoel, da companhia de Jesus, 1705, Lisboa. A paginas 76 tem este livro (que para muitos seria corcunda) uma estampa de amedrontar. Quer o leitor vel-a? o esqueleto de um rei, assentado sobre o globo, coroa na cabeça, segurando umas fitas com estas letras: *Intrare necesse est per alter vtram*. E lá em cima: *gloriae — gehennae*.

Abrenuncio! Vade retro!

O que tem de melhor este livro é dar-nos esta novidade, assim:

«A morte não he tão feya como se pinta».

Quem se quizer apparelhar para a jornada da eternidade, venha a este livro-armazem de cordoalhas, onde tudo achará para metter na barcaça.

E vamos descançar em 1668 na typ. de Diogo Soares de Bulhões na capital do reino, onde se imprimio este livro: *Breve discvrso contra a heretica perfidia do ivdaismo*. etc. etc. e etc., por Vicente da Costa.

Pobres Judeos com este demonio pela prôa! Desterros, expulsões, mortes!...

Tem este livro uma charada historica, que aqui offereço a premio aos amadores: «Neste tempo (1563) foy a conspiração d'Euora sendo o Infante Cardeal Inquisidor geral».

A quem me explicar isto darei de boamento

o *Diabo Fechado na minha gaveta*, do Rosalino Candido Sampaio e Brito, que faz um *calemburgo*, como escreve o Garrett, chistoso e applicavel a certos politicos berradores e maldizentes, *Sem Chupança* (Sancho Pança).

Muito habil !

XIII

Encontramos, ao começar o passeio de hoje, a Manoel de Lyra, o velho impressor de Lisboa. *Officia propria Ecclesiae eborensis*, 1607. Armas reaes de Alexandre de Bragança, arcebispo de Evora, com uns dos *engrimanços* em cima do escudo, talvez por mostrar que o homem não foi filho de rei. E' todo em latim este opusculo, com excepção de uma Portaria final, em portuguez, *Dada em Villa Viçosa sob nosso sinal, & sello aos oito dias do mes de Feuereyro do anno de 1607. E eu o secretario Frãcisco da Mesquita a fiz.*

Venha cá, snr. Bersane, que ha tempos que o não vejo!

Quadras glosadas, 1804. Vossa mercê escreveo bem, fez bons versos. São as quadras offerecidas á *condeça de Oyenhausen*, a famosa Alcipe:

Celeste Alcipe, agrilhôa
Os meos Destinos adversos,
Aos pés do teu aureo throno
Acolhe os meos rudes versos.

Naturalissimo. Quer o leitor mais um trechosinho?

A doença do ciume
Não a cura a medicina.

GLOSA

Magro, secco, sem chorume,
Amarella a côr do rosto,
Neste estado me tem posto
A doença do ciume:
Eu amava por costume,
Eis zelos de uma Nerina
Me causárão tal ruina;
Já que quiz meter-me em restia,
Morrerei, que esta molestia
Não a cura a Medicina.

Somos velhos conhecidos, creia; pois eu havia de me esquecer do espivitador de Bocage no famoso improviso do canapé, com que vossa mercê lhe rasgou os calções de riço?

Fugio do incendio de Troia,
Lá desse incendio voraz,
Eneas co'o pae ás costas
E o moço co'o aquillo atrás.

Era velho o canapé. Resposta :

Lá que Deos formou o mundo
Em seis dias, é de fé,
E ao setimo descançou
Aqui, 'neste canapé.

E o snr. Bersane redarguio :

Muito antes d'haver mundo
E de existirem Adões,
Já eu tinha este preguinho
Com que rompia calções.

Veja como eu me lembro e como somos conhecidos. Ahi vae o final de Bocage :

Quando a velha eternidade
Por esta casa passou,
Disse a este canapé :
Sua bençam, meo avô.

Vamos andando. Aqui apparece um livro que Innocencio não poude ver ; é raro : *Arte de Figuras* etc. Não copio mais, que o titulo é vastissimo. Domingos Fernandes foi sêo auctor.
Eu declaro aos amigos da Rhetorica que nunca vi obra mais completa nesta materia. E' de Lisboa, 1743.

Se o leitor as quer ver todas arregimentadas, eu lh'as faço apresentar armas. Sentido! Desde a *Accirologia*, *Allæotheta e Anadiplosis*, na letra A até á *Tupinosis*, *Tesiphone* e *Zeugma* são dezenas de nomes arrevesados: *Homœoteleuton* e *Catatyposis!* Como isto é estranho á nossa indole!

Prosigamos, que o assumpto não é para todos.

Reflexões á sacratissima Paixam de Jesu Christo, pelo Marquez de Valença, D. Francisco de Portugal, 1747, é cousa sem sabor, de que nenhum de meos companheiros pode gostar, e por isso deixemos tal livrinho.

Aqui está Gil Vicente com suas obras em 3 volumes, Lisboa, 1852.

Teve graça a valer na côrte de D. Manoel e de D. João III este nosso pae do Theatro portuguez.

Ai! que liberdades de phrase!

Não vae de amostra, não. Só um trecho da Barca do Purgatorio, que é lindo:

Remando vão remadores
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava,
Filho de Deos se dizia.
Anjos eram os remeiros,
Que remavão á porfia;
Estandarte de esperança,
Oh quão bem que parecia!
O masto da fortaleza
Como cristal reluzia;
A vela com fé cozida

Todo o mundo esclarecia ;
A ribeira mui serena,
Que nenhum vento bolia.

E mais nada : leiam Gil Vicente, que vale a pena.

Ainda em Lisboa, em 1814, foi impresso o *Roteiro terreste de Portugal*, por João Baptista de Castro, já em 3.ª edição. Tem um trabalho curioso sobre as *vias militares romanas*, e lá se conta em nota aquelle caso de um Prior da Tourega que achou 'numa inscripção romana um *São Viario*, bispo, traduzindo as palavras : *Viro viarum curandarum, sive, episcopo !*

Vêde agora a *Musa pueril* de João Cardoso da Costa, impressa em Lisboa em 1736. Tem algum merecimento este vate, apesar da gafeira do gongorismo. Esta quadra é linda :

«Desvela-se uma rosa, madrugando
Só para ver do sol a formosura ;
Porém tanto que o avista, com brandura,
O mesmo sol a vae amortalhando.

E' tambem humorista, e, no genero, menos máo. Querem ver pela primeira vez desculpar os erros typographicos, em verso ?

«Se acaso algum erro achares
Facil ha de ser a emenda ;
Pois nem o maior cuidado
O pode evitar na imprensa».

Entremos em Coimbra em 1692. José Ferreira imprime : *Breve Epitome da. . . vida. . . de S. João de Deos*, por Balthesar Gvedes. Livro microscopico, traduzido do castelhano. Tem puresa de linguagem, é classico. Sobre este assumpto o que eu conheço de melhor; quanto ao titulo, pois que não li o livro, é o seguinte :— *Jogo do berimbáo, tres caravellas e uma náo. . .* ou vida de S. João de Deos, etc ! Mostrou-me este livrinho em Coimbra, na Bibliotheca da Universidade quem já me não mostrará outro. . , o snr. dr. A. F. Simões. Diga-me o leitor se já vio titulo tão curioso e patusco ?

Estamos já na Haya, *chez Gossé Junior* em 1777. *Œuvres de Chaulieu*, 2 tomos 8.º peq. Luxuosa encadernação com guardas de setim côr de rosa, ouro, marroquim, luxo. Foi esta obra de *M. A. Senna Azevedo*, que não sei se foi homem, se mulher, se quê.

Escreveo bem este abbade, e foi estimado. Contra a corrupção do estylo e o máo gosto dos poetas do tempo, disse o abbade :

. . . .

Le dur, l'enfle, le bizarre
A sa voix reprend vigueur ;
De son Ecole l'Auteur
Le plus plat se croit Pindare :
Danchet même a cette erreur.

. . . .

Ferrand, chez qui se conserve
Dans un esprit vif et doux,
Ce qui reste de bon goût ;

C'est toi qu'Apollon reserve
Pour opposer á ces foux.

Sauve ta chere Patrie
De l'invasion de goths,
Qui montés sur de grands mots,
Ramenent la barbarie
En triomphe chez les sots.

Tambem por cá tivemos e temos poetas d'aquelles, bifurcados em grandes palavras, infelizmente para as letras.

Em Lisboa, em 1790, se imprimio esta *Regra da Ordem Terceira* da Mãi Santissima..., do Monte do Carmo... por Fr. Miguel de Azevedo.

A nobre arte de Thalia é verberada neste livro com citações bastas. De Lactancio: *As impurissimas representações dos comediantes, que outra cousa fazem mais que cevar desejos sensuaes?* Este livro devera eu ter lido; mas não quero ter corcunda na livraria: *ja cá canta;* mas aconselho-vos a não lhe tocar. Sigamos.

Um anno depois de se imprimir aquillo, saía dos prélos de A. Gomes, na mesma cidade, um melhor e bem melhor livro: *Panegyricos do grande João de Barros,* segundo a edição de 1533, por J. F. Monteiro de Campos Coelho e Soiza. E' um destes panegyricos a D. João III, o nosso amigo da Inquisição; á Infanta D. Maria outro; um terceiro de Antonio de Castilho ao supradito João, que pelo numero não perca; e mais dois a Bernardo do Brito, o das patra-

nhas, e a esta cidade de Evora. Ganha-se com a leitura deste livro, meos companheiros de viagem, por isso vol-o recommendo.

Aqui topamos agora a *Rochefoucauld* com suas maximas. Não sei se as conheceis todos os que me seguis. Ahi tendes uma; se gostardes, é lel-as todas:

«Ce qui parait générosité n'est souvent qu'une ambition déguisée qui meprise de petits interêts pour aller á de plus grands».

Isto é o que se chama andar em bolandas: eis-nos em Lisbôa, em 1734, com um livro, ou de que se não fez cargo o meu fallecido amigo Innocencio, ou que não conheceo, se me não engano: *Devoção do Santissimo Coração de Jesus...* por Fr. Francisco Brandão, segunda edição, XVI 320 paginas. Este livro comecei eu a ler; mas não gostei delle: pareceo-me aguado o estylo e rasteira a lingoagem.

Mas antes de deixarmos a capital, cá nos apparece um nosso conhecido, que *morreo de fome no Brazil*; (horror!) é Luiz R. Soyé, com o seu *Sancho erotico*, impresso por Ameno em 1786, edição com gravuras coloridas.

Innocencio gaba-lhe o erudito Prologo, e com rasão. O homem foi chamado *Mirtillo* na côrte do Parnaso onde engraxou as botas de Apollo.

Vá de amostra:

«A terna mocidade alegre canto;
Não da guerra cruel cegos furores;»

E prosegue em 6 cantos em outava rima, que hoje estão postos ao canto, como D. Fran-

cisco Manoel encontrou a Camões no *Hospital das Letras.*

Chegamos a Paris no anno nono da republica: *Fables choisies, mises en vers, par La Fontaine.* Dois volumes pequeninos. Filinto traduzio-as, como sabem, de modo que, se algum de vós as não pode ler em francez, não se incommode, leia-as em portuguez, e bom.

Paremos aqui: *L'art de désopiler la rate, sive de modo c. prudenter, en prenant chaque feuillet pour se T. le D A. Gallipoli de Calabre, l'an des Folies 175880.*

E' este um livro de verão, ou para verão; fresco. Elle ensina a desdobrar aquellas iniciaes; mas eu não me atrevo. E termina, como nós vamos terminar este passeio:

> Ah! fuyons d'un faux sçavant
> La sombre mélancolie,
> Et retirons-nous souvent
> Dans les bras de la folie.

Este livro traz-me á lembrança um, com titulo parecido, que fôra encontrado em Coimbra, no deposito dos livros dos extinctos conventos, onde hoje está o *Instituto: L'art de peler.*

Só aquillo. Tinha sido dos frades cruzios. Parece-me estar a ver rir a bom rir o fallecido dr. Achilles quando se lhe mostrou aquelle livro, que talvez ensinára *cantochão* aos frades! Tinha um questionario, a que respondia que sim, sobre extracção de *quintas essencias* e sobre *orchestras* e sobre mil cousas! Houve lá

quem o quizesse traduzir, tão notavel lhe parecia, como mal lhe cheirava!

XIV

Chegámos a Madrid em 1782.

Apparece-nos agora um grande trabalhador, Henrique Florez com a sua *España Sagrada.* Tenho aqui só os volumes XIII e XIV, os que respeitam á Lusitania e ás dioceses della. Eu creio que todos os que me acompanham a conhecem bem; mas, dado que algum a não conheça fique esse sabendo que se houver de escrever de nossa historia ecclesiastica tem de ler esta obra e estes volumes.

Volvemos a Lisboa onde já tantas vezes temos entrado com a soberania do nosso pensamento. Entremos na typographia da Academia, onde se imprime este bom livro em 1798: *Ob-*

servações historicas e criticas... da Diplomacia portugueza, por um nosso conhecido, João Pedro Ribeiro.

Este exemplar é perfeitamente unico. Dourado nos aparos, encadernado em marroquim, luxuoso, contendo um indice começado no principio e acabado no fim, e muitas e importantes correcções no texto, da letra do proprio Ribeiro, este exemplar foi de seo uso, sem duvida.

Este escriptor é amigo das verdades nuas e cruas; pena foi que não se apurasse mais na grammatica, que, por vezes, muito claudica.

Aqui nos sae ao caminho um livro bem pensado e erudito: *Idea de vn principe politico christiano representada en cien empresas*, por D. Diogo de Saavedra Fajardo. Se algum de meos leitores for rei, ou aprendiz d'aquelle officio leia o livro, que muito ha de aprender, affirmo-lh'o.

Cá está Jeronymo Soares Barbosa com a sua *Grammatica Philosophica* em 3.ª edição 1862. Esta grammatica é mui prolixa e prolifica: della tem nascido centos de filhinhas, melhores ou peiores, até á do snr. Bento José de Oliveira, que foi meu condiscipulo em 1854, a qual passa por boa, e no meo tempo de Coimbra por ter sido enfaxada, ao nascer, por habilimo parteiro, que entre nós conhece optimamente humanidades e magistralmente o Latim.

Podesse eu voltar ao tempo em que, artista em Coimbra, (não me canso de o escrever, em que peso a uns racas que me lançam em rosto esta vergonha de minha vida, coitados!!!) me topei com este sabio sincero no *Calvario*, do

Bussaco, e ali tive a honra de com elle conversar bastante sobre letras e litteratos!

Que velhusco é este que ora avulta além, com suas vestes encarquilhadas? E' Luiz Dias Franco com este livro: *Doctrina Philosophica*, Olysippone, 1618. Grande portada, gravada por *Dñc' Vrbin'*, representa o menino Jesus, cercado d'anjos e de flores e encostado á cruz.

Com excepção de umas licenças para a impressão, em portuguez de tarifa, tudo 'neste livro é em latim pesado. Não sei latim, com que magua o não digo, eu, que me podia ter regalado com a leitura delle! Assim só posso dizer ao leitor que veja se me explica uma *tirada* que elle traz sobre *Lacrymae cur aliquando sint calidae, & aliquando frigidae?*

A demonstração das *lagrimas frias* deve ser materia de sublime philosophia! Fallará das do crocodilo? E eu sem saber latim!

Aqui está Ricardo Pinto de Mattos com o seo *Manual Bibliographico! Portuguez*, Porto, 1878, com prefacio do meo honrador e mestre, Camillo Castello Branco. Deste livro só posso dizer que suppre o *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio Francisco da Silva, a quem não poder ter este. Já não vive o auctor e cá ficou o livro!

Segue-se, como é natural, de camaradagem, o *Diccionario* com os seos dez volumes, ainda nus de encadernação, incluindo o já publicado pelo meo bom amigo P. W. de Brito Aranha.

O merecimento d'esta obra está explicado na extracção da edição. São raros os exemplares, e já se vendem por trinta mil reis.

«L'amour, panique
De la raison,
Se communique
Par le frisson.

Laissez moi dire,
N'accordez rien.
Si je soupire,
Chantez, c'est bien.

Si je demeure,
Triste, á vos pieds,
Et si je pleure,
C'est bien, riez.

Un homme semble
Souvent trompeur.
Mais si je tremble,
Belle, ayez peur.

Que canção é esta? me pergunta alguem.— Pois não a conhece? E' uma das de Victor Hugo, do seo livro: *Chansons des rues et des bois*. Paris, 1866.

Pasmoso velho, juvenil poeta, assombroso genio! Salvé!

Grão de arêa perdido na confusão de tantos, eu te saudo!

Olhem quem aqui nos apparece agora, ao lado de Victor Hugo!

Rénan, o auctor da *Vida de Jesus*, que tanto ruido fez no mundo ha 18 ou 20 annos.

Mostra-nos elle este livro: *De l'origine du langage*, 1864.

É livro erudito e bem pensado.

Deixemol-o com os philologos e sigamos:

Estamos em Lisboa, em 1880: este livro pertence á *Camoniana*, á multidão de escriptos concernentes ao tricentenario da morte de Luiz de Camões: *Ignez de Castro – Iconographia, Historia, Litteratura.*

Edição de luxo feita por antigo amigo, Annibal Fernandes Thomaz. Este é o numero 94 dos 156 que se imprimiram, e que por elle me foi offerecido.

A. F. Simões, A. Mendes Simões de Castro e A. A. Fonseca Pinto são os que discorrem sobre os tres pontos indicados.

Tem o volume no fim um breve impresso, uma demonstração de audacia minha:

Carta ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} snr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto depois da leitura do episodio Ignez de Castro etc. Evora, 1881. Ainda hoje tremo com a ideia da camisa de onze varas em que me metti, tentando defender a meo compadre e amigo, o snr. Santa Clara, de uns reparos que se lhe fazem na parte do livro —*Litteratura*. sobre a collisão de uns *ss*! 'Noutra me não metto eu!

Aqui está um livro em 4.° impresso com tinta amarella na capa, que resa assim: *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina*... etc., por Bernardo Antonio Serra de Mirabeau. Offereceo-me este exemplar seo illustradissimo auctor. O superlativo é pouco para este professor distincto: diga-se tambem bonissimo cidadão e homem, e prototypo do carinhoso pae de familia e do esposo modêlo. Não

é isto incenso aduladoramente queimado: apel-lo para os que o conhecem.

E' livro de grande trabalho de investigação e de accurada contextura e puresa linguistica.

Enchêo-me de tristeza a leitura deste volume. Como é fugitiva nossa existencia e rapidissima a nossa passagem!

Querem os meos companheiros de viagem uma prova? Conheci João Lopes de Moraes, o que receitou *chá de flor de carqueija* a D. Maria II, n'um leve incommodo que teve!

Antonio Joaquim Barjona, o grande clinico, que ao saltar em Gibraltar salvára uma filha de um rico inglez de morte declarada, recebendo larga recompensa, quando ia para a emigração com outros liberaes, recompensa que por todos se distribuiu; Jeronymo José de Mello, o culto professor a quem não menos do que a sciencia eram familiares as boas letras; Florencio Peres Furtado Galvão; José Gomes Ribeiro, cujo tacto medico ainda hoje é de nomeada fama; Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu, o devotado a D. Miguel e á sua causa; Sebastião d'Almeida e Silva; A. d'O. Silva Gaio, o eloquente orador, o auctor do *Mario;* M. J. da Silva Pereira. que ainda me parece estar vendo a despedir-se de mim, com um véo de tristesa no rosto; Manoel Paes de Figueiredo e Sousa, o excellente clinico; A. da C. Vieira de Meirelles e A. Filippe Simões!.., Silva Pereira, Meirelles e Simões foram meos amigos. Vêde se este livro me não será um despertador de saudades!...

Bem dizia eu que o viajar 'numa livraria o mesmo é que passeiar 'num cemiterio.

Temos agora aqui a um morto illustre, tão malogrado na vida! A. P. Lopes de Mendonça: *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal*, 1859. Trabalho consciencioso sobre o chronista perseguido dos padres Inquisidores, é mui digno de leitura.

Entremos no Porto em 1873 para alli terminar este passeio: *Archeologia Artistica*... por Joaquim de Vasconcellos.

Offereceu-m'o elle, este fasciculo III, que cura do catalogo de musica de D. João IV.

Joaquim de Vasconcellos... Joaquim de Vasconcellos... tem trabalhado e gasto grandes quantias com impressões de livros.

Viaja com um frasco d'agua purgativa.

XV

Chegámos á região dos *microformes* (com perdão de gregos e de latinos). Isto de ser sabio é cousa muito boa; precisa-se de um só termo que exprima *livros de pequeno formato*; e vae o que fazemos? *Recipe*—Raizes gregas, *quantum satis*; folhas latinas, meia dose, e zaz! Mistura-se e sae aquillo, hybrido, *microforme*.

O primeiro que nos apparece é o *Oratorio sacro de soliloquios do amor divino*, de Fr. *Thomé de Jesus*, que já encontramos 'noutra parte. Lisboa, 1805. E' estimado e tem pureza de portuguez. Não se podendo esquivar ao gosto litterario de seo tempo, trás elle um acrostico ao divino que resa assim:

Magnificat anima mea etc.
Ad te levavi oculos meos etc.
Retribue servo tuo, etc.
In convertendo Dominus etc.
Ad dominum cum tribularet etc.

Com a resa dos cinco psalmos citados diz-nos o bom do captivo que tudo alcançaremos da Virgem Maria. Assim, era dever meo o não deixar de chamar a attenção de nossos leitores para este remedio, dado que algum o não conheça.

Entremos em Lisboa em 1657.

H. V. de Oliveira imprime em sua officina *Obras varias de D. Geronimo de Cancer y Velasco*. Foi estimado no seu tempo este Cancer. Para convidar o leitor a ler ou não ler a este castelhano, offereço-lhe uma amostra: *A vn hombre mui rico, qui á nadie quitaua el sombrero :*

«Mormura el vulgo seuerό,
a quien nada se le escapa,
que a todos quitas la capa,
pero a ninguno el sombrero :
mas para no ser grossero
obliguete tu interes;
y haz cuenta Fabio que es
con riqueza tan estraña,
tu cabeça nueva España,
descubrela, y sè cortes».

Como o leitor percebe, o final allude ao dès-

cobridor Cortez, e 'naquillo parece que está o chiste.

As grandes riquezas possuidas de uns certos, que nós conhecemos, fazem d'aquellas grosserias. Adiante.

Eu disse aos meos companheiros de viagem que a *minha livraria* não me era como corcunda do corcovado, que nunca a vê, e disse a verdade.

Esquecia-me dizer-lhe, porém, que ha 'nella um lobinho, pelo menos, que só posso apalpar sem ó ver. Pertence ao lobinho este livrinho: *Joya riquissima de corações limpos* pelo cruzio de Coimbra, D. Fernando da Cruz, 1724.

Tenho-o apalpado mas não visto.

Le Metamorfosi di Ovidio, de Andrade dall'Angvillara.

In Venetia, 1572. Começa o homem:

Le forme i noui corpi trasformate
Gran desio di cantar m'inflama il petto,
Da i tempi primi a la felice etate,
Che fu capo a l'imperio Augusto eletto.
Dei, c'hauete non pur quelle cangiate,
Ma totto a voi piu volte il proprio aspetto,
Porgete a tanta impresa tale aita,
C'habbiano i versi miei perpetua vita.

Tem 15 cantos este trabalho.

Aqui nos apparece agora por primeira vez o queixoso Tolentino. *Obras poeticas*, Lisboa, 1828, 3 vol. e mais um sahido dos prélos de Coimbra em 1858 com obras posthumas, penso que dado á estampa pelo fallecido conego Fonseca, que

foi dos estudiosos e não d'aquelles inuteis realejos de orações, que por ahi ha.

Este homem, como é sabido de todos, teve verdadeira graça e sal attico. Creio que todos os que me seguem o conhecem; mas dado que não, a esse que o não conheça convido a ler um bocadinho. Vá ao acaso, abramos o 1.º volume:

Entre medos, e violencias
Entrar no latim já posso;
E jurei obediencia
A um clerigo, que era um poço
De tabaco e de sciencia.

D'entre o sordido roupão,
Com a pitada nos dedos,
E o Madureira na mão,
Revelava altos segredos
Do Adverbio e Conjuncção.

Mandam-no estudar para Coimbra, e diz elle:

Curta embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Espirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quasi com carta de guia.

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sôbre a arêa dourada
Vejo ao longe a antiga Ponte.

Basta de amostra: sigamos caminho.

Entremos de novo em Paris em 1785 *La Gerusalemme Liberata*, di Torquato Tasso. Temos duas traducções portuguezas deste poema, a ultima das quaes tenho, por obsequio de seo illustrado auctor Ramos Coelho. O leitor por certo a conhece:

Canto l'armi pietose, e'l Capitano
Che 'l gran sepolcro liberò di Cristo.
Molto egli oprò col senno e con la mano
Molto soffrì nel glorioso acquisto:
E in van l'inferno a lui s'oppose, e invano
S'armó d'Asia e di Libia il popol misto;
Chè 'l ciel gli diè favore, e sotto ai santi
Segni ridusse i suoi compagni erranti.

Continue o leitor a leitura, que eu prosigo.

Este livre é velho a valer: *Maximes d'amour*. Não tem rosto; mas deve ser do seculo XVII. O *dialogo do merito e da fortuna* optimamente pensado:

«Ayez si vous voulez de l'esprit comme mille,
Faites de la prose & des vers,
Parlez bien, composez & soyez fort habille,
Sans moi tout ira de trauers.

Aquillo diz a fortuna, com muitas carradas de razão.

Entremos agora em Coimbra em 1749 e no collegio das Artes da Companhia de Jesus, de cujos prélos sae este livrinho: *Compendio Arithmetico*, por Francisco de Queiroz Pereira, e

Guia de contadores, por Monte Real Piamonte. E' livrinho para ainda se ler.

Obras varias leio agora na lombada deste volume, que tem dentro o *Hyssope* de A. Diniz da Cruz e Silva, *A Pintura* e o *Reino da Estupidez*.

Eu tenho a certesa de que o leitor conhece o *Hyssope* e o *Reino da estupidez*, de Mello Franco; *A pintura* talvez não: é de José da Fonseca e tem tres cantos.

Do *Hyssope* fez-se uma versão franceza, ha poucos annos, se me não engano, e foi offerecida a el-rei de Portugal pelo traductor.

Vi um exemplar nas mãos do snr. visconde de Santa Monica, na Livraria Ferreira, em Lisboa. Não fixei o nome deste traductor. Esta edição do *Hyssope* é de 1834.

A Pintura sahio de Paris, da typ. Rignoux em 1829, com dedicatoria ao *Senhor D. Miguel I*, que então regia estes reinos e senhorios de Portugal.

Quer o leitor uma amostra, a fim de ver se gosta? Começa:

> «Rival da natureza, arte sublime.
> Que ó traço unindo a côr, em lisa tela
> Representas do globo os entes varios;
> Cantar te quero: delphica deidade,
> Esforça meo lavor, e o ingenho inspira».

O assumpto é sympathico e os versos não são mal architectados. No fim trás uma traducção do Sanskripto, sob o titulo: *Chala-Karparam*, ou a *Ausencia*. E' versão do francez Chezy, que

José da Fonseca não entrava com o Sanskrito.

Se bem ou mal feita esta versão, isso é hoje entre nós com Vasconcellos Abreu, que professa em Lisboa aquella lingua morta, segundo creio, e que para alguns serve de avó á nossa; avó, ou cousa mais velha.

Da officina Bobée saio em Paris em 1821 o *Reino da Estupidez*.

—Já que fallaram do meo *Hyssope*, mencionem minhas *odes pindaricas*, exclama d'alli o Diniz: leiam-nas que não teem por ahi muito mais nem melhor no genero.

E tem razão, senhor Diniz, tem.

Qual de vós ha que não lesse a ode a Vasco da Gama?

Ha-de ser sempre bella esta antistrofe:

«Por largo campo, indomito e fremente,
corre o Nilo espumoso;
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso;
Mas se na gran carreira, ás ondas grato,
Tributo de caudaes rios aceita,
Soberbo não rejeita
Pobre feudo de incognito regato».

O merecimento d'estas lindas odes teem a sancção de um grande genio, do melifluo Bocage, nestes versos:

«Adoro altos prodigios que relatas,
Cantor da Gloria, magestoso Elpino,
Tu, que agitado de impeto divino
Accesos turbilhões na voz desatas».

Chegámos agora a um ponto que nos vae mostrar o estado das letras em Portugal, em 1742.

Vede este *Orbe Celeste...* por Leonarda Gil da Gama.

Promiscuidade de prosas e de versos, monumento de sensaboria erguido ao credito das letras nos conventos de freiras. A's approvações segue um chuveiro de gabos em verso dos engenhos do tempo.

O chronista da Provincia dos Algarves, Fr. João de N.ª Senhora vae quasi no couce da procissão com este *mimo:*

«Este *orbe celeste* encerra
«Dous Enimas na verdade,
«*Joana* de uma cidade,
«Leonarda de huma Serra;
«*Cintra* e mais *Napoles* erra,
E qualquer dellas se engana,
«Se tem huma, e outra ufana;
«Porque a verdade he que guarda
«A *Esperança* a *Leonarda*;
«E *Santos Novos* a *Joanna*.

Entendem alguma cousa d'isto os meos companheiros de viagem?

Não desdiz do louvador a louvada:

A prata e oiro cambiarão
Quanto gala foi primeiro,
A prata e o oiro em bichos
Que são do engano os mementos.

Ahi vos entrego a freira, leitores: se vos sa-

be a poesia d'ella, devorai-a e sêde felizes.

Este passeio vae pouco attrahente, em verdade; vamos terminal-o com a visita ao grande pintor portuguêz, *Vieira Lusitano*, que nos vem ao encontro com este livro: *O Insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano*... 1780.

Seis centos vinte e tres paginas em quadras! E que versos!

«Assim na minha disposta
Domestica Lyra pégo
Para cantar e já canto,
No que promettido tenho.

E como é justo que eu cumpra,
Pois devedor me confesso
Já para dar a devida
Satisfação assim entro.

Pára lá com isso, exclámam alguns de meos leitores, e com razão, que obra mais acabada e perfeita só aquella quadra:

O' almas do Purgatorio
Que estaes á borda do rio,
Voltae-vos p'ra outra banda,
Que vos dá o sol nas costas.

Ainda em Lisboa, na officina de musica nos apparece este livro: *A Preciosa allegoria moral...* pela Madre Marina Clemencia, religiosa do Mosteiro de S. Francisco na ilha de S. Miguel, 1731.

E' um romance ao divino; decadencia de letras, baixo-imperio, edade de ferro. Vejam se gostam disto:

> «Pranto crescei porque os ares
> estão dizendo aos montes,
> que se poem a chorar fontes,
> quem podera chorar mares».

Leiam, leiam, se gostam: a obra convida, é

engenhosa. A vaidade chama-se *Zefira*, a culpa *Averna*, e assim, nomes patuscos em todos os personagens.

Chegámos a Paris, no anno XII da Republica (1804) *Les Fables d'Esope*... E' boa edição com gravuras, e com resumos em verso, de cada fabula, no principio e fim. Por exemplo:

«Un loup querellait un agneau,
Qui ne savait pas troubler l'eau:
A tous coups l'injuste puissance
Opprime la faible innocense».

Saltemos a Coimbra, em 1867.

Cartas da Beira mar, por A. F. Simões. Livro de propaganda scientifica, estimado, cujo auctor já não vive a vida do corpo... Este livro é offerecido *ao seo caro amigo, Manoel de Paula da Rocha Vianna*..

Leiam, que aprendem.

Em 1869 nos apparece agora este livro: *Glorias portuguezas*, por A. A. Teixeira de Vasconcellos. São as biographias de Silveste Pinheiro Ferreira, José Correia da Serra, Duque de Lafões, D. João e Marquez de Alorna.

Teixeira de Vasconcellos soube escrever portuguez. O *Preambulo* tem bellos periodos:

«Percorremos ignotos mares; devassámos os reconcavos, enseadas e bahias da Africa da Asia e da Oceania; descobrimos muitas ilhas e novos continentes; levamos ás mais longinquas terras a civilisação do christianismo; e mudámos o rumo á navegação e commercio do mundo».

«Eramos navegadores».

Mas sigamos nosso caminho, por que a viagem é longa e nós precisamos mostrar ao mundo que sabemos viajar como J. Verne e dar uma volta ao globo em dias.

Chegamos ao Porto em 1880.

Ferve no reino o enthusiasmo camoista. *Episodio de Ignez de Castro*... com a versão de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, com um preambulo do professor Pereira Caldas, do Lyceo de Braga.

E' pasmosa a erudição deste meu amigo e mestre, como numerosa sua livraria, a primeira, talvez, entre as particulares. Não conheço ahi hoje no reino quem mais conhecimentos tenha em bibliographia

Cá estamos já em Lisboa com este livro de Gerardo A. Pery: *Geographia e estatistica geral de Portugal e colonias*... etc.

Pelo principio de que não ha livro perfeito, a este apontam-se defeitos. E', porém, um bom livro, e, no genero, do melhor que ahi se tem feito.

Documentos para a historia da typographia portugueza nos seculos XVI e XVII, 1881, com alguns *facsimiles*. E' uma serie de documentos respeitantes aos impressores portuguezes e estrangeiros, desde Valentim Fernandes a Theotonio Damaso de Mello. Não se diz quem o collector; mas creio ser o snr. V. Deslandes, que ainda conheci estudante de medicina em Coimbra. Quem tanto investigou devia dar-nos da sua lavra mais alguma cousa, que podia. São tão seccos os documentos...

Aqui temos a ultima edição de um livro raro: *Theatro da mayor façanha e gloria portugueza*, por Diogo Ferreira Figueirôa, Porto, 1878. E' uma edição imitativa e optima, e sabiamente prefaciada por Pereira Caldas. Faz parte de um dos tres poemas á restauração de Portugal, e mede 6 cantos em outava rima. Se o leitor o quer ler, leia, que o começo lhe aponto eu:

«O mais raro prodigio, o mor portento,
Que da fama a vagante agilidade,
Contra as injustas leis do esquecimento
Aos bronzes consagrou da eternidade:
Da lusa esphera um novo firmamento
Na restaurada patria liberdade,
Com presumida furia altivo canto,
Se em plectro humano cabe assumpto tanto».

Aqui nos apparece agora o primeiro volume das *Obras de D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa...* arcebispo de Braga, Lisboa, 1882. Contém este volume as Pastoraes publicadas no governo do arcebispo de Goa e no de Braga. Tem um retrato do illustrado Prelado e toda a edição é asseiada. Da leitura destas Pastoraes resalta o muito que o sabio Prelado trabalhou no Oriente e depois em Braga. Mais nada; leiam, se gostam, que eu já li...

Vejamos ainda em Lisboa este volume: *Vida do V. P. D. Alberto Maria Ambiveri*, 1782, por D. Thomaz Caetano de Bem.

E' bem escripto este volume, contém 382 paginas afóra as romanamente numeradas, e tem

no começo uma bem desenvolvida genealogia dos *Eças* e no fim noticia de muitos fidalgos e fidalgas portuguezas, curados com a medicina do veneravel Alberto, toda espiritual, e melhor do que a de Podalirio. Por morte deste virtuoso servo de Deos em Lisboa, D. João IV ficou-lhe com a *Imitatione Christi*, a mulher, com um crucifixo e o principe D. Theodosio contentou-se com os oculos! Tem merecimento este livro.

Olhem quem aqui nos apparece em Lisboa, em 1815! o nosso José Agostinho de Macedo com o seo *Newton*, *poema*, em IV cantos de versos soltos. Vêde se gostaes:

«Já da Aurora ao clarão suave e puro
Cedia o campo azul do immenso espaço
De estrellas recamada a noite umbrosa;

Este ultimo verso, que é bellissimo, já eu vi em tres ou quatro partes nas obras deste rabido bejense, com leves alterações, ou collocação diversa. Tambem elle gostava! Daquelle modo começa o livro. Leiam-no que os versos são bons, em geral, e merecimento não lhe falta; mas se não gostam de versos, leiam-lhe a prosa eruditissima do *Discurso preliminar*. Aprendem-se alli varias especies: toma-se conhecimento de um sem numero de *poemas*, cujo assumpto á primeira vista parece esteril; por exemplo: o *Enxofre*; os *Teares da seda*; a *Iris*; os *Banhos quentes de Ischia*; os *Cometas*; o *Chocolate*; o *Vidro*; as *Fontes*; as *Perolas*; os *Morangos*; os *Barometros*; os *Sonhos*; o *Arroz*; o *Magnete*; o *Café*; os

Flatos (!) os *Canarios*; a *Dança* e a *Arte de procrear filhos formosos!* cousa que se diz creio que em grego, com um palavrão, de que me não lembro agora... ah! *Callipedia!* e outros mais e mais poemas!

Temos agora aqui a *Conquista de Coimbra*, de A. Coelho Gasco, e as *obras ineditas* de A. de Abreu, que foi amigo de Camões, na India. Lisboa, 1805. Os qũe escrevem de Coimbra e de sua historia leem este livro.

Quer o leitor ver como Abreu começa a fallar de Chaul, a celebrada praça portugueza?

«Mãe dos deleites, da cubiça, e onzena,
Perversa escola, e só de roubos cova,
Que aos vicios todos torpe altar renova,
E o Matrimonio de infiel acena...»

Se me não engano, nós já topámos o Soares Barbosa com a *Grammatica Philosophica*, mão da praga dellas que por ahi se manuseam e se decoram de rapazes. Pois aqui temos uma velhinha que lhe deo o ser; vivia antes della: *Rudimentos da Grammatica portugueza*, 1799. Bom livro ainda para se ler e se estudar. Trabalhou bem, quem quer que fôsse o seo autor.

Mas, que é aquillo? Quem faz aqui reclamações? Olhem, olhem! são os primeiros seres creados, o Adão e a Eva das grammaticas: *Grammatica da Lingua Portugueza*, por Fernão de Oliveira, nascida em 1536 e rediviva no Porto em 1871. — *Grammatica da Lingua Portugueza*, de João de Barros, vinda ao mundo em 1540, morta de velhice no decorrer dos

annos é ressuscitada pelos cartuxos de Evora em 1785.

Pode Evora ter uma gloria com o nascimento da *Grammatica* de Fernão de Oliveira, e vem a ser ella a de que a sobredita tataravó das grammaticas devia ter sido gerada no convento de S. Domingos desta cidade, que Deos haja:

«... sendo eu moço pequeno fui criado em S. Domingos Devora...» Dende podemos inferír que os frades lhe ensinariam o que então se sabia destes estudos.

Vamos agora *entrar em Barcelona*, meos companheiros de viagem (sem calembourg).

Ainda a não tinhamos visto:

El Devoto Perigrino, y viage de la Tierra Santa, por Antonio del Castillo, 1555?

Este livro foi impresso por Antonio Arroque, sem dizer o anno em que; mas das licenças, deduz-se aquelle.

Conclue-se que este *Gastillo* vio os *logares santos* primeiro que o nosso Pantaleão de Aveiro. Seria curioso trabalho o de um confronto para que não tenho tempo.

Com outros comprei este livro em Evoramonte ha poucos annos: eram do fallecido P.e Fernando, se me não engano no seo nome.

Pantaleão de Aveiro e este homem completam-se.

XVII

Não conheço este livro, exclama um leitor. Nem eu tenho delle noticia. *Regra e constituições dos religiosos e religiosas... da Virgem Maria do Monte Carmello*, traduzida por Fr. José Antonio. Coimbra, por Francisco de Oliveira, 1749. Mede VIII 421 paginas. Estão servidas as freiras que se vestirem de seculares! Seis mezes de carcere e privação de voz. Pois se dançarem ou representarem comedias! Inferno *sine remitione.*

Já fomos á America, leitores, e eis-nos de novo 'nella, no Rio de Janeiro em 1812.

Obras Poeticas de P. A. C. Garção, 2 vol. Não lembro aos meos leitores que foi Garção

um dos restauradores das boas letras, porque é cousa bem sabida.

Boas odes da marca ovidiana, bons sonetos e comedias. *A Cantata Dido*, é sabida de todos os que entre nós teem lido e leem:

«Já no roxo horisonte branqueando
As pandas vellas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Nas asas do vento se escondiam.
. . . .

Eis um de muitos sonetos feitos á calva do Padre Antonio Delfim, seo amigo:

«Por entre crespas serras de enrolado
Negro fumo, o clarão se despargia
De um incendio voraz, que á vista ardia
Do dono da fogueira descórado.

Soavam crebros golpes do machado,
Com que a mestrança intrepida batia:
A pesada calceta retinia,
Estava immenso povo embasbacado.

Achicavam as bombas sequiosas:
Marcha em fileira a guerreira gente:
Nunca no céo se vio lua tão alva!

C'o reflexo das chamas luminosas,
Brilha do Tejo a tumida corrente;
Qual brilha do Delfim ao sol a calva.

Já não são volvidos poucos annos depois que

o meo amigo Theophilo Braga fez representar no Theatro Academico, em Coimbra, uma comedia-drama sobre o assumpto da prisão de Garção, ordenada do sanguisedento marquez de Pombal. Recordo-me de não haver agradado.

Já topámos algures 'nesta viagem o *Contemtus mundi* de Kempis, e ora nos apparecem dois exemplares: aquelle de Madrid, 1615, e uma das primeiras edições portuguezas: *Imitação de Christo*, Lisboa, 1679.

Ainda não li tal livro, me diz um de meos companheiros.

Não! pois ahi tem um treche:

«... vaidade é buscar riquezas, que acabam, e pôr 'nellas a esperança. Vaidade é tambem pretender honras e esvaecer-se com ellas. Vaidade é seguir os appetites da carne, & desejar aquillo por onde depois te seja necessario ser gravemente castigado. Vaidade é desejar vida larga e tratar pouco que seja boa».

Aqui estamos em Lisboa, em 1851: *Tractado de metrificação portugueza*, por A. F. de Castilho. E' o unico livro que temos capaz de preceituar com acerto e de ensinar a fazer versos *secundum artem*, como em rotulo impresso punha nas violas que fazia em Coimbra, um meo chorado amigo, J. Wladisláo Bruno.

Aquellas duas palavras latinas avivaram-me a saudade d'aquella grande alma, d'aquelle homem de talento vigoroso, a quem só faltára cultivo, para muito brilhar...

Não sei quem me comparou a reminiscencia

aos dentes de um tambor de caixa de musica, em que é preciso, para a vibração de uma nota, que se haja operado uma tal ou qual rotação no tambor. Aquellas duas palavras latinas tambem me avivam a saudade do medico José Doria, do sympathico cidadão, talvez o primeiro *Bombeiro voluntario* que ahi temos tido, o homem que atirava com sua vida ás chammas para salvar as de muitos, o eximio tocador de viola conimbricense, o homem que conseguira amançar a asperesa dos sons do arame a ponto de que a viola nas suas mãos, as cordas feridas de seos dedos gemiam como as da rebeca, soluçavam como ellas! Quem ha ahi que vivesse em Coimbra, que não conheça este nome? certissimamente ninguem.

Com encadernação de pergaminho sem designação de logar da impressão nem do anno, duas vidas de santos nos apparecem agora: a de *Santo Ignacio*, Patriarcha de Constantinopla, e a de *S. Mamerto*, Bispo de Vienna, em França, por D. J. da E. C. R. Pareceme ser uma impressão dos prélos conimbricenses.

Em 1784 estamos em Lisboa, e vemos sair dos prélos de F. L. Ameno um bom livro de Miguel do Couto Guerreiro: *Tratado da versificacão portugueza*...

Dá conselhos salutares aos pseudo-poetas: vá de amostra:

«Quem a testa tiver muito carnuda,
Rugosa, carregada e carrancuda;
Quem a tiver pequena e sem entradas:
Que dá sem tom nem som muitas risadas.»

Que affecta andadura de dançante,
Fazendo um tom por modo de frautado,
Escutando se dá bem o recado:
Quem fallando-lhe em sol responde em lua,
E por mais que me explico elle jejua;
Quem fôr soberbo, vão, e presumido,
Tolo em fim, que um tolo é bem conhecido,
Apenas abre a bocca ou dá passada,
Busque outra occupação assalvajada,
E fuja a quatro pés de ser poeta.»

Assoem-se a este guardanapo certos louraças que nós conhecemos!

Anda presa a este livro a memoria de um formoso rapaz que foi estudante em Coimbra, A. M. Lobão de Moraes Castro Sarmento, que m'o offereceo em Lisboa. Ha muito que não sei delle, no meo desterro.

Sem deixarmos a capital, vejamos dois livros que aqui nos apparecem: *Compendio da Grammatica arabiga* por Frei João de Souza. 1795.

Novo epitome da grammatica grega de Porto Real, 1760.

Estou a ver os meos companheiros de viagem pasmados do meo saber polyglota. Não, senhores meos, não deixo passar sem correctivo a vossa suppositicia admiração

Eu não *pesco* mesmo nada nem de uma nem de outra lingua. Menos bravio, o grego, consente que lhe conheça as letras; porém, do arabe!... nem *patavina!* Quando por compra adquiri este livro por morte do Padre José de Oliveira, bom homem, que elle foi!, lembro-me que andei outo noutes a dar assaltos,

cada vez mais violentos, á sobredita grammatica, e que ao fim desisti do meo empenho. Não lhe metti dente: nem cheguei a conhecer a letra A! Já é ser atilado!

Aqui nos apparece de novo o capitão Manoel de Souza com a traducção posthuma da *Historia de Theodosio o grande*, escripta por Flechier *ad usum Delfini*. Boa linguagem portugueza, joeirada de gallicismos e outras cousas feias.

Entremos outra vez em Paris no anno de 1752. Na offic. de Jacob Vicente se imprimio este livro: *Observacoens das agoas das Caldas da Rainha, por hum curiozo.*

Este homem, que escondeo seo nome em tres estrellas, descobrio que as agoas das Caldas da Rainha curam *trinta molestias* até simplesmente bebidas. Ralha da medicina, que estudou doze annos e diz:

«Por muito mal que os medicos possam dizer de mim, sempre serão culpados do que eu sei da medicina, porque, se elles me tivessem curado das queixas, que padeci na minha mocidade, nunca me teria passado pelo pensamento o estudar a medicina; depois de dose annos de estudo de que a maior parte he imaginaria, quis queimar todos os meos livros pela confusão que me causavão de achar huma ladainha de trinta remedios para huma mesma queixa...» Não é nada vulgar este livro.

De Paris eis-nos em Lisboa:

Breve Tratado da Orthografia..., por João Pinheiro Freire da Cunha. Lisboa, por A. Gomes, 1788. E' este o primeiro exemplar que

vi. Em 202 paginas discursa o professor sobre a materia, deixando o leitor como dantes.

Não ha nada como o viajar 'numa livraria. Sem o menor incommodo eis-nos em Roma, na offic. de Casaletti em 1780.

Compendio espiritual que contem a doutrina christã... composto em metro, por Fr. Victor de Santa Maria, Agostinho Descalço, 3.ª edição.

Este frade, no Prologo, já em versos, explica a rasão porque escreveo metrificadamente, e não deixa de a ter :

> Em verso a fiz na verdade,
> Não por melhor se entender,
> Mas sim para se aprender
> Com maior facilidade :
>
> Porque alguns para resar
> Tem grande difficuldade,
> E aprendem com suavidade,
> As orações a cantar.»

Tem merecimento este frade *descalço :* brota-lhe com facilidade a rima. O psalmo :

Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam, é vertido mui naturalmente :

> «Meu Deus, segundo a grandesa
> Da vossa immensa piedade,
> Perdoai me a iniquidade
> Que commetti por fraqueza.»

«E segundo a multidão
Das piedades que usaes,
Peço-vos me concedaes
De toda a culpa perdão...»

Tenho encontrado varios exemplares d'esta obra em Evora, o que me leva a crer ser isto devido aos muitos conventos que aqui houve, de um e de outro sexo.

XVIII

Paris em França, e Lisboa em Portugal são duas terras onde continuamente estamos a entrar. Aqui estão 2 vol. impressos em Paris, em 1823: *Les curiosités universelles*... por Propiac, com estampas. Viaja-se e muito se gosa com a leitura destes 2 vol. Penetremos na *Alhambra* dos Abencerragens e vejamos esta sala das *duas irmãs*, que dá para o jardim de *Lindaxara*. Conceituosas inscripções em puro arabe: vá de amostra em prosa portugueza saida do francez, por chegar a todos: Aviventa-te aquelle jardim. Ao perfume das flores se casa a harmonia das alamedas para te encantar a alma. E tu, vaso de encanto, que o embellesas, tu serás comparado ao rei que adornem cadeias de ouro e de corôas.

Na alcova d'esta sala vêde esta inscripção :

Tu excedes em bellêsa os leitos mais voluptuosos : são tantos os teus encantos, que alguns te poderiamos tomar sem te fazerem falta. E a lua ao penetrar até aqui, bem conhece que nada ha que te eguale.

Aqui falla a sala 'nesta inscripção : «... Canta a gloria de *Nazar* esta obra admiravel, que attrahe amigos ao Propheta e ao Alcorão.»

Estes dois volumes trazem-me á lembrança um homem que ainda conheci em Coimbra, Felisberto de Sousa Ferreira, pae do engenheiro Adolfo Ferreira Loureiro, de quem foram. Conservo uma idéia de que este homem teve em Coimbra loja de livros e foi escrivão da administração do concelho.

Este é um livro de estudo : *Résumé des histoires ancienne, du moyen age et des temps modernes*, por Duruy. Não tem anno de impressão, graças á fraude mercantil dos editores, que deste feitio podem impingir gato por lebre. A phrase lembra-me o Camões :

> Eu já vi a um taverneiro
> Vender vacca por carneiro ;
> Mas não vi, por vida minha,
> Vender vacca por gallinha
> Se não ao duque de Aveiro.

Como nós vivemos ha seculos das modas da França, ate por cá já temos, 'nalguns editores, d'aquellas trocas...

De Lisboa, 1785, temos aqui um cogumello litterario, traduzido do italiano : *Noites Clemen-*

tinas, poema em IV cantos á morte de Clemente XIV (Ganganelli), por um anonymo sem *ypsilon*. Suspeito que seja o mesmo traductor das *Noites de Young*, cujo nome lá apparece e me não lembra agora. O typo litterario, o estylo alambicado e esdruxulo e aquelle amor ás trevas, ás *noites*, denunciam-me o homem. Não me tolhe o animo o deixar de dar uma amostra do pastel aos meos leitores. Diz o italiano poeta, tambem anonymo (tudo escuro!)

Tutto m'avvolgo nell'orror del Monte
Or che notte precipita giú bruna.
Tu conscia del mio duol l'argentea fronte
Sotto lugubre vel celasti, o luna:
Voi, mondi erranti, e voi Soli e Comete
Allo sguardo mortal piú non ridete.

A ideia, em versos portuguezes, é aproximadamente esta:

Todo me involvo já no horror das brenhas
Ora que a noite pressurosa desce;
Conscia do minha dor, a argentea fronte
Sob um funebre véo, velaste, ó lua:
E vós, mundos errantes, soes, cometas
A's vistas dos mortaes não mais brilhastes.

Assim começa e assim é a traducção á letra. E vae diz o traductor: — Mettido entre os horrores de uma soledade temerosamente rodeada de escarpados montes, perdido nas sombras da noite, que com seo negro manto vem arrebatadamente cobrir a superficie da terra, hum sem

numero de vezes mais fora de mim, do que arredado do objecto, que me lastima... ah! *dor e magoa penetrante!* que assim em teo seio me vou abysmando.»

Ou eu tenho muito máo gosto ou aquillo é podridão de letras.

Ahi vol-o entrego, se gostais do genero.

Na offic. de Pedro Ferroira, em Lisboa, 1745, imprimiu Fr. Theobaldo de Jesus Maria o *Mundo abreviado*... com estampas. E' um resumo da *Astrologia judiciaria. Das enfermidades, que a Lua influe em cada hum dos doze signos celestes*... se inscreve um capitulo, e diz o bom do mathematico *Paulista*:

«... A Lua em Virgo em os ditos aspectos com Saturno, terá o enfermo dor do ventriculo, e intestinos, e na tea dos taes terá de fleuma branca...» Ora esta influencia da lua sobre a tea do ventriculo, confesso que não conhecia eu. Da influencia sobre o crescimento das aboboras sabia, sim, desde creança, pelo ouvir dizer aos entendidos lavradores, na aldea da minha creação e patria Fique se com elle o leitor que amar o genero.

E' o anno de 1695: Miguel Deslandes imprime em Lisboa um livrinho de D. Fernando da Cruz: *Despertador do amor divino*... Parece que se trata 'neste livro de uma Irmandade entre religiosas, consagrada ao dulcissimo *incendio das almas* o Espirito Santo. Faz parte do *lobinho*, que tenho.

Ecco da Santidade... do Beato Gonçalo de Lagos... 17'5, por Fr. Manoel de Figueiredo, *chronista de Santo Agostinho*. Não é para ser

posto de parte este livro, não só pela linguagem, como pelas referencias a homens e epochas de nossa historia.

Ainda de Lisboa, em 1749, temos aqui: *Escudo impenetravel com que S. Domingos de Gusmam defende a V. Ordem Terceira Militar* etc, etc., por um anagramma do *Anastacio Pusym Manfredo*, que n'este momento não sei quem foi.

E' um livro de polemica sobre prioridades de Ordens religiosas, com o chronista, Fr. Jeronimo de Belem.

E sigamos, sigamos, que emquanto não voltarem as ordens religiosas, que hão de vir, se hão de! este livro tem menos importancia.

Antonio Lourenço Caminha prestou serviços ás nossas letras. Está aqui uma traducção que elle imprimio em 1785: *Lelio, ou Dialogo sobre a amizade*, de Cicero.

Para uns sujeitos que não teem ainda ideias fixas sobre o assumpto, e mais empregam a amisade para humilharem adredemente aos que a recebem, confundindo stultamente *favor* com *offensa*, este livro deve ser socialmente proveitoso. Eu presumo que lhe conheço *menos mal* a doutrina.

Vamos indo.

Ainda em Lisboa, em 1691, nos apparece: *Historia dos milagres do Rosario da Virgem Nossa Senhora*, pelo P. Joam Rebello, etc.

E' um classico estimado este livro que por meia libra foi vendibo no leilão da livraria Castello Melhor. Leitor, se, como eu, aspiras á beatificação faz o que eu fiz, lê.

Aqui tem o leitor a *Carta Pastoral sobre a fabrica, dedicaçam e consagraçam do templo*, Lisboa, 1676, por D. Fernando Correa de Lacerda.

E' bem escripta e nella se aprende boa lingoagem. Foi do *uso do P.e M.el Marques da Costa*, que pintava letras. E deixemol-o.

O leitor pode achar monotona esta parte da viagem, por não sair de Lisboa e só topar livros ascetas. Deixe, que lá virão outros que o não sejam. Cá tem já um: *Diccionario universal das moedas* etc., etc Lisboa, 1793, por quatro estrellas, uma constellação! E' curioso; mas a respeito das portuguezas, deficientissimo. Serve, comtudo, pelo principio de que não ha livro por somenos que seja que não contenha alguma cousa aproveitavel

Ora venha cá snr. Antonio Duarte Ferrão (P.e João da Silva Rebello) com a sua nobilissima *Macarronea latino portugueza*, edição de 1816. *Senhor*, por extenso, que o merece, e mercê, senhoria e excellencia e tudo lhe dou gostoso, se dou!

«Fortè ad Coimbram venit de monte Novatus,
Ut matriculetur. Nomen, si ritè recordor,
Jan-Fernandes erat. Patres misere, suorum
Ut post formatus Doctor foret honra parentum».

E' leitura engraçadissima a deste volume. Leitor, se o não conheces, leva-o de um folego, que é para isso Pois não é?

«Massadam toties dezazadumque taponis
Laurasam xoro miserum, qui fórte Reguenguis
(Ut foret honra patrum) nostram partivit ad urbem
Coimbram. Ille viagine in isto multa soffrivit
Ob Crecae inxati furiam, raivamque tremendam
Mondego antes, quam nostro mijare xegasset.

Conheço ahi um calouro, tambem de Reguengos, a quem pode frisar esta composição.
Mais um bocadinho :

Vade zurrapam bibere; in taberna?
Sume sardinham, maciemque perdes;
Leva motrequem, cereale munus,
Dum capis iscas.
Si cupis bogas, pete caravellam,
Tenta tresmalhum, cape camarones,
Pesca gorazes, rape caramujos
Retia tendens.

XIX

Aqui temos em Coimbra, em 1879, o *Boletim de Bibliographia Portugueza*, sob a direcção de Aunibal Fernandes Thomaz, vol. I. O II vol. tomou outra feição — *Revista dos Archivos Nacionaes*. Chegou a pag. 256 e creio que acabou. Ha 'nestes livros ou publicação litteraria curiosos escriptos, e bom serviço prestava ás letras portuguezas o seo illustrado director.

Do mesmo anno temos aqui tambem o I vol. do *Portugal Pittoresco*, de Augusto Mendes Simões de Castro, com magnificas gravuras e accurados artigos, sendo delles os mais somenos os meos.

No Porto, em 1878, se reimprimio o raro livro: *Forma e verdadeiro traslado dos Privilegios... dos cidadãos de Braga.*

E' este o numero 3 de uma tiragem especial de 12 em papel colorido, que me offereceo o snr. J. A. Castanheira, gerente da Empresa de obras classicas illustradas. O assumpto não é convidativo, a não ser para algum leitor que queira estudar os costumes sociaes portuguezes nestes *privilegios*, cousa sempre odiada.

Entremos em Lisbôa em 1872. — *Nocturnos*, de Gonçalves Crespo. Rica edição, editada por Avelino Fernandes.

Parece-me que ainda o conheci em Coimbra, ao talentoso poeta, ao esmerado metrificador. Que bellesa de versos! que harmonia! que lingoagem! E' um *estar-se preso por vontade*, como disse Camões ao fallar do amor, lendo este livro. Não conheço melhores sonetos; são optimos os de João Penha e de Anthero do Quental; mas os de Crespo são bocagianos, são perfeitas composições. Quer o leitor uma amostra das bellesas deste malogrado moço, tão antetempo roubado á vida?

Teos olhos, ó robusta creatura,
O' filha tropical!
Relembram os pavôres de uma escura
Floresta tropical.

És negra, sim, mas que formosos dentes,
Que perolas sem par
Eu vejo e admiro em rubidos crescentes
Se te escuto fallar!

Teo côrpo é forte, elastico, nervoso.
Que doce ondulação
Do teo andar, que lembra o andar gracioso
Das onças do sertão!

Isto só é um trecho da *Negra*.

Toda a composição dá á lembrar o que já Camões dissera de outra:

Pretidão de amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a cor!

Este sim, que é livro para o leitor ler de um folego. Leia o, emquanto converso com um amigo, que não quiz viver mais, o dr. A. F. Simões: *Introducção á archeologia da Peninsula iberica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1878, com gravuras.

Trabalho dos mais serios que ahi se tem feito nos nossos dias, é este, do infeliz Simões. Se o leitor gosta de trabalhos sisudos e conscienciosos sobre esta ordem de estudos, não deixe de ler tal livro.

E' o anno de 1776: *Memorias historicas do ministerio do pulpito*, de um nosso conhecido, o sabio Cenaculo. Neste volume, como nos *Cuidados litterarios* ha uma erudição pasmosa, tocam se assumptos variadissimos. — «*Sabia muito*, ouvi eu um dia a A. Herculano, na Bibliotheca de Evora, *mas defendeu a Apparição!...*»

A lenda famosa atravessára-se na garganta do grande historiador e não havia passar d'alli!

por mais esforços que fizeram os pamphletarios fanaticos! Este volume foi do Bacharel A. J. Pereira Alho, que já não conheci em Evora.

Chegámos a Lisboa em 1870.

Aqui está um livro de grandissimo trabalho de investigação e de escripta: *Descripção historica das moedas romanas... do gabinete do snr. D. Luiz I*, por A. C. Teixeira de Aragão.

Se algum de meos companheiros de viagem quer ter alguns conhecimentos sobre esta especialidade, aconselho-o a que leia os *estudos preliminares* d'este volume, quando se não sinta bastante forte para debelar 640 paginas. A posse socegada e pacifica que tenho deste livro devo-a a offerta de seo indefesso auctor e meo amigo.

Dez annos depois, sem sairmos de Lisboa, encontramos este livro: *Os Lusiadas*... Typ. de Castro Irmão. E' a rica edição do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, feita para commemorar a morte de Camões. Ramalho Ortigão discursa bem n'este livro sobre a *Renascença e os Lusiadas*. Pedi este livro e deram-m'o Que dizer mais delle?

Que tem um retrato do poeta caprichoso, como todos, o frontispicio da edição *princeps* e vinhetas accuradas.

Trabalho valioso e o primeiro no genero entre nós nos apparece agora aqui: *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, por A. C. Teixeira de Aragão, 1874. Já mede 3 vol. esta obra monumental e não está completa: falta o 4.º volume: *moedas do Bra-*

zil. Alguns trabalhos tinhamos sobre o assumpto; mas deficientes, incompletos, aqui e além. Esta obra importante não é nem pode ser a ultima palavra sobre as moedas portuguezas; porque ainda ha muitas ineditas e outras poderão apparecer, que venham ou esclarecer alguns pontos historicos ou offerecer novidades em novos typos. Tambem é offerta de seo illustrado auctor.

Entremos agora no Porto, meos companheiros de viagem, em 1762. Francisco Mendes de Lima imprimio 'neste anno a seguinte: *Historia da creação do mundo conforme as ideas de Moizes e dos Filosofos*... pelo P. Manoel Alvares, oratoriano. E' estimado este livro. Nelle se encontram todos os systemas da creação do mundo desde Moisés até Newton. Termina esta obra por combater os preadamitas. Antes de Moisés não havia mundo, entendem? E' forte teima a de alguns escriptores quererem decidir pontos que não entendem! Ah! bom Tolentino! Não os esqueceste:

Promptos altercam, promptos contendem,
Promptos decidem do que nada entendem.

Aquillo é orgulho 'nelles: não querem confessar que não entendem. Pois confesso-o eu agora, e quando voltar a Inquisição accrescentarei, para me queimarem, tudo quanto quizerem de mim.

Se Pio IX não fôra João Maria Mastai Ferretti, eu diria que elle offerecera este livro a *Estevão José Raposo Marrecas* em vista disto:

Esta Obra he de — por Antonio Padre Santo, em 3 de Agosto de 1854

Comprei-o 'numa loja de mercearia, onde, sem capas, já estava condemnado aos embrulhos de cominhos e pimenta. Sigamos.

Deixemos o Porto e entremos 'nesta Evora, em 1700, á justa. Já aqui entramos 'neste anno, se me não engaño. Da offic. da Universidade sae esta *Satisfaçam de Aggravos e confusam de vingativos*, pelo jesuita Joam da Fonseca, que Deos tenha em sua santa guarda. E' este um livro ascetico, mas classico, como todos os deste jesuita. Se algum de vós tem a minha paciencia, leia-o; mas não por meo conselho.

Volvamos a Lisboa em 1784: *Idyllios e poesias pastoris de S. Gesner*, por J. F. de A. Freire Barbosa. Querem apreciar o traductor? Ahi vae:

«Já do sol os primeiros brandos raios
Vinhão dourando o cume das montanhas,
D'outono um bello dia annunciando;
Quando Milon se poz á sua janella:
Brilhava o sol por entre as verdes parras
Cujá viva esmeralda misturada
De amarello e purpureo, ia formando
Por cima da janella uma parreira
De folhas que agitava docemente
Dos ventos da manhã o brando sopro:
Estava o ceo sereno e socegado;
Cobria o valle todo um mar de nevoas;
Do seio deste mar se levantavam
A' luz do bello sol, como umas ilhas,

As collinas mais altas, e elevadas
Com as suas cabanas fumegantes,
E do outono o variado adorno,»

Ahi tem o leitor uma amostra: se gosta do genero, é ler, ler.

Entremos nós agora na Imp. real de Madrid em 1660? Entremos: *Dictamenes del Padre Ivan Evsebio Nieremberg*...

Ha muita gente que não lê e devia ler este livrinho.

Dos estoicos ha 'nelle maximas aproveiteveis; vá de amostra: *Poco bien tienen las riquezas, pues son ocasion de mal: traen peligros de la vida, y cuidados en ella: franquean gustos al apetito, dan materia a los vicios. Pretendidas, inquietam; poseidas, sobresaltan; perdidas, lastiman* »

E 'neste assumpto sobeja-lhe boa doutrina: «*Quando no se pueden remediar las cosas, remediate tu, sosegando tu enojo con el desprecio de la cosa en que sucedió*...»

Volvamos a Lisboa, que da Hespanha *nem costumes nem ciumes*.

Imprimo-se em 1839 uma nova edição da *Vida de D. João de Castro*, por J. F. de Andrade. Que dizer-vos d'este livro? Tem sido taxado de estylo alambicado por uns e de simples por outros. Eu acho-o bem escripto. São bem pintadas 'nello as proezas herculeas de nossos avós no oriente. Este é dos que valem mais pelo feitio do que pelo volume.

E cá temos outro no mesmo caso sem sairmos de Lisboa. *Euriço o Presbytero*, 1844.

Mais nada; singelo no titulo como seu auctor, A. Herculano.

Ha quantos annos li-eu este livrinho! Nem eu já sei!

As meditações do Presbytero de Cartêa, a batalha das margens do Chryssus, o cavalleiro negro, o sonho de Hermengarda na gruta de Covadonga, tudo bello e formoso!

«Dez annos! Sabes tu, Hermengarda, o que é o passar dez annos amarrado ao proprio cadaver? Sabes tu o que são mil e mil noutes consummadas a espreitar em horisonte illimitado a estrella polar da esperança, e quando no fim os olhos cansados e gastos se vão cerrar na morte, vêr essa estrella reluzir um instante e depois tombar do céo nas profundezas do nada? Sabes o que é caminhar sobre urzes pelo caminho da vida, e achar no fim, em vez do marco milliario onde o perigrino dê treguas aos pés rasgados e sangrentos, a borda de um despenhadeiro, no qual é força precipitar-se? Sabes o que isto é? E' a minha tristo historia!»

Sem sairmos desta Evora abastada de *victorias* e de *australias* e de muitas coisas mais, temos aqui um livro que lhe respeita, nascido em 1570 em casa de A. de Burgos: *Historia da antiguidade da cidade de Euora fecta per meestre Andree de Reseende*, renovada em Lisboa em 1783, conjunctamente com outros escriptos concernentes á dilecta de Sertorio, *si vera est fama: Colleçam das antigvidades de Euora.*

E' esta uma edição promovida por Farinha, que bons serviços prestou ás letras.

André de Resende foi homem erudito; mas

creio, por fim de vida, que estaria monomaniaco *da antiguidade*, que nem de outro modo se explicará a mais que affectada orthographia:

«Lembrame que beisando eu ha mam a V. A. en Alme in, oelhou vossa A. para o arcebispo de Lisboa, & perguntoulhe quem eu era, & tornandose a mi, me dixe que lhe perdoasse que me non cognescera.» Etc.

O fallar deste livro traz-me á lembrança um serviço que eu fiz na camara, quando vim para Evora, ordenado por um dos presidentes de mais saber que ella tem tido, o snr. dr. Manoel Vianna. Taxado de inutil por alguns, que lá teem o seo modo de ver as cousas, o serviço tem servido depois e ha de servir aos estudiosos. E mais me aviva, o demonio do livro, um caso, que vou contar: Deixára eu tudo arrumado e catalogado, quer dizer; os livros do cartorio, com meudas indicações do logar que occupavam nas estantes. E vae passados annos chega se a mim um empregado subalterno da camara e diz-me que uma sorte de zote, que lá havia, me communicava o desapparecimento da *Historia da antiguidade de Evora*, (1.ª ou 2.ª edição) e que désse eu explicações.

Gostei desta cousa e fui logo esclarecer o myope, em latitudinal sentido do termo. Abriose o catalogo e procurou-se o verbete relativo ao livro. Lá estava, indicando um ponto da estante. O homem nem este verbete achára, na sua myopia! O livro não estava onde eu o deixára.

Mas... parece que eu sabia mais do que o sujeito 'naquellas materias, e tombando uma fileira de livros pequenos, postos á frente de uma prateleira, vi dentro o volume *tombado e coberto de poeira.* — Tome aquelle livro, limpe-o, leia-o e veja, veja bem de futuro — lhe disse, supponho. Ao meo amigo Soure pedi no dia seguinte que me attestasse o que entendesse, para que não mais os seos subordinados me viessem pedir livros. E adiante, adiante, que o defunto pode estar ás escuras sem que preciso seja gastar cera com elle.

Apparecem-nos aqui os *Seculos da religião serafica*, de Fr. Apolinario da Conceição, 1736. Eu li este livro; mas entendo que não devo offerecel-o ao leitor, como delicioso manjar.

Foi este livro com outros muitos que comprei a uma velhinha de máos bigodes, ha pouco fallecida, do padre J. F. Farto, que já não conheci; mas que teve bom gosto, instrucção e máo genio.

Entremos aqui no Porto em 1775. Emquanto Lisboa desaba e arde imprime-se este opusculo: *O Arrependimento ou confissão publica de Voltaire*, por um anonymo. Este escripto é um escarro expectorado com violencia do peito de algum ichacorvos contra o grande encyclopedista.

Visitemos Paris outra vez: *Dictionaire historique... des femmes celèbres*, 1769, 3 volumes. Aqui tem o leitor arrebanhadas as mulheres celebres do mundo. E' um par dellas! Talvez que seo numero possa offerecer uma antithese das *onze mil virgens* de nossa religião,

excluindo alguma destas que figure no Diccionario. Lá estão todas as *heteras* da Grecia, todas !

Volvamos a Lisboa em 1845.

Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, por Francisco Freire de Carvalho.

E' uma tentativa erudita.

Desfolha uma saudade sobre uma campa, mal cerrada ainda, a recordação d'este livro. Offereceu-m'o em Coimbra o dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, o primoroso e elegante prosador, que toparemos em nossa viagem.

Da typ. Maigrense, em 1822, saio um livreco que aqui nos amostra o auctor Luiz Marques, oratoriano de Estremoz : *O Grito da Verdade... contra as maximas pseudo catholicas* etc. O deputado Vicente Antonio da Silva Corrêa apresentou ao Augusto Congresso Nacional o ms. deste livro, pedindo licença para lh'o offerecer e imprimir.

A Commissão Ecclesiastica em 20 de maio de 1821 communica ao padre que *como está decretada a liberdade de imprensa, e feita a lei, que a regula, julga desnecessaria esta licença, por isso mesmo que o supplicante tem a faculdade que a todos compete, de fazer imprimir as suas obras e dedical-as a quem for da sua vontade.* Assignam este parecer Ignacio Xavier de Macedo Caldeira, Ignacio da Costa Brandão, José Vaz Velho, Bernardo Antonio de Figueiredo e Joaquim Guilherme da Costa Posser. Um *academico constitucional* louva o padre :

«Diffunde, ó Philotheo, brilhantes luzes
Do teo sublime, e delicado engenho.
Sê bom aos teos, presta á humanidade
O lume, que o rigor de um falso zelo,
Que o sagaz fanatismo, ha muito, rouba
(Contente de viver entre a ignorancia.)
Do vulgo aos olhos que o merece, e exige.»

Este livro é modelado na *Tentativa Theologica*, do padre A. Pereira : por isto já o leitor conhece o seo prestimo.

Em 1754 imprimio Domingos Gonçalves esta *Carta Directa para um peccador convertido*, etc. por Soffronio Ferraz Sepedas... O assumpto resalta do titulo. Do paragrapho III sobre *o amor proprio*, diz o *Soffronio* «Saiba v. m. que hum homem, em quem o amor próprio domina, he ladrão, que... tódas as cousas furta para si... Similhantes ladrões sempre são pobres.»

Qual historia! snr. Sepedas : consulte a alguns e verá destruida a sua doutrina, sem ficar pedra sobre pedra no seo arrasoado, e se voltar a apparecer-nos venha mais castiço na forma e tire a caraça dos *Soffronios*.

Entremos em Evora agora, na terra onde vivemos eu e muitos de meos leitores. Ainda aqui se imprimiram livros em 1672 na Imp. da Universidade : *Breve apparelho... para ajudar a bem morrer hum Christam*, etc., pelo padre Estevam de Castro, da Companhia de Jesus.

Ainda se estudava portuguez 'naquelle tempo, e este padre não escreve mal. Eu dispenso a applicação do assumpto, e creio que nenhum

dos meos companheiros de viagem se deseja fazer uso della.

De Evora passemos a Lisboa em 1683. *Meditaçoens da gloriosa resurreiçam de Christo senhor nosso*... por Bartholomeu do Quental, oratoriano, natural da ilha de S. Miguel. E' classico este padre Quental e deve ser lido de quem gostar do assumpto.

Traz-me este nome á lembrança o dr. Filippe do Quental, Lente de Medicina em Coimbra, e o do sobrinho Anthero, membros da familia do bom padre Bartholomeu. São amigos que não vejo ha muitos annos, e de quem me lembro saudoso

Digam-me se já toparam mais engraçado conversador do que Filippe do Quental?

Tambem aqui está outro livro do mesmo padre: *Meditaçoens da sacratissima Paixão e Morte de Christo*, 1734. O mesmo assumpto; o mesmo estylo.

Ainda em Lisboa, em 1815, se imprimiu esta 7.ª edição da *Taboada curiosa* etc., de João Antonio Garrido, que teve grande voga.

Discursando o Garrido sobre symbolos dos numeros desde 1 a 12 lembra coisas do arco da velha. Nomea os sete sabios da Grecia 'naquelle numero, e apresenta todas as divisas ou empresas de cada qual em latim, coisa que me não lembro de ter visto 'noutra parte: De Thales — *Nosce te ipsum* — De Pitaco — *Providere oportet* — De Bias — *Omnia mea mecum porto* — De Solon — *In medio consistit virtus* — De Cleobulo — *Omnes beneficiate* — De Chilon — *Ne aperias arcana aliena* — De Piandro — *Ni-*

hil nimium cupias. Esta ultima divisa seria lá para o sabio, que hoje não se faz caso della.

Para terminar o passeio de hoje e sem sairmos de Lisboa, vejam este *Exemplar Politico* etc., ideado por um outavo neto do rei D Pedro I, o do azorrague, Fr. Henrique de Noronha, em 1723.

Que livro e que lingoagem!

«Mostro em huma vida doutrina para as outras, resumo em duas mortes desenganos a muytas vidas: escrevo daquelle Principe, que foy tocha aceza na escura vida do sceptro, em que tropeçarão tantos, porque caminharão ás escuras, daquelle Rey, que atinou com o labyrintho de huma Coroa, em o qual não poucos tem perdido o passo; daquelle Portuguez Monarca unico em os acertos, como em o nome unico: este foy Pedro» É que tal!

Eis a decadencia das letras portuguezas em pleno vigor.

Fuja o leitor, como eu, desta emburilhada, e busquemos porto mais saudavel de lepra litteraria.

XXI

Comecemos hoje este passeio entrando em Lisboa, em 1741.

Miguel Rodrigues, imprimio: *Instrucçam que o conde de Vimioso Dom Joseph Miguel de Portugal dá a seu filho D. Francisco*... E' este um bem escripto livrinho de historia, respeitante aos Vimiosos, que attingiram preponderancia grande em Portugal e hoje... ou não vivem, ou jazem para ahi decahidos e apeados. Da Casa de Bragança, que, por fortuna de todos nós, ahi nos rege e governa com acerto, em que pese a republicanos, socialistas, communistas e nihilistas, descendem os Vimiosos. O mar-

quez de Valença primogenito do primeiro duque de Bragança gerou a D. Affonso de Portugal, que foi bispo de Evora, e este, antes de se ordenar, gerou ao primeiro conde do Vimioso, D. Francisco, e a outros filhos Já vi um livro de historia, moderno, de um litterato ministro que pôz alguns pontos de admiração ao facto do bispo viver com seus filhos nos paços episcopaes de Evora. O escandalo existia se fosse sacrilega a bastardia; mas parece que não: é só bastardia a proveniencia dos Vimiosos, como a brigantina, e centos dellas que por ahi temos tido.

Chegâmos neste momento a terra que não tinhamos visto ainda: Rouen, em 1779: *La Henriade*, de Voltaire, 2 vol. com estampas. Os francezes não primam por haverem escripto poemas epicos; ainda assim, este passa por não ser muito mão, sendo o primeiro dos seos. Tenho uma ideia de que já para ahi anda escripto em Portuguez, não sei se bem se mal.

«Je chante ce Héros que régna sur la France,
Et par droit de conquête, et par droit de naissance...»

Assim começa, como o leitor se recordará. Fique-se a lel-o algum que o não conheça.

Entremos no Porto em 1868: *Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do grão-Pará*, com uma introducção de Camillo Castello Branco. Bom trabalho o de Camillo; curiosissimas Memorias as do bispo, que caio no desagrado do Pombal. Apresenta-nos uns versos do Padre Antonio Vieira, que são, em verdade, um monstruoso aleijão. Vá de amostra:

«Tu, que em cothurnos doiro apantufada
no tribunal do paço de Helycona
és alimaria branca de Hypocrene,
prepara-me uma cythra com balona
que eu não sou o Bandarra
que entoe vaticinios á guitarra.
Quero uma voz de freira,
Tão suave e tão doce, que a caldeira
do grão Pero Botelho
mitigue como fez de Thracia o velho,
que todo o bem casado e todo o amante
revendicou com lyra resonante,
e a defunta consorte
dos fedorentos carceres da morte.»

Fedorentos versos são os do Jesuita. Sermões, diplomacias, sim ; versos ?!... outro officio.

As Memorias do bispo têm revelações e anedoctas historicas muito interessantes.

E' livro para se ler.

Sem deixarmos o Porto, em 1753, na offic. episcopal imprimio-se : *Manifesto em tudo verdadeiro contra outro em tudo apparente* etc., etc. e etc., pelo menos.

Questões fradescas. Fr. Manoel de S. Damazo foi o pae da creança. Andou por mãos de hescios, e para mim é *lobinho*, só apalpado: *este livro he de albert Luis quem ho axar ho torne a dar senam ao inferno ira parar.* Fujamos d'aqui ás sete partidas, leitores.

Entremos agora em Lisboa em 1759. Está aqui um sujeito que ainda não encontrámos, vestido de palhaço, com este nome *Silvestre Silberio da Silveira e Silva*, e com este livro,

offerecido a Santo Antonio: *Infermidades da Lingua* etc. Parece um livro de medicina, e não é. O meo nobre amigo J. A. de S Telles de Mattos, que nos diz adeos com a mão fechada, tambem assim o entendeo, ao catalogar os mss. da Bibliotheca de Evora, arrumando o ms. desta obra, sem lhe lêr mais do que o titulo, para a secção das *sciencias!* Eu não me devo admirar: considerou aquillo uma *corcunda*, e vês ahi está! Pois saiba o leitor que este livro ensina muito a lingua portugueza; quer ver sobre a letra A? o que vae de phrases?

— *Andar á gandaia* — *Andar á matróca* — *A's atenças* — *Arreganhou-lhe os dentes* — *Atrapalhou-me o capitulo* — *Adonde punha os pés punha os narizes* — *Anda com a barriga á bocca* — *Afincou-lhe quatro lambadas* — *Abana gallego, que não é para ti.* Etc.

Leiam e estudem, se lhes apraz, que eu vou seguindo, depois de vos dizer que este livro foi *Da Livr.ª de N. S. de Jesus de Lx.ª* e m'o vendeo o A. Rodrigues, do Pote das Almas, em Lisboa.

Estamos em Coimbra em 1867.

Da Imprensa da Universidade sae este livro excellente: *Guia historico do viajante no Bussaco*, por A. M. Simões de Castro. Para o que não quizer ver a famosa matta só com os olhos do corpo, e della quizer conhecer a historia curiosissima, é indispensavel este *guia*.

Vejamos ainda, antes de deixar esta cidade de letras e de não poucas tretas, tambem precisas, este volumesinho: *O Castello do Lago*, *poema* de J. M. de A. Teixeira de Queiroz. Diz

o auctor no Prologo que «*a historia do desenvolvimento do espirito humano neste seculo, que por nós vae passando, é a historia do plagiarismo da antiguidade.*»

De accordo. E' um romance de amores, modellado nos *Ciumes do Bardo*, de Castilho.

Quer algum de meos companheiros tomar-lhe o pulso?

Abramos ao acaso. Canto v:

«Vae 'nalta noite em paz calado e triste
O Castello do Lago. Escuras sombras
Toldão todo o horisonte; e 'nalta torre
Nem pião negras agoureiras aves;
E o gallo velador nem canta ao longe
Nas horas mortas; e de argentea lua
Mal se vê o clarão luzir nas trevas,
Como na terra lacrimal das campas
Entre fileiras de mirrados craneos
Arde em noite sombria a luz funerea
De tocha sepulcral. Nem um só ecco
Que alembre vida...»

São bons versos, como vê o leitor, e recreia-se a ler este livrinho, se quizer fazel-o.

Bonæ sunt, justæ sunt. Volumus eas per nos et per semen nostrum post nos. Quem não lembra logo as côrtes de Lamego, falsas como Judas? Vem no começo de um livro que aqui nos apparece sem rosto: *Maior triumpho da monarchia Lusitana*, por P. de S. Pereira.

Não é vulgar. Defende quantas patranhas nos conspurcam a historia de Portugal. Se gostam leiam, que eu vou seguindo.

Entremos agora no Porto em 1882. *Narcoticos*, por Camillo Castello Branco, 2 vol.

A Antonio Francisco Barata testimunho de velha amisade C. Castello Branco. Esta dedicatoria ponho eu aqui e mostro-a a meos companheiros de viagem, mui de proposito por fazer zangar aos homunculos ignorantes que me fallam nas tesouras com que cortei cabellos a estudantes em Coimbra, crendo vilipendiar-me, os miseros! Cá estão ellas ainda sobre a mesa em que escrevo, para os tosquiar, quando preciso for.

Hei de conserval-as sempre e legal-as a um filho limpinhas de nodoas.

Tomara-me eu no tempo em que o grande litterato, o poligrapho famoso me entrára em casa por me conhecer! Já lá vae um bom par de annos.

São os *Narcoticos* dois formosos livros de historia e de critica litteraria, escriptos com aquelle sal attico que só Camillo possue entre nós. Quem maneja e vibra melhor a fina satyra? Quem descreve com maior brilhantismo um caracter qualquer? Quem, mineiro do passado, nos tem posto á luz do dia tantos thesouros ignorados? Eu, por mim, confesso-me espontaneamente admirador e discipulo do grande romancista.

Quem agora nos apparece aqui! Um caracter sympathico, um portuguez ás direitas, o governador de Alfaiates, Braz Garcia de Mascarenhas, com o seo *Viriato Tragico*, Lisboa, 1846, 2 vol. com estampas.

Tem a critica em segundo logar este poema.

Será este logar o que lhe pertence, pois nasceo sob a influencia de signos castelhanos, que não são bons. Mas que de bellezas ha 'nelle! Veja este cão da *Serra de Estrella*, e diga-me se não está bem pintado?

«Largo de espadoas, de olhos carrancudo,
Rasgada a bocca, orelhas derrubadas,
Ventas negras, focinho cabelludo,
Beiços caidos, garras encrespadas,
Formidos pés e mãos, corpo membrudo,
Secco nas ancas, gordo nas queixadas,
Curvas unhas e dentes, rabo grosso,
Grosso e curvo nos lombos e pescoço.»

O leitor que tiver coragem para ler com attenção este poema, ha de tirar delle o proveito que eu tirei, que não foi pequeno.

Termine o passeio d'hoje nas masmorras odiosas de S. Julião da Barra... Está aqui um ms. salvo da destruição em uma mercearia da capital, e que sem duvida foi escripto nas casamatas da Torre.

Começa por uma *Carta* de B. Pinto, datada da casamata n.º 6.

«Ainda vivo, meo bem, respiro ainda,
D'Attropos ferrea mão respeita o fio
Que prende a amargurada vida minha.
Ha males mais crueis que o mal da morte.

Etc. São escriptos estes versos desde 1829 a 1833. Na *Historia dos Presos da Torre de S. Julião da Barra*, de Baptista Lopes, não

ha memoria de *B. Pinto*, donde me vem ao espirito a ideia de que este volume seja composto de composições de diversos presos, reunidos pelo Pinto. Os erros de escripta a isto me persuadem. Tem composições bem acabadas, sonetos, motes glosados, cantigas e outras composições.

Em 25 de Fevereiro de 1833 termina o auctor no *Revelim grande* um soneto:

«Os meos dias vou passando tristemente;
Porém o fado me diz — tem consolação,
Um dia feliz serás, e brevemente!!!

O preso já antevia a redempção!

«Em 24 de Janeiro, abrindo-se a janella do *Revelim pequeno* e havendo permissão de fallar aos visinhos:»

«Socios, irmãos e amigos, que o destino
Ligou nos corações, ligou na mente,
Parabens vos envio, amiga gente,
Dos aureos bens que previos imagino.

Da infausta lyra os sons d'espaço afino
Sons que inda a custo ensaia a mão tremente;
Da rasão poderosa a força ingente
Quer soltar-se do estorvo diamantino.

Nós, invisiveis d'antes, condemnados
A gemer, sem fallar, e a só gemidos
Por entre ferros exhalar gelados;

Nós, sub terrea mansão tanto opprimidos,
Já presagios do bem, já bens gosados
Em vos hoje saudar temos vencidos.

Averiguado que sejam ineditos estes versos, valia a pena publical-os como documento comprobativo do despotismo 'naquelle tempo.

XXII

Eis-nos outra vez em Paris, em 1775.

De la connoissance de l'homme, etc. por Jonnet. 2 vol. Ainda é obra bem pensada e cuja leitura aproveita. Vincula-m'a á *livraria* o meu amigo Luiz José da Costa (o Janota) que della me fez presente ha ja annos. Luiz da Costa é em Evora um benemerito da humanidade, accode aos necessitados, serve a todos. E saber? Sabe tudo quanto se passa 'nesta cidade. De imaginação viva, não é raro perguntarmos-lhe por uma cousa e responder-nos de outra. Eu creio que ninguem é mais popular na cidade e mais influencia tem nas classes artisticas, e entrada nas *aristocraticas*. Prostra-o a doença n'este momento... Deos o salve!

Vêde agora de Lisboa, em 1703, o *Santuario Mariano*, 10 vol., por Fr. Agostinho de Santa Maria, natural de Estremoz. Obra indispensavel ao Prégador portuguez, trata, como é sabido, da historia das milagrosas imagens de Nossa Senhora não só no reino mas nas conquistas (nos roubos.) E' uma manta de retalhos este meu exemplar. Deo-me o vol. 6.º o meu amigo padre Miguel Belem, que me despertou o gosto de completar a obra comprando aqui e em Lisboa os restantes volumes.

Tem muita historia patria esta obra, que é valiosa e estimada.

De 1732 em Lisboa, temos aqui o *Itinerario da terra santa*, de Fr. Pantaleão de Aveiro.

Rosto e licenças mss. por mim em Coimbra, quando m'o offereceu um desditoso ilheo, morto no ultramar, na qualidade de Secretario de um governo, não lembro qual, Felisberto Bettencourt Miranda. Moço intelligente e engraçado, depois de se formar em direito, andou por Lisboa advogando, desgostoso, chegando a dizer que havia de ir mais cinco annos para Coimbra para se *desformar !*

Parece-me estar eu a ouvir recitar em Coimbra uma quadra que elle improvisára ao ser reprovado em Introducção :

O Doutor *Mais reles*
E o Alves Pencão,
Reprovam F'lesberto
Na Introducção.

Já não vivem os dois : o meu particular ami-

go A. da C. Vieira de *Meirelles* e Francisco Antonio Alves, (o Alves Penca, como o appellidàvam pela grandesa do nariz).

O merecimento do *Itinerario* é bem conhecido para o encarecer aqui. O que não poder viajar até á Palestina metta-se 'neste livro que lá vae ter direitinho, como eu já fui.

Aqui temos a celebre *Deducção chronologica*, dada á luz por José de Seabra da Silva, em 1768, cinco volumes com os das *Provas*.

Como é sabido, esta obra é uma derrocada no edificio dos Jesuitas, que assoberbou o reino com seo poderio, para desabar ás catapultadas do marquez de Pombal. E' obra de grandissima lição.

Segue-se a *Jornada de Africa* de Jeronymo de Mendonça, impressa em Lisboa em 1785 por diligencias de Farinha. Como o titulo o deixa presumir é a historia da expedição de D. Sebastião e do seo funesto desenlace. Milhares de mortes e de captiveiros, a precipitação do dominio castelhano, a occasião proxima do patentear a corrupção que lavrava em todos, maiormente nos grandes da nação, sem exceptuarmos senão rarissimos, como o conde do Vimioso, e Scipião de Figueiredo, que seguiram o pendão do filho de Violante Gomes, que se não vendeo porque o não quizeram comprar tão caro como elle queria! Uma epocha de podridão social.

Entremos em Coimbra, em 1823 : *Discurso filosofico*... sobre a *Liberdade humana* etc., por Manoel Pires Vaz.

E' um escripto ultramontano, como os de

muitos. A leitura delle nem fez bem nem mal. Fiquei como dantes.

Sigamos para o Porto em 1857.

Da typ. de F. P. de Azevedo sae este : *Não, resposta nacional ás pretenções ibericas*, por A. Pereira da Cunha. Evoca 'neste livro a historia patria o auctor para a animar á reacção contra ibericos :

«Ainda cá temos as cicatrizes da algema ; por vontade nossa, não nol-as hão de fazer sangrar.

«Vimos muito de perto a cova para que nos deixemos agora sepultar sem resistencia. : .

«Unidos, nunca, alliados, sempre.»

Eis a synthese do livro erudito.

Deviamos ter visto ha pouco este livro : *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra no tempo dos Jesuitas* etc., Lisboa, 1772.

E' obra da *Junta de Providencia Litteraria*, creada por D. José, e de que faziam parte Cenaculo e outros. Mais pancadaria nos Jesuitas e nos seos methodos de ensino. Quem não gostar dos solipsos tem aqui saborosa leitura.

Vamos indo.

A proposito desta cidade de Coimbra, veja o leitor este bom livro de historia : *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal*, por M. A. Coelho da Rocha, 1843, 2.ª edição. E' livro para se consultar sempre que houver de se escrever das cousas portuguezas. Foi compendio na Universidade e não sei se ainda o é.

Veja o leitor este volume, que foi de *S. João de Deus de Monte-mor-o-novo*, impresso em Lis-

boa, em 1693: *Economicon sacro dos ritos e ceremonias* etc., etc., por D. Leonardo de S. Joseph. Parece ter sido feito para uso dos cruzios de Coimbra. E' letra morta, se bem que estimado este livro.

Na mesma cidade podem os meos companheiros de viagem ver um livro que os leva a todo o mundo em 1751, ao mundo de então:

Historia Universal, por Fr. Manoel dos Anjos. Em 502 paginas *in 4.º* viaja-se por toda a parte, vê-se a historia de todos os povos. Pela exiguidade do tomo deve o leitor calcular o quanto será homeopathica esta historia!

Tem o merecimento de não ser mal escripta, e disse.

No Porto outra vez, em 1882 nos apparece Camillo Castello Branco com o seo *Perfil do Marquez de Pombal*, com estampas. Edição em papel cartonado, offerta de seu auctor. Emquanto os thuribularios de Pombal o alcandoravam até ás nuvens, Camillo erguia o latego da historia e vibrava na fama do ministro até a pôr em lençoes de vinho.

Vós, os que admiraes 'nelle um Colbert, um Pitt, deveis vel-o ás vessas, contra o pelo, neste livro. Fossem os tempos em que elle viveo os nossos e veriamos se chegava a ser tanto ao menos como o snr. Fontes. Eu aposto se elle fosse capaz de dissolver os lanceiros! O que não ler este livro não conhece bem o marquez.

Entremos em Lisboa, em 1871.

Eis o nosso velho amigo, ó snr. D. Antonio da Costa, com o seo livro: *Historia da Instrucção Popular em Portugal*.

Sem ter a extensão da obra de José Silvestre Ribeiro tem, comtudo, grande merecimento. Deve ler-se, que o estylo é bom e optima a doutrina.

Ainda em Lisboa, em 1841, foi impressa esta obra em 2 volumes:

Guerra da successão em Portugal etc., traduzida de C. Napier, por M. J. P Codima. O 1.º volume tem tres estampas representando as posições das esquadras nas aguas do Algarve. Obra indispensavel é esta para os que quizerem estudar aquella epocha de sangue entre nós. Imparcial não é, absolutamente, esta historia; mas digna de se consultar por ser escripta por testimunha ocular que tão alto cargo exerceo.

Cá temos outra vez Madrid, em 1599. Luis Sanchez imprime: *Traducion de los libros de Caio Plinio segundo de la historia natural de los animales*, por Geronimo de Huerta, medico. 'Neste livro de grandes patranhas, em que se narram absurdos de todas as castas, o que mais prende a attenção do leitor é o escudo real de Hespanha, posto no rosto do livro, onde se veem as armas de Portugal no centro, por vangloria de conquistadores, ou melhor, de corruptores! O traductor e o traduzido emparelham em sandices. Eu nem me atrevo a dár-vos amostra nenhuma. Vêde como os antigos eram felizes!

Eis-nos de novo no Porto: *Manual da historia da Litteratura portugueza*, por Theophilo Braga, 1875. Livro de grande erudição; mas volumoso, a meo ver, para o estudo de Portuguez nos Lyceos, por ser impossivel em condições ordinarias de memoria haver quem tantos

factos tenha presentes. A lingua portugueza não se ensina nos Lyceos.

Mas se se ensina, porque não sabem os approvados collocar nos seos logares a um *cujo?*

Houve aqui em Evora em 1869 uma typographia da *Folha do Sul*, onde se imprimio este opusculo, já raro: *Relatorio ácerca da renovação do muzeo Cenaculo*, por um grande trabalhador, A. F. Simões. Tem a leitura de todas as inscripções do muzeo, e sua historia, quanto possivel foi historiar-lhe as proveniencias.

Vamos terminar em Coimbra este passeio de hoje: *A mulher e a vida* pelo Dr. J. J. Lopes Praça. Livro erudito, como tudo quanto sae da penna deste grande trabalhador.

Tratam-se aqui grandes questões sociaes em que entra a mulher, discorre-se sobre sua missão na terra etc. 'Neste livro discursa este meo nobre amigo sobre a immortalidade da alma. Este ponto é para mim uma causa de grande tristeza!

Por mais esforços feitos não comprehendo mesmo nada!...

E' o meo Cabrion!

Não leio mais estas doutrinas para não chegar a convencer-me que sou bronco e rude como um penedo. E comtudo, a quadra citada do João de Deos é lindissima:

«Ha depois desta vida inda outra vida
Não se reduz a nada um grão de areia,
E havia de a nossa alma, a nossa ideia
Nas ruinas do pó ficar perdida?»

A orthographia deste livro é mais uma tentativa para a phonetica ou sonica, a mais natural de todas, é verdade, mas de mais complicações e difficuldades. Pensem a serio no caso.

XXIII

Está provado que respectivamente á letras não podemos deixar de estar quasi sempre em Lisboa. Não admira que seja assim; é a capital do reino, centro natural de letras e de sciencias. O que admira é que Leiria antes de Lisboa tivesse a primeira imprensa, que houve em Portugal. Cá estamos, pois, em 1761. *As Eclogas e Georgicas de Virgilio..:* por Manoel da Costa.

«Tityre, tu patulæ recubans sub tegmine fagi
Sylvestrem tenui musam meditaris avenâ» etc.

Olhem os meos companheiros que eu não sei

latim: isto é tudo de ouvido. Mas vede como Leonel da Costa começa á versão:

> Tityro, tu debaixo da patente
> Cobertura da faia, recostado,
> A cantilena rustica exercitas
> Com a delgada frauta etc.

As notas ás eclogas e ás georgicas devem ter prestimo, tão minuciosas me parecem.

Em 1854, ainda em Lisboa, saío da typ. universal esta *Encyclopedia das escolas de Instrucção primaria*, por J. C. Aulete e J. M. Latino Coelho. Destes nomes que dizer? e que ponderar da obra? Esta considéro eu optima, e pena é que por ahi ande esquecida ou ignorada dos que ensinam, e d'aquelles, digo que me não hei de esquecêr da monumental sova que no primeiro deo, ha já annos, em Coimbra o erudito humanista Alves de Souza, a proposito de uma *grammatica*. De Latino Coelho? Este é hoje um dos homens que entre nós melhor escrevem a lingua portugueza, sobre ser um erudito. Isto sabe o leitor, e por isso sigamos nosso caminho.

Querem os meos amigos ver ainda em Lisboa outro livro? *Noticia da Mythologia* etc. traduzida do francez por A. J. T.

E' obra que achatou o Chompré, que por ahi anda. Em França teve 8 edições successivas. E' a edição de 1803. Esta obra e o *Teatro de los dioses de la antiguedad*, de não sei quem, é o que eu conheço de mais completo no assumpto apatranhado, onde a critica quer ver sym-

bolos de uma civilisação extincta e que nós mal comprehendemos. Será assim. Deixemos o livro aos pintores e aos poetas do *ancien regime* e prosigamos.

Parece-me que já uma vez estivemos no Maranhão, e de novo nos apparece elle aqui:

Obras de João Francisco Lisboa 1865. Estão aqui só os tres ultimos volumes; falta o primeiro. Já algures fiz um reparo que estes livros me provocam: Escreve-se bem no Brasil, em geral. Vê-se deste escriptor e de outros muitos, que alli se considéra o estudo da lingua como cousa indispensavel ao litterato. Entre nós... ha quem julgue secundaria a fórma. Fallam só na ideia, na ideia nova, e dizem aquillo, alguns, em lingua das costas de Africa que são e foram do dominio portuguez: mescla bundo-anglo-gallica. J. F. Lisboa escreveo bem, á meo juizo, e o tomo 3.º é muito estimado, por conter a *vida do padre Antonio Vieira*, em que se tocam especies interessantes omittidas de André de Barros no que escreveo do celeberrimo jesuita. Ha muita historia portugueza e optima, nas obras de Lisboa. O nome do meo amigo dr. Henriques Leal, está vinculado á posse que tenho destes livros.

Topamos agora dois volumes cuja doutrina á mesma é:

A Santa Biblia, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, em Londres, 1821, e *Biblia sacra vulgatæ editionis*... Coloniæ, sem anno de impressão.

Por aqui vê o leitor que sou bom apostolico sobre catholico e christão, e que não tenho *Bi-*

blias castradas, que essas deixo eu aos protestantes: a minha em portuguez tem os livros condemnados: *Tobias, Judith*; *Sabedoria, Ecclesiastico, Baruch* e os *dois Maccabêos.*

Estamos chegados ao fim de um raio da estante e achamo-nos em Coimbra, 1743: *Theatro do mundo visivel...*; por Fr. Bernardino de Santa Rosa, Doutor na sag. Theologia e mais isto e mais aquillo e mais aquell'outro. Traz-me á lembrança este livro uma epocha de Coimbra. Tive um ms. em que verberado foi este frade, que teve o desplante de querer 'nesta obra, tomo 1.º não sei de quantos irmãos *morti in casca*, destruir as doutrinas de Feijó no *Teatro Critico!* Levou tanto, o pobre frade, que ninguem mais lhe vio uma só linha! Um houve que sovando-o em verso terminava com a phrase popular: *Ora bolas, padre mestre Bernardino!* Mas não cuide o leitor que o homem não foi gabado: foi. Veja nove sonetos em portuguez e italiano no principio e no fim um *romance endecasylabo* extenso a valer. Teve bom gosto aquelle que o jungio a esta: *Vida de Santa Zira* etc., por Bento Morganti. Lisboa, 1735.

Sim, snr.! *Bene trovato!* A Advogada da *esterilidade* appensa áquelle areal do frade, hão de convir que é bom.

Deste Morganti só vos lembro que elle escreveu aquella *vida* para a offerecer á mulher de D. João V, *para que pela intercessão de tão poderosa Protectora deverão os dois mundos a V. Altesa não só hum senão muitos Principes!* lhe diz elle, o lisongeiro. As frei-

ras de Odivellas é que o homem devia metter no caso, e não Santa Zita!... Fiquem-se em paz.

Para vermos este ultimo livro entremos em Barcelona, onde já estivemos: *Govierno general, moral y politico hallado en las fieras...* 1696, por Andres Ferrer de Valdecebro, com gravuras dos animaes que servem ao intento do frade. A ideia é boa e nova: nos costumes dos animaes encontra elle assumpto para ensinança do homem, *novidad hasta oy no discorrida por Autor ninguno*. E' engenhoso este livro e de grande trabalho. Pode lêr se, que se aprende.

Entremos aqui no Porto em 1874: *Noites de Insomnia* de Camillo Castello Branco.

O que?! Pois ha algum de meos companheiros de viagem que as não lesse! Não creio. que é tanto o sal e a graça por aquelles doze volumes espalhados, que é um ficar-se a gente sem somno a lel-os toda a noite. O que alli vae de escavações historicas! (Não são as *escavacações* com que Herculano appellidára as *Poeticas* de Castilho.) Dou por assente que as conheceis e sigo caminho novo.

Passemos agora por Coimbra, para eu desfolhar uma perpetua na campa de um amigo, que sempre me honrou com sua amisade até á vespera do dia em que falleceo.

Da *Osteogenia* — *Memorias de epidemologia portugueza*, 1863 e 1866, por Antonio da Cunha Vieira de Meirelles. São dois livros amenisados na forma classica, na dicção pura.

Prosador notavel! Descança na paz do tumulo e sabe que ainda leio e releio teos livros para aprender!

Chegámos a Lisboa. Aqui encontramos agora a um dos mais accurados prosadores que tivemos, a um dos mais sabidos oratorianos, o P.e Manoel Bernardes. Vêde suas obras enfileiradas por ahi adiante, terminando na estimada *Nova Floresta*, repositorio de saber humano e de opulencia da lingua com que Camões se immortalisou, immortalisando esta ourela de terra occidental, em que nascemos. Estas obras de Bernardes são asceticas e rara não é o encontrar-se a gente por lá com almas do outro mundo e trasgos e duendes e o proprio Belsebuth.

O que temer lemures e bruxas fuja, não leia: deixe-o commigo, que já somos amigalhaços antigos.

Vamos terminar este passeio de hoje com um livro que pertenceo a *Diogo Guerreiro Camacho de Aboym, capitão mór da villa de Padrões na comarca de Ourique e Juiz do fisco do districto da Inquizição de Coimbra. 1754*, como elle escreveo na guarda.

E' o *Pinto renascido empennado e desempennado*, primeiro vôo, 1732, por Thomaz Pinto Brandão, *que morreo de fome* como se lê em volta do retrato. Teve veia satyrica e certa graça, teve. Quer o leitor ver como elle não é inferior a Bocage no zurzir nos parvos?

«Não me direis, ó vós, que em mim falaes,
Cães, para que ladraes, se não mordeis?
Bestas, porque atiraes, sem que acerteis?

Se é porque versos faço. talvez mais,
Ou melhores, talvez, que os que fazeis;

Brutos, para que delles mal dizeis,
Se os quereis, se os pedis, e os trasladaes?

Eu creio que o motivo é um de dois:
Ou inveja de ver que não luzis,
Ou receio de arder nos meos faroes;

Pois, cães, se vos não dou, porque latis?
Bestas, se vos não pico, porque o sois?
E porcos, se comeis, porque grunhis?

Appliquem *el cuento.*

XXIV

Hossana filio David : benedictus qui venit in nomine Domini. Assim começa este livro, sahido dos prélos de Amberes em 1716, sob o titulo : *Oficio de la semana santa* etc.

Foi do convento de Santa Catharina, que Deos haja, este volume, por onde *Maria de Mello* se erguia em puros extasis de amor divino ao throno do Creador, á mansão dos bemaventurados. Fui um benemerito, vêde, que salvei este volume de ter estourado nos ares fragmentado em capsulas de bombas e de foguetes. Bemditos sejam, pois, os que veem em nome do Senhor viajar commigo na *minha livraria.*

Ainda eu não havia nascido para gloria de Goes, e já em Coimbra, em 1831, se imprimiam as *Bellesas de Coimbra*, por A. M. B. Corte-Real.

Se algum dos leitores ainda não vio Coimbra, por este oculo não verá muito bem.

O *Guia do Viajante em Coimbra*, que nós já encontrámos, é obra mais perfeita e acabada; entretanto este livro é muito para se ler, por algumas especies que toca.

Temos aqui do Porto, em 1875, uma edição dos *Exemplos de virtudes civicas e domesticas* etc., por J. de Vilhena Barbosa.

Este livro, quanto á ideia, é filho do *Parallelo de Principes*, se me não engano; no mais saío da Historia de Portugal e está bem vestido á moderna.

De passagem vejamos aqui em Paris este volume: *Pensées ingenieuses des anciens et des modernes*, reunidos por Bouhours, e dados á estampa em 1693. Não é máo livro, não, senhores, entretem. Se o leitor quizer mandar fazer algum relogio do sol, este livro lhe offerece para elle um bonito letreiro:

«Me lumen, vos humbra regit».

Aqui nos apparece agora o livro-problema, quasi decifrado, se o não está de todo: *Arte de Furtar* etc. Amsterdam, 1744. Parece ponto assente que o livro fôra impresso em Lisboa e que não é do padre Antonio Vieira.

Não é para aqui o tratar este ponto. Vejam o meo amigo Innocencio, no *Diccionario Bibliographico*, e se algum de vós, os que me seguis, ainda o não leo, leia que muito aprende-

rá. Aqui verá ladrões de todas as castas, desde os que furtam com unhas *pacificas* até aos que o fazem com unhas *bentas*... e desde os que furtam com unhas de *fome* até aos que furtam com unhas de *prata*, encontra o leitor tantas unhas que nem as garras de todos os carnivoros do parque de S. Sebastião da Pedreira. Fôsse quem fôsse o auctor deste livro, é certo que é mui bem escripto e engraçado, e quem o não tiver lido deve lel-o, como está fazendo o meo amigo I. de B. Pardelha, que tem apanhado boas barrigadas de riso com a leitura.

Venha cá, illustre perseguido, victima innocente de prepotente coroado, venha cá que o quero apresentar a meos companheiros de viagem.

— Aqui lhes apresento o snr. D. Francisco Manoel de Mello. Aqui tendes o patriarcha dos *folhetinistas* portuguezes, o mais distincto polygrapho que nos vem do aureo seculo das letras. Morto? Quem falta 'nisso? Vivo, brilhante, esbelto e aireso como quando se combatia no Canal e nas lindes do reino.

Saiba o leitor que ando de ha muito apaixonado pelos escriptos deste homem. Possuo quasi todas as suas obras e pena tenho de as não poder completar.

Não vos mostro todas as que possuo, que leva isso muito tempo. Vêde a ultima publicada: *Feira dos anexins*, Lisboa, 1875. Tem no começo um erudito trabalho de Innocencio Francisco da Silva, o ultimo!... que a morte o colheu pouco depois. *Ao amigo Antonio Francisco Barata, lembrança saudosa de I. F. da*

Silva (quasi cégo). Pobre trabalhador !.:: Quando volvo um olhar para o passado já não vejo senão mortos ! Quando por ultima vez o vi na livraria Ferreira entristeci-me e perguntei ao meo chorado amigo A. F. Simões que doença era aquella que o curvára e lhe entumecera o pescoço.—E' a morte, me redarguio; Innocencio não vive tres mezes. E assim foi... Mas, volvamos a D. Francisco, que já me servio de heróe ao *Duello nas sombras*, ao meo primeiro trabalho litterario. Eu desejo que o leitor o conheça bem: vou-lhe dar uma amostra da *Feira dos anexins:* ao acaso:

—«Sim, vossê tudo é fazer *beiço* aos equivocos, e dizel-os.

—Eu confesso que sou namorado das metaphoras, ainda que sejam negras *beiço* tamanho assim.

—Mas a vossê teem ellas posto o mel pelos *beiços*.

—Não tenho *cieiro*, que lhe darão pelos *beiços* com o remedio: que eu não galanteio allegorias, como vossê, que lhe lambe os *beiços*.

—Homem, elle quer-lhe tirar pelo *beiço*.

—Bem sei que no bolir dos *beiços* o entendo; porém estou-lhe ouvindo a *labia*, que se os anexins foram farelos, só elle tinha *beiços* para os apanhar no ar como palha.

—Que? E' alambre!

—Olhem o *beiço* de alguidar com que se saio! Só para aquillo tem elle lingua.»

Isto quanto a *beiços*. O mais é ler.

E antes de o deixarmos, permitta o leitor que lhe mostre um livro delle, que foi de Ro-

drigo Felner e com o qual me brindou o meu amigo M. J. Ferreira, Livreiro em Lisboa:

Apologos Dialogaes, 1721. Livro é este para se ter na mais alta consideração e estima. Querem ver como começa o dialogo primeiro entre um relògio da cidade e um da aldèa?

— Seja v. m. muito bem vindo; quem diremos que é?

— Concerte Deos a v. m., senhor relogio.

— Tristes de nós, que logo nos conhecemos pelas mãos, como as damas!

— E ás vezes pelas badaladas como galantes; mas não é isso, senão que nos corre a ferrugem pelas rodas, como aos homens o sangue pelas veias.

— . . . Mas deixemos para outra hora o ler por sentença, e vamos hoje por carta de nomes. Como é o nome de v. m.?

— Sou, com perdão de v. m., o relogio da villa de Bellas, ou sem perdão, para melhor dizer; porque nunca fiz erro, que me perdoasse. Parece que só para mim anda o mundo concertado!

— Tá, tá, tá, v. m. é o relogio de Bellas? Grandes cousas tenho ouvido do seu bom gosto. Dizem por cá, finalmente, que v. m. é relogio de Bellas, mas não bello relogio.

— Zomba v. m. porque me vê aldeão; pois tambem lá na cidade dizem que cantam as môças: Relogio que andas errado, que não dais as horas certas.

— E quem queres tu que tape a bocca aos namorados, e lhes acerte com a vontade, com que o mesmo amor não atina? Donde eu cuidei

já que por isso o pintaram com os olhos cobertos, como mulla de atafona, porque com as muitas voltas que os amantes lhe fazem dar, o coitado, endoudecera, se vira.

— Tenho feito a minha obrigação nomeando-me; fazei vossa cortezia correspondendo-me: quem quereis ser? Por qual mandais que vos tenhamos?

— Quem gostais vós que eu seja? Sou esse cançado, esse maldito relogio das Chagas de Lisboa.» Et cetera. Este livro é um folhetim até ao final: *Hospital das Letras*.

E vamos seguindo viagem.

Cá estamos em Lisboa, em 1854: *Collecção das obras politicas, romantico-poeticas e medicas de M. dos Santos Cruz*. São escriptos de um homem de talento, estes aqui publicados. Não devo dar-vos especimens de todas as bellezas deste escriptor, que para muito sería; mas cumpre-me apresentar-vol-o na poesia. Leitor, veja e leia o que temos em lingua portugueza de melhor sobre o *assumpto delicado* nos *Banhos*, imitação de Delille:

. . . .

Pouco a pouco alçando a roupa
Descobre uma, e logo duas,
Bellas columnas de Venus,
Brancas, lisas, grossas, nuas.

. . . .
Fralda tenue d'alva garça,
Ultimo asylo ao pudor,

Lá cáe da cintura airosa,
Expõe os seios d'amor.

Transluz o disco dourado,
Da Cyprea concha ao modêlo,
Que afaga nacrada perla
Em subtil mimoso velo.

....

E mais nada, que o mais é para se ler. Leiam.

Mais dois excerptosinhos :

O poeta foge aos amores de uma abbadessa velha, que não queria os carinhos só para as raparigas :

Eu ! eu cá por te fugir
Eu julgaria um deão,
Trambolharia dois frades,
Arrostava um tubarão,

Arrostava quantos riscos.
Temer póde a humanidade ;
Saltára uma sacristia
Escarranchado n'um frade ;

Sim, galgára o mundo inteiro,
E até do mundo no fim,
Saltára fóra do mundo
Se te visse ao pé de mim.

E quando fóra do mundo
Ainda olhasse para lá,

Gritára ao author dos mundos
— Mais mundos! que ella cá está!

Bem sei que os meos companheiros de viagem gostam, bem sei, pois é ler, ler tudo.

Vá o terceiro excerpto, é uma charada. Que formosas na forma! Esta não sei eu o que seja, nem já tenho a paciencia que tive para estas caçadas.

Este é o genero puro, e não o falsificado, e extravagante do *Almanach de Lembranças*, em que ha *novissimas*, *telegrammas*, e nem eu sei o que!

Receio, previno,
Sou sagrado meio
Do mais bello todo,
Mas sempre receio... 1

E a outra ametade,
Essa é tão mimosa,
Que Jove aspirou-lhe
Ao beijo da rosa... 1

———

Por entre os seus véos
Quem dera um adejo!
Que espheras convulsas!
Que céos de um desejo!

Será *seio?* Deixo isto ao meu amigo Joaquim Filippe Abranches, que ainda tem paciencia para estas mortes.

XXV

Estamos já a ver Paris, mas não entramos 'nella sem tocarmos no ferrolho a Lisboa, em 1762. *Memoria da vida e virtudes da serva de Deos Soror Maria Joanna* etc. etc. Fatiga-se a gente a ler-lhe o titulo! E' de Joseph Caetano, que foi frade.

Talvez os meos leitores de Evora não saibam que esta Maria Joanna, serva de Deos, é uma sua patricia. Pois é: foi baptisada na freguezia de Santo Antão em 1712 como filha do alferes de cavallaria Pedro Gomes Sanches. Pobre rapariga! chegou a morrer com cheiro de santidade e a fazer milagres depois de morta; mas o que aquillo lhe custou! «*A descalcez, o silencio, o jejum de sete quaresmas no anno,* a

cama dura, e mais dura a cabeceira formada de um tronco, o cilicio, a disciplina, o comer grosseiro, o trabalho corporal...»

Formosas eborenses, volvei um olhar para esta vossa patricia, e mãos á obra: o chão por cama e um pedregulho ou trasfogueiro por cabeceira, que eu vos prometto ensaiar o estylo deste José Caetano e memorar vossos aromas de santidade. Mas, não, não empregueis taes armas que outras mais do agrado de Deos tendes á mão: a *caridade*.

Segui um caminho como o que vae trilhando uma dama enlutada de ha pouco, a ex.^ma^ snr.^a^ *D. Ignacia Angelina Fernandes Ramalho*, cujas obras meritorias lhe acarretam já mil benções e lhe grangearão perpetua fama. A nobre dama já tem o meo respeito, a minha admiração, e o meo culto.

Entremos agora em Paris em 1817. Compremos este livro na casa Mangie l'ainé: *Esquisse de la revolution de l'Amérique Espagnole... traduit de l'anglais.* Não parece máo livro de historia.

Compremos na mesma casa este: *Précis historique des principaux événemens politiques et militaires qui ont amené la revolution d'Espagne*, por L. Jullian, 1821.

O auctor esteve na Hespanha de proposito para presenciar a lucta contra o despotismo, como a de Napoles, como a de Portugal. Tem, pois, o livro um certo cunho de exacção, e deve ler-se: eu declaro que o levei de um folego, ficando triste com as memorias de tantos desgraçados assassinados pela liberdade.

Porlier, Lacy e Vidal, de vôs me condôo!...

Cá estamos em Lisboa com o *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal. Custou uma vida e ceifou uma existencia! Pobre mineiro do passado! Não sabias tu; que as letras em Portugal são o anathema dos poderes publicos? Não sabias tu, que a arvore da sciencia entre nós é como a mancinella cuja sombra mata de fome, quando não de outro modo? Caiste extenuado; mas deixaste, se não o edificio, o material reunido para alguem o levantar mais tarde. Has-de ser lembrado, apesar da tua caturtice *miguelista*.

Aqui nos apparece em 1728 e 1754 a *Nobiliarchia Portugueza*, de A. de Villas Boas Sampaio.

Amigo do estudo; como tenho sido, pareco que eu devia ser um tanto entendido 'nestas materias, como o meo amigo Seabra d'Albuquerque. Pois nem nada, como já vos disse. Foi o maroto do Filinto que me fez descrente com os taes *engrimanços pardos*.

Este livro ainda é estimado. Tenho duas edições: vejam que riqueza a minha!

Chegámos ao fim de uma prateleira. Estamos em Lisboa; Manescal da Costa imprime esta cousa: *Memorial Religioso*, de Fr. José do Redondo, Franciscano. Preceitos, conselhos, avisos aos frades para não cairem em tentação.

A lingoagem do Redondo não é de todo má. Leiam, se lhes parecer, que éste é dos que fazem parte do *lobinho*; que já conheceis.

Chegamos a Madrid; é 'num instante: *Pio IX y Victor Manoel, ó la lucha entre el po-*

der temporal y la unidad italiana, 1868, folio, em edição luxuosa com vinhetas e retratos lithographados, bem feitos. Tem uma historia este volume:

De passagem para o Porto, em 1876, entrei em Estarreja, onde então estava Delegado do Procurador regio um amigo desde a infancia, desde a escola, desde os brinquedos infantis, José Ramos Nogueira, nascido na *Quinta do Salgueiral*, mezes antes de mim. Offereceo-m'o elle.

Tudo isto são recordações do passado. Que é feito de noventa ou de cem rapazes que juntos nos creámos nas amenidades de Goes e das lindas margens do Ceira? Nem eu sei! Emquanto eu faço *autoações* e *juntadas* e *conclusões*, empunha este meo excellente amigo a vara de juiz de direito em Taboa. Ainda cá espero vel-o em Evora, porque eu não morro cedo, não, senhores. Quero ver o cariz ao novo seculo! Quero assistir-lhe ao baptismo.

A proposito de Estarreja me lembro de ver lá a campa de um jurisconsulto celebrado em nossos dias.

Uma grade de ferro cérca o singelo monumento em que se lê este epitaphio:

AQUI JAZ
O DEZEMBARGADOR
JOSÉ HOMEM CORREA TELLES.
NASCEO EM S. THIAGO DE BESTEIROS A
10 DE MAIO DE 1780
MORREU EM ESTARREJA A 3 DE
JULHO DE 1849.

Do livro, por irmos a diante, só direi que é muito bem escripto e muito erudito, não só na doutrina historica mas tambem nas muitas biographias. Soberba edição!

Cá está outro jurisconsulto antigo: Francisco de Caldas Pereira: *Commentarius analyticus de renovatione emphytevtica, etc. Viyssipone, excudebat Emmanuel de Lyra typog. Anno 1585*, folio.

Salvei este volume só por amor da arte, em uma tenda, onde ia ser *espatifado*, o Caldas Pereira! E' uma edição do Lyra, que se não devia deixar rasgar. Este faz parte da minha *corcunda*, entende-se. Se eu não sei latim!

Estamos na região dos folios. E' o anno de 1811.

Dictionnaire François Portugais, composé par le Capitaine Emmanuel de Sousa, mis en ordre et augmenté par J. J. da Costa e Sá, etc, 2 vol. Foram do padre José Claudio Fernandes Farto, que aqui viveo em Evora, e de quem já fallei aos meos leitores. E' bom Diccionario ainda: tem muitas phrases e boas definições.

Já estamos outra vez em Paris! Digam-me se 'num kaleidoscopo se operam mais rapidas as mudanças! *Histoire de Portugal... par H. Schaefer*, 1846. Como sabem os estudiosos, esta é uma boa historia do nosso paiz; pena é que não chegasse se não a Affonso V. A continuação até aos nossos dias não vale nada: creio ser do visconde de Santarem. Comprei no Porto este livro depois da morte do malogrado litterato Antonio Coelho Lousada, a quem de-

vemos a *Rua escura*, *Na consciencia*, os *Tripeiros* e outros escriptos estimados.

Seguem-se os dois *Dictionnaires de Bouillé*, o de *Histoire et de Géographie* e o de *Sciences et des arts et des lettres*. Vendeo-m'os em Coimbra ha um bom par de annos o meu amigo M. d'Almeida Cabral.

Ha vinte annos á justa, que se imprimio em Lisboa este bom livro: *A Jerusalem libertada* de Torquato Tasso, por J. R. Coelho. Enorme trabalho foi o deste meo amigo! Verter um poema para outava rima portugueza que mede vinte cantos, é trabalho que nem sei avaliar!

O Prologo é singelo, breve e sem affectação.

Se os meos companheiros de viagem não podem ler o Tasso em italiano aqui o tem em bom portuguez:

«As armas canto e o capitão piedoso,
Que libertou de Christo a sepultura,
Affrontando os trabalhos valoroso,
Armado de prudencia e força dura:
Em balde o inferno o combateo raivoso,
E a Asia se alliou á Lybia impura,
Que o céo lhe deo soccorro, e os espalhados
Socios juntou sob os pendões sagrados.»

Já duas vezes no meu tempo de Evora aqui veio a expensas suas este conscencioso trabalhador, para colher materiaes litterarios e historicos para uma monographia que traz entre mãos ha tempo, e que deve estar ou prompta, ou perto 'disso, sobre o *Infante D. Duarte*, o irmão de D. João IV, deste sujeito que *não le-*

ve tempo, o *cantochanista*, de prevenir o irmão antes de ser acclamado, e lá o deixou morrer em Milão ás mãos da politica hespanhola! *Arranjou-se!* A cousa vem de longe.

XXVI

E' o anno de 1842. A typ. que imprimia o *Panorama* deo á luz : *Reflexões sobre a Lingua portugueza*, por Francisco José Freire, 3 partes 'num volume encad. E' um livro para grande ensinamento dos principiantes e ainda de muitos que o não serão. Tem segunda edição por onde eu li antes de ter a primeira, melhor sem duvida, e muito, do que a segunda. Tem notas de Rivara interessantes.

De Lisboa tambem, em 1701, temos aqui, a este cantinho, um livro muito estimado de muitos e muitas : *Cartas espirituaes do veneravel Padre Fr. A. das Chagas.*

Vê-se que Fr. A. das Chagas teve muitas *irmãs* e *filhas* espirituaes a quem enviava suas

cartas, que são bem feitas e tratam assumptos de salvação com mestria. Ao heroe de Pernambuco, João Fernandes Vieira, o *Castrioto Lusitano*, diz elle: Fuja de más companhias; (no numero entravam certamente os Hollandezes) corra-se de que servisse muito á carne, ao mundo, & ao demonio... que fizesse mais diligencias por se ir ao inferno do que ao céo; que lhe deva menos a graça que a culpa, a alma que a honra... etc. Assim o vae tocando para os hambros, de que se afastára a matar Hollandezes, ladrões e corsarios de corsarios, quaes nós fomos, em que pese ao puro amor da patria, e a enriquecer-se, por cautella bem entendida, como em tempo m'o corroborou um elevado Prelado destes reinos, com as palavras: *Fia-te na Virgem* etc. O commentador desta carta do Chagas diz-nos que o Vieira *tinha de seo hum milhão!*

Fique-se o snr. Chagas, de quem ainda nos occuparemos, e sigamos.

Apparece-nos agora aqui um grasnador ao divino, de encommenda! *Côro celeste a quatro vozes, vida musica em solfa metrica (!)* da... Beata Rita, advogada dos *impossiveis*, por Luiz Botelho Froes de Figueyredo, typ. de A. P. Galram, 1714. Por vida minha, que ainda não li deste lote senão a um livreco, onde entre muitas sublimidades se lia esta:

> «Quanto em penha empenha a imagem
> Monta o monte mas sem preço:
> Que vem do Calvario aos montes
> Maiores os beneficios.

Ora este nascido em Santarem, este Froes exclama:

«De Rita canto a vida; o nome, o brado,
Valha-me Deos! o que me tem custado
De varias fantesias
Para romper em doces melodias
Cuidar que Musa invoque,
Que voz afine; que instrumento toque!

Fazemos ideia de quão laborioso seria o parto!

«Na solfa dos entrevados.
Com passos de alternação
Quando canta o milagrão
A fama, a que o caso espanta;
Desses passos de garganta
Faz Rita o seo canto chão.

Companheiros de viagem, se não achais isto delicioso é que ainda não tendes bem afinado o gosto. Pois lede este sugeito para vos educardes nos bons principios.

Ha tempo que não saimos de Lisboa: aqui está o Geraldo da Vinha em 1626 a imprimir: *Vida de la bien aventurada madre soror Maria Magdalena de Pazzi...* etc. por Frei Luis de la Presentacion.

Não tem nada de vulgar este livrinho, mettido nas suas vestes de pergaminho.

O assumpto, a doutrina 'deste livro é como a de muitos livros que conheceis, vós os que fugis ás mundanecidades e nem sabeis o tom que

dá á fibra um copo de Madeira ou Porto. Com elle vos deixo, e sigo.

Outra vez comnosco, snr. padre Antonio Vieira! Bem vindo sempre. *Palavra de Deos empenhada e desempenhada* etc. Lisboa por Deslandes, 1690. Dois sermões de mão cheia e cheios de historia patria.

Ao citar uns versos de M. Bocárro Francez, que prophetisam a vinda do *Encoberto*, D. João IV, da-me uma novidade o Jesuita, affirmando que no anno de 1616 Bocarro estivera preso em Lisboa por ter escripto as *Anacephaleoses*, cuja impressão se lhe prohibira; mas que elle passando-se a Roma lá as dera á estampa, e as mandara a Portugal, no anno seguinte. Parece ser ponto não tocado dos biographos.

Demoremo-nos em Lisboa por ver mais um livro: *Historia Ecclesiastica do scisma do reino de Inglaterra..:* etc, por Pedro Nicoláo de Andrade, na offic. de Pedro Ferreira, 1732.

Não é demasiado vulgar este livro, que não tinha visto, e que comprei em Moura ha pouco tempo. Chamaram-me áquella villa notavel uns livros de um convento, que me diziam se podiam vender, mas que nem cheguei a ver, por causas expostas, que não cheguei a perceber bem. Conclui que preferiam deixal-os furtar aos visitantes do extincto convento.

Mas achei por lá muitos livros, truncados na maior parte das obras, e ainda comprei algumas duzias 'delles, entre os quaes os *Estatutos de Thomar*, em gothico, raro livro.

Este de que trato diz respeito ao *Barba-Azul* coroado, que tão depressa casava com uma mu-

lher como a repudiava para gosar outra. Outo nos aponta a historia. Que lhe prestasse! Aquillo no homem era monomania, de certo; porque elle podia ter centos dellas, como qualquer turco, sem que lhe pedissem contas disso, especialmente depois que se revoltára contra Roma. Diz o auctor, que não escrevia mal; que: «Das escripturas publicas consta que elle despachou desta vida a quatro rainhas, duas grandes senhoras, dois cardeaes; duques, marquezes, condes, filhos de condes doze; barões e cavalheiros principaes dezoito; abbades, priores, guardiões de mosteiros treze; monges clerigos e religiosos setenta e sete...» Matança horrivel, *Saint Barthélemy*, *Vesperas sicilianas!* Por fim, levou-o satanaz para o seo fumoso reino.

Ainda em Lisboa: Menescal da Costa, em 1746 imprimio este livro, que tambem não é muito vulgar, e veio de Moura: *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso* S. Trópes... etc., por Estevão de Lis Velho. Estima-se este livro por noticias que dá do Algarve e pela linguagem. Tem a pag. 178 uma gravura tosca, que occupa toda a pagina, representando uma ardosia prehistorica; das que se encontram nos *tumuli*, *antas e cavernas* e que parece terem sido adorno dos povos que construiram os dolmens. O *Velho* não soube o que aquillo era, e discursa larga e curiosamente sobre ella e seus lavores.

Quer que apparecesse no tumulo de Santo Trópes! quando eu creio que o tumulo, se é que algum appareceo, era um tumulo de um alguem qualquer, que viveo 'naquelles tempos

recolhidos, em que os homens e mulheres se adornavam com pedras sem valor hoje — ardosias.

Este livro é digno de leitura: *Estudos sobre a historia das instituições, litteratura, theatro e bellas-artes em Hespanha*, traduzido de Viardot, pelo ministro de estado Filippe Ferreira de Araujo e Castro, 1844.

E' uma traducção accurada, e a doutrina de Viardot san e escorreita.

Vamos terminar, este passeio d'hoje em Lisboa ainda, em 1854. Aqui tem o leitor a 2.ª edição das *Poesias* de Luiz Augusto Xavier Palmeirim, que me offereceo em Coimbra um compadre que tive, Leovegildo Antonio da Cunha, homem dado ao estudo e sabedor da nossa litteratura e lingua portugueza.

Quem vive 'daquelle tempo, de ha trinta annos, que não conheça Palmeirim, e não saiba de cór um trecho do *Guerrilheiro?* Não ha ninguem, positivamente.

Não me parece que outro poeta contemporaneo lograsse auras tão queridas como Palmeirim. Conheci-o em Lisboa, ao bonissimo poeta, ao sympathico cavalheiro. Entrára-me um dia em casa, sisudo e grave, estampado no rosto um tom de bonhomia attrahente, e começára de fallar comigo sobre cousas diversas, que chegaram aos poetas portuguezes. *Intrigava-me* a conversação, por eu não saber quem era o erudito, que me procurara, como antes o fizeram em Coimbra Castilho e Camillo. A final *matei-o!* Fui a sua casa; excellente esposa, formosos filhinhos; boa e santa gente. Depois de

aqui viver em Evora ha muitos annos recebi deste amigo uma carta, a que não pude dar cumprimento, pelo que a vida que levo tem de cortada de trabalhos e falta de tempo. Era uma carregação de mulheres litteratas que este amiga me enviava, cada uma com seo passaporte para a Bibliotheca de Evora, onde não sou, nem fui nunca empregado e onde pouco tempo me é permitido estar, por escacez de vagar, a fim de copiar ácerca de cada qual um tanto ou quanto de seus ineditos trabalhos.

Senti, e sinto não ter podido satisfazer a este amigo, como tenho feito a tantos; mas releve-m'o elle, que é bom, e peça cousa mais coadunavel com minhas horas vagas, para ser servido, como o teem sido Camillo, E. do Canto, Annibal F. Thomaz, Ramos Coelho e outros.

Gente moça! vós, os que nascestes depois de 1850 deveis ler este volume de poesias de Palmeirim, para não haver uma lacuna em vossa educação litteraria. O livro é de um portuguez ás direitas, e canta Portugal em sua historia, em suas lendas e glorias.

Filho de um illustre general de D. Miguel de Bragança, Palmeirim, não obstante, exclama:

> Poeta da liberdade,
> Fiz desta nova deidade,
> A dama do meo pensar:
> Prostrei-me aos pés da donzella,
> Hei de com ella, e por ella
> A minha terra cantar!

E canta-a, sim, deliciosamente. Leiam, leiam.

XXVII

Hão de os meos companheiros de viagem ter notado que eu, sem a menor cerimonia, me arvoro em censor de livros e apreciador de estylos e de puresa de linguagens etc., e lá terão dito de sí para sí:—que sugeito é este, que se dá seos ares de critico? Donde lhe veem taes foros de juiz? onde os seos pergaminhos scientificos, os seos diplomas escolares, as bases, em fim, do edificio que se arroga? E tem rasão aquelle de meos companheiros de viagem que assim ponderar, tem. Um singelo serventuario de letras; um *trôlha*, e nada mais.

Um trôlha, porém, audacioso, que teve o máo gosto de ler durante mais de vinte annos livros

velhos, e que tem um diploma de *mestre de meninos* pelo *methodo repentino*, passado em Coimbra por A. F. de Castilho, um vidente que por nós passou, cego do corpo, mas lynce de espirito. E mais nada!... Mesmo nada. A tal leitura dos velhos livros por modo lhe educou o ouvido e o espirito que não ha gostar elle do que não souber a velharia, do que não tiver uns temperos de velha cosinha portugueza. Assim, ralha do que lhe não agrada até onde percebe, até á bitola do mestre de meninos.

Se d'ahi para cima alguma cousa disser, riam-se delle e tenham-no como lunatico, como micromedas litterario.

E sem mais aquella, continuemos nossa viagem.

Entremos em Lisboa em 1753:

Fundação, antiguidades, e grandezas... de Lisboa, etc., por Luiz Marinho de Azevedo, 1.ª e 2.ª partes 'num volume.

Se a este livro tirarmos os Noés, os Tubaes e Ulysses; os Laymundos e Britos (no que fôr absurdo formal) o que resta é bom, ou quando menos, grandemente aproveitavel.

E que mais dizer? Leiam.

Antes, porém, de vos deixar com elle, vêde se me explicaes que estampa seria uma que esta edição tinha, fazendo frente para paginas uma? São manifestos os indicios de lhe ser cortada; mas Innocencio não me falla 'nella nem outro dos que conheço. Alguma vista de Lisboa, para alli trazida d'outra parte?

O que vae *na minha livraria?* Querem ver o livro que se segue? *Lexicon Latinum* de P.

J. da Fonseca, Lisboa, CIↃ.IↃCC.XCIII (1793). Desculpem os meos companheiros de viagem o fazer aquelle troco no parenthesis, que não é para vós, que bem conheceis miudezas destas: é para quem não lêr isto, mas lêr outras cousas em que não ha 'daquillo.

Já encontrámos em Coimbra a 1.ª edição do *Martyrologio Romano*, e agora sae-nos ao caminho a 2.ª em Lisboa, 1681, impressa por Deslandes. Ant. Bucapadulio por bocca de Gregorio XIII prohibe a todos os impressores que diminuam, accrescentem ou mudem em cousa alguma o Martyrologio, e aquelle que o fizer *entenda que ha de cahir na ira de Deos*. «Deos com atributo de irado! Assim será: sejamos crentes. Em vista 'daquella prohibição esta edição é copia da 1.ª, só differente no formato, que 'nesta é o 4.º. Não houve santos 'naquelle periodo decorrido entre as duas impressões. Máos tempos!

Aqui chegamos a Evora em 1688, e em verdade vos digo que não sei se já 'nella entrámos 'neste anno, e vimos um livro que se inscreve: *Escola da doutrina christã*... etc., por Joam da Fonseca, Jesuita.

Suspeito que já o encontrámos e, 'neste caso, é este outro exemplar. Trata da salvação das almas e bem.

Cá estamos já em Lisboa em 1739. *Descripção corografica do reino de Portugal*, por A. de O. Freire. Pouco ou nenhum merecimento tem: é um resumo da corographia do P. Carvalho. Consideram no, ainda assim, classico.

Em 1763 imprimio Manescal da Costa um li-

vro de que só vi este exemplar, não sei se por ser raro, se por outra causa: *Luz universal de arithmetica*... etc., por Antonio Soares Vieira, que morava em Lisboa, juuto ao Arco de S. Bento. Frei Manoel de Figueiredo, por parte do Paço dilata-se em gabos á obra e certifica ao rei D. José que o Jacob Rodrigues Pereira, o dos *surdos-mudos*, é portuguez e não hespanhol, como ha quem pretenda: *Neste mesmo tempo tem Portugal* (sic) *a gloria de que hum vassalo de V. M., o celebre Pereira, esteja em Pariz ensinando pelos numeros, e posturas dos dedos a fallar os mudos. No mesmo tempo, e na mesma Corte florece o insigne Medico Fonseca*...»

Seja bem vindo, D. Antonio da Costa, com o seo formoso livro: *Auroras da Instrucção pela iniciativa particular*, Lisboa, 1884. Já se vendeo a edição! caso extraordinario entre nós.

Deste bom livro já eu escrevi alguma cousa 'nesta folha periodica, onde um amigo meo me compelle, sem pedir, a desenferrujar a penna. O elogio da obra está na venda della.

Deixámos ha pouco, leitor curioso destas viagens, ahi no caminho ao Medico Santos Cruz, e aqui nos vem ao encontro o irmão, Francisco, tambem medico como elle, e creio que não menos habil: *Da Prostituição na cidade de Lisboa*, etc. 1841. Livro interessante, de grande lição e sciencia, e o primeiro, se não unico? sobre o assumpto, em Portugal. Não sabia bem portuguez o homem, até onde posso ajuizar; até a sandalia, no conto d'Apelles, o que é pena.

Eu li-o de uma assentada, e fazel-o dou por conselho a meos companheiros de viagem.

Cheguemos aqui a Paris; é um instantinho de demora: quero fazer-vos uma revelação: *Le Latin pour tous*, por V. Collin, 1878. Ora aqui tem o leitor uma das fontes dos meos latifundios! sim, senhores. Ouvi, ou li que se vertera para portuguez, ou se cuidava disso. E' bom livrinho para os que, como eu, não estudaram a lingua mãe da nossa.

Bernardino Antonio de Oliveira imprimio em Lisboa em 1753 este livro: *Cronica de carmelitas descalços* etc., de Fr. José de Jesus Maria. E' o tomo III, como sabem os entendidos; mas obra completa, como trabalho deste frade: outros são os auctores do 1.º e 2.º. Falla do convento da ordem em Evora, que se começou a construir com *outo tostões* (!) *de cabedal.* Já não existe: foi o primeiro, que existio fora da porta da Alagoa.

Um anno antes, em 1762 na mesma Lisboa, imprimia Manoel Soares este livro: *Fasto do Hymeneo*, etc., por Fr. Joseph da Natividade. E' a historia do casamento de D. José com D. Maria Anna Victoria de Bourbon. Sem primar pela linguagem este *folio* é curioso, por nos mostrar o esplendor de D. João V na jornada do Alemtejo, quando foi ao Caia avistar-se com o rei de Hespanha que lhe trazia a filha, e devia levar a infanta D. Maria Barbara para esposa do filho D. Fernando. O que aqui vae de luxo e de despezas! o Palacio de Vendas Novas surgio da areia em mezes, á voz *argentina* do Luiz XV portuguez!

De dia e de noite trabalhavam mais de 1500 operarios, incluindo soldados de Infantéria e de Cavallaria. Mais de 500 carretas conduziam materiaes de 10 a 15 legoas de distancia, puchadas por mais de 200 bestas! Como em Mafra! Um inferno! Custou um milhão de cruzados! Arderam mais de dez mil archotes, que sei eu?!

A comitiva do faustoso rei em 1729 era assombrosa! Só cosinheiros mais de 150 ao todo! Tudo grande, tudo para admirações! Passaram por Evora; grandes festas! outra admiração.

A descripção dos enxovaes é interessante para o estudo da industria etc., etc. O livro acaba em versos do Pinto Brandão, que já topámos a zurzir a um zoilo:

«D'Evora não foi má esta *cartada:*
só me peza não ver do jogo a entrada,
para notar tambem se os Vereadores
com as capas bandadas de primores,
ao entregar das chaves,
como os de Santarem sahião graves;
mas é senado que forrado anda,
porque lhe acode o jogo da outra *banda.*»

Ora eu quizera que alguem me explicasse o que aquillo quer dizer, em versos que o não parecem: porque lhe acode o jogo da outra *banda?* Aquelles versos levam agoa no bico, se levam!...

Vamos terminar este passeio de hoje em Lisboa tambem em 1720: *Obras do grande Luiz de Camões*... etc., etc. Folio, como é sabido;

este volume até tem o retrato aleijado do pobre Camões, em corpo inteiro, assentado, como um *cretin!* Mas a edição não é má: tem os commentarios do Manoel Corrêa e os argumentos do Franco Barreto.

Descancem estes volumaços nos seos logares, que depois continuaremos.

XXVIII

Os meos companheiros de viagem e os meos leitores hão de ir *desapontados* com semelhante viagem, e com alguma rasão. Nem uma raridade de subido valor! Nada. Já tenho tido 'disso, já; mas dou-as a quem o deva fazer, dou-as aos amigos, ou vendo-as, quando ha vasante completa na bolsa. Isto assim, mui simplesmente.

Comecemos esta viagem, este passeio de hoje em Lisboa, no anno do Senhor de 1671.

Craesbeeck imprime por 3.ª vez: *Thesouro de ceremonias* etc., por João Campello de Macedo. E' bom livro este, dizem os entendidos: ensina a sagrar bispos, a bem sepultar defuntos etc. Tambem é tido por classico na lingua.

Aqui nos apparece agora, meos amigos, um

dos *Amadores Patricios* que ahi teem escondido o seo nome 'naquelle pseudonimo. Topamol-o aqui em Evora, em 1739.

Da imprensa da Universidade saio este livro; *Historia das antiguidades de Evora* etc. O seo verdadeiro nome é Martim Cardoso de Azevedo.

Apesar de eborense, o padre, achou ridiculo o affectado zelo e amor patrio com que seos patricios querem para Evora todos os foros da maior antiguidade, e zurzio-os, cobrindo-os de ridiculo. Venus foi enterrada junto a S. Bento de Pomares, proximo de Evora.

Baccho morreo nas mesmas casas em que nascera, na Rua do lagar dos Dizimos: foi lá sepultado, pois que lhe acharam o epitaphio:

Aqui jaz Baccho enterrado,
Que muitas terras andou,
E por derradeiro acabou,
Tendo primeiro ensinado
O licor tão celebrado,
Que toda a gente gostou.

Nos arrabaldes de Evora, em Pera-manca, appareceo a sepultura de Helena, a da Mythologia, com esta inscripção:

A formosura de Helena
Aqui está enterrada,
A qual a muitos deo pena,
Sendo de todos amada.

Em Grecia se captivou
E Troya por ella ardeo,

Em Evora envinvou.
Em Pera-manca morreo.

Já o leitor comprehende o plano da satyra.

Entremos agora aqui em Lisboa occidental, em 1738, e vejamos este livro impresso por A. de S. e Silva: *Directorio de ceremonias de côro e Parochos* etc., por um Beneficiado, Raymundo Ferreyra de Abreu. Não sei se é bom, se mao este livro no tocante a cerimonias: quanto a linguagem não lhe li mais do que as primeiras regras; não me entendo com elle: é outra afinação.

Tenho uma ideia ou de que Innocencio o não conheceo, ou de que o despresou, por somenos.

Quereis ver a *Historia breve de Coimbra* etc., por Bernardo de Brito Botelho, em 2.ª edição. Lisboa, 1873? Eil-a, mais linda do que a primeira, e mais extensa do que ella nas correcções do auctor e nas notas que lhe fiz. Démos as mãos para esta publicação eu e dois filhos de Coimbra, typographos na Imp. Nacional, Graça Ramalhete e Amaro de Seixas. Fomos prejudicados os tres e eu mais do que elles; porque me desacreditei nas notas. Não as leiam, que me envergonham.

Não sei onde li, mas li, que Bernardo de Brito Botelho é um pseudonymo. Acuda-me o meo amigo Fernandes Thomaz, que é o patriarcha 'nestas cousas.

Não ha muito ainda que nós topámos no caminho o padre Fr Antonio das Chagas a ralhar com o Fernandes Vieira, e agora nos apparece aqui o padre Manoel Godinho, com a

Vida, virtudes, e morte do mesmo Chagas, Lisboa, 1762? E' bem escripto este livro e com pormenores curiosos nos conta a vida do servo de Deos, antes de o ser, Antonio da Fonseca Soares, poeta e espadachim, que matou a um homem tendo 18 annos de edade, na Vidigueira onde nasceo. Andou pelo Brazil, volveu ao reino e professou aqui em Evora em 19 de maio de 1663. na *capella dos ossos* de S. Francisco, por ter vindo uma bala visitar a egreja, quando D. João d'Austria sitiava a praça e cidade.

Termina o livro com 4 *Elegias* do franciscano, bem escriptas, com valentes versos, e começa a primeira:

«Entre o sagrado horror d'esta clausura,
Onde tenho por habito a mortalha,
Casa faço tambem da sepultura,
Onde, como gozano, que trabalha
Por se encontrar no tumulo tecido,
Roubo um triumfo á temporal batalha.
Passo tão outro, ó Fabio, do que hei sido,
Que ou o que sou mil vezes desconheço,
Ou quasi sempre do que fui duvido.

São bons versos estes, não ha duvida. Se me não coxeia a memoria correm por ahi varias copias manuscriptas de um seu poema em castelhano: *Philis*, que já li, e me pareceu bem feito. Tem um exemplar a livraria do ex.^mo^ visconde da Esperança.

Incipit liber processionis secundum ordinem fratrum predicatorum. Caracteres gothicos No fim: ... *innobili Hispalensi vrbe*

*hispanie civitatum principe est impressus per spectabilem virum Jacobum Cromberger alemanum. Anno Dñi M.d.*XIX *Kal. septembris.*

Resavam por este livro as freiras do convento de Santa Catharina 'desta cidade de Evora. Veio da casa do Fogueteiro Justo, para a *minha livraria* por troca de papel para bombas e morteiros.

Temos agora aqui a 3.ª parte dos sermões de Vieira, de Lisboa, por Deslandes em 1683. Vem 'neste volume o celebre sermão *contra as armas da Hollanda*, em que Vieira, como ninguem, antes ou depois delle, se atreveo a escrever.

Vá um trecho do exordio: «Não hei de pedir pedindo, se não protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem, quem não pede favor senão justiça. Se a causa fôra só por nosso remedio, pedira favor e misericordia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra, e gloria, e pelo credito de vosso nome: *Propter nomem tuum*; razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este presupposto vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que tambem vos hei de convencer... As custas de toda a demanda tambem vós, Senhor, as haveis de pagar; porque me há de dar a vossa mesma Graça as razões com que vos hei de arguir, a eficacia com que vos hei de apertar, e todas as armas com que vos hei de render (1)» Isto é o panno da amostra.

Este volume é uma *miscellanea*. Começa por Coimbra, em 1861: *Resumo da Historia moderna de Portugal*, pelo Dr. M. E. da Motta Veiga. Foi livrinho de muitas edições.

O fim deste estudioso e sabio theologo é conhecido. Commoções violentas lhe apressaram o fim prematuro.

Em Coimbra, um anno depois, imprimio-se este livro: *Noções elementares de Geographia geral* etc. por Manoel Francisco de Medeiros Botelho. Não tornei a ver este amigo; não sei onde pára: Era um encarniçado jogador de *damas!* Que sovas levava elle de Barjona (o ex.^{mo} ministro do reino) e de Cerqueira Lobo! E que finos *dichotes* de Barjona! Tudo isto passou.

Principios e applicações de Mnemotechnia, por João Antonio de Souza Doria, 1850. Já não vive tambem este bom homem!... Resta dos tres irmãos, o Antonio. Do livro, que dizer? É' um dos muitos systemas para ajudar a memoria; mas creio não ter tido grande acceitação. Tambem ha um de Castilho, se me não engano.

Em 1861 publicava na mesma Coimbra um estudante do 2.° anno de Direito, hoje Lente d'aquella Faculdade e consummado Jurisconsulto, o Dr. Manoel d'Oliveira Chaves e Castro, este opusculo: *Arte de Tachygraphia* etc. Homem de talento este meo amigo, reune-lhe a applicação, o amor ao estudo, como poucos: é condição de seo viver o estudar.

Do anno de 1860 segue-se na miscellanea: *Systema legal de pesos e medidas, precedido de noções geraes sobre a dizima, com estam-*

pas. E' de J. da Encarnação e Silva este opusculo.

Ainda de Coimbra, em 1858. temos aqui um livro enlutado tambem: *Elvenda ou a conquista de Coimbra por Fernando Magno*... por Manoel da Cruz Pereira Coutinho. Já não vive tambem este amigo do passado e meo, como já noticiei aos meos companheiros de viagem. Com formas romanticas ideiou elle este livro, que não prima nem pelo entrecho nem pelo accurado da forma. Tem algumas notas historicas e topographicas aproveitaveis.

Vamos terminar a miscellanea e o passeio na Imp. Nacional em 1844. *O Dia 11 d'agosto de 1829 ou a victoria da villa da Praia.*

Poema, por A. L. Gentil. Com propriedade é offerecido ao Duque da Terceira, a quem deram em S. Vicente um lugar para a eterna dormida, *á entrada* do jazigo dos reis. Não é mal pensado o *prologo* do poema, que assim começa:

Canto a sempre leal, toda heroismo,
Villa da Praia, d'immortal memoria,
Onde o cruel, sedento despotismo
Murchou os louros de traidora gloria:
Que em denodo, em valor, em patriotismo
Avulta a quanto escreve a Lusa Historia,
Mostrando, por seus feitos bellicosos,
Serem mais do que humanos, milagrosos.

Tem 4 cantos o poema, e termina com este verso:

«Patria, virtude; gloria e liberdade.»

O que 'neste opusculo é de muito merecimento são as *notas*, pelos documentos officiaes que exhibe e noticias da esquadra de D. Miguel commandada por José Joaquim da Rosa Coelho.

Esta esquadra que pretendia subjugar a ilha Terceira compunha-se de vinte e dois vasos de guerra, com mais de 6:000 homens de guarnição e desembarque.

Paremos um instante, e seguiremos.

XXIX

Ainda não tinhamos encontrado a Manoel de Faria e Souza, que aqui apparece, em 1678, com a sua Europa Portugueza, 3 vol. folio, impressa por Craesbeeck de Mello. Consulta-se ainda esta historia de Portugal. Não se conhece bem como Faria e Souza, ao escrever de Portugal e dos feitos de seos heroes, o fizesse em castelhano, despresando a lingua patria. Conservo uma ideia de ter lido que Souza se desculpa algures com a razão de que escrevera em hespanhol por esta ser uma lingua mais conhecida do que a portugueza, e, portanto, poder levar mais longe deste modo o nome lusitano.

Assim seria; mas escrevendo em Madrid, onde quasi sempre viveo, e em tempo de Filippes, a critica 'dhoje assaca-lhe antes servil lisonja ao dominador de seos conterraneos Seja como for, a *Europa Portugueza* é conhecida no estrangeiro e estimada.

Encontramos agora, tambem por primeira vez, a Carlos Ribeiro que já não vive *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*, etc. Typ da Academia, 1880. Offereceo-me este trabalho seu illustre auctor. Conheci-o em Coimbra ha largos annos. Havia á Sé Velha um *Theatro* de curiosos, 'numas casas, que já não existem, pertença da Sé Velha, onde então, como hoje, é a matriz da freguezia de S. Christovam e de S. Pedro, fundidas.

Acho que fazia parte dos bens da mitra. Era Carlos Ribeiro o ensaiador 'daquelle Theatro, ao tempo em que o conheci. Eu era uma creança; depois não mais o vi. Outra lembrança do passado, que me entristece... Francisco Marques de Figueiredo, Antonio Lourenço da Silva, Adelino Mano, Francisco de Paula e Silva... basta... são mortos todos!

Do theatrinho só o logar onde existio. Tudo engulio a voragem.

Esta memoria é o trabalho consciente de um devoto do passado: respira toda ella o desejo de acertar no mar de trevas conjecturaes em que ainda se voga em muitos pontos do assumpto.

Da Imprensa Litteraria nos apparece aqui uma publicação quinzenal, em 1868: *Repositorio Litterario*, 6 numeros, brochados. Criei eu es-

te periodico litterario, e 'nelle collaboraram, Rodrigues de Gusman, Velloso, Simões e outros. Ephemera existencia ; paz no seo esquecimento.

Temos agora aqui. meos companheiros de viagem, o 2.º volume da *Semana*, com mais *cinco* numeros do 1.º vol. da 2.ª serie, ou 3.ª na ordem numerica, e não *trez* como diz *Innocencio*. Escreveram na *Semana* as melhores pennas do tempo : Herculano, Castilho, Tullio. Latino Coelho, Lopes de Mendonça e outros. Já lá vão quasi todos... Ainda é procurada esta publicação.

Entremos no Porto, em 1878 : *Atala*, de Chateaubriand, traducção de Guilherme Braga. Edição de luxo, com estampas de G. Doré. Tambem já não vive o talentoso traductor, Não vos disse eu que o viajar 'numa livraria o mesmo é que percorrer as ruas de um cemiterio ? Lê-se por toda a parte o *aqui jaz*...

Que será feito de uma formosa poezia, que lhe foi attribuida em 1872, laudatoria de Vasco da Gama, e que vi com outras, treze ao todo, se me não engano, em uma pasta da *Academia das Sciencias*, que abrira para aquella colheita um concurso ? Mostrou-m'a Innocencio Francisco da Silva, na casa onde falleceo, depois que dera em Patane ou em Vasabarris o resultado do concurso e a trasladação dos ossos do Almirante do mar das Indias, Vasco da Gama.

Valentissimas estrophes ! Da typ. Castro Irmão saio em 1883 esta publicação em folio : *Le Brésil á l'exposition internationale d'Amsterdam, 1883*, folio, rica edição com um mappa do Brazil no fim.

Eu já escrevi desta publicação alguma coisa 'nesta folha. E' muito curiosa.

Não entravamos em Coimbra havia tempo. Demoremo-nos um pouco 'nella em 1873. Apresento aos meos companheiros de viagem o snr. dr. João Corréa Ayres de Campos e um seo mais que muito valioso trabalho paleographico historico: *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no archivo da Camara Municipal de Coimbra*. Primeira parte, fasciculo unico, 2.ª edição, 84 pag. folio. Seguem os *Indices e summario dos livros e documentos* etc., fasciculo I e II, com indices dos assumptos no fim de cada qual.

Trabalho monumental é este, como outro não conheço, no genero. Habilmente extractados e criticados os documentos e assumptos, com algumas notas historicas de subido valor, este trabalho, por emprehendido e levado a cabo, é valiosissimo para os que entre nós ainda se dão ao estudo do passado de Portugal.

De novo em Lisboa, temos aqui uma rica edição de um trabalho camoneano: *Recordações do tricentenario de Camões. O primeiro canto dos Lusiadas em inglez, por James Edrrin Herritt*, Imp. Nacional, 1881.

Foi editor deste livrinho um cavalheiro da Ilha de S. Miguel, em quem os dotes 'dalma se alliam ao amor das nossas cousas, do nosso passado historico, e scientifico, e litterario o snr. José do Canto. E' este o exemplar n.º 53, que por elle me foi offerecido. Sinto não conhecer a lingua inglesa para aquilatar esta traducção, que

deve ser excellente, nem de outra forma se editaria.

Vae de amostra para os entendidos :

«Arms, and the Men of a redoubted name,
Feu from the western Lusitanian shore,
Through seas where never prior vessel came;
Who further yet than Taprobana bone :
Indangers valiant, and in wars the same,
Exceeding what was pledged of human store,
And, among peòple of a distant clime
New King dom built and rendered so sublime:

Congenere no assumpto, e impresso em Lisboa, em 1880, na imp. de Christovão A. Rodrigues, mostro ao leitor este primor artistico : *Bibliographia Camoneana*, por Theophilo Braga. E' este o exemplar 119 com que me brindaram, o auctor e o editor, que conheci estudante em Coimbra, o snr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

Grande trabalho de investigações é este ! Esplendida homenagem de amor a Camões e ás letras patrias ! Mecena não acabou no Imperio de Augusto.

Larga vae a viagem agora, leitores ; estamos na China com Fernão Mendes Pinto, 'nesta edição sem rosto, que deve ser a 3.ª de 1711. E' sabido que este nosso compatriota, em quanto as viagens e um melhor conhecimento da Asia não vieram mostrar á Europa o que por lá ia; foi taxado de patranheiro e fabuloso, convertendo-se-lhe o appellido em *Minto.* Hoje faz-se-

lhe justiça. Fernão Mendes Pinto vio cousas do arco da velha em Pekim!

Vio uma rua com 14:000 taverneiros da côrte! outra com mais de 24:000 remeiros das panouras del-rei; vio mais de 100:000 mainatos, que lavam a roupa; vio grandes casarias dos grandes senhores do imperio do filho do sol, que tem nomes assim: Tutões; Chães; Conchacis; Aytaos; Bracalões; Chumbins; Monteos; Lanteas *et reliqua!*

Ainda se deve ler o velho viajante, cujo estylo encanta pela simplicidade.

Temos agora aqui um volume manuscripto em cuja lombada escrevi: *Sé d'Evora.*

São apontamentos extrahidos da livraria do Cabido por um antepassado da casa Cordovil, cujo actual possuidor 'mos offereceo, ha já annos, visitando eu a sua livraria.

Percorro-o 'neste momento e vejo-lhe um *nota bene* marginal, que daria curiosa e edificante historia, se eu a quizesse contar... Fica para outra vez: não faltarão occasiões... Mais nada.

Estão agora aqui as *Obras de Chateaubriand,* em francez, com estampas no texto. Andam traduzidas em nossa lingua as principaes, tanto em boa prosa, como em duros versos de Filinto, se bem que portuguezes, donde o crer eu que todos as leram já, e por isso não haver necessidade de lhes dar specimens. Não sei quando foram impressas, nem onde, acreditando que fosse em Paris, logar em que se imprimio, em 1735, um grosso pastelão assim denominado: *Anti-legista critico apologetico, ou glozario*

analytico etc., etc., e etc., tambem tres. Não diz o volumaço quem foi seo auctor. Mede 224 e mais 280 paginas, folio, afora muitas sem numeração. Trata de aptidões ou falta dellas para os legistas poderem ser ou não conegos doutores da Universidade de Coimbra. Que fastidioso e maçudo livro!

Fujam delle.

Não sei quem escreveo tal cousa.

Disse-vos que não tinha raridades, e aqui topo uma: *Mappas das Provincias de Portugal, novamente abertos e estampados em Lisboa*, etc., por João Silverio Carpinetti Lisbonense. Deve ter sido impresso em 1762 ou 1763, não só porque o dizem as estampas, mas porque se offereceo ao conde de Oeiras. Ainda não vi outro.

XXX

Deixemos Lisboa e o conde de Oeiras, que cheira á carne queimada, e vamos até Coimbra, em 1735. Entremos no real collegio das Artes da Companhia de Jesus.

Não temam os Jesuitas que nos não apanharão lá para a Ordem. *Constituições Synodaes* do Bispado do Porto etc., folio de 670 paginas com numeração arabiga, afóra as do principio e fim. Segue uma estampa, representando o Synodo e *Relação da procissão* etc., e *Regimento do auditorio Ecclesiastico* etc.

As duas gravuras do principio e a do Synodo, foram gravadas em *Coimbra por Bernardo dos Santos*. Passam estas constituições por

serem um bom corpo de Direito canonico. Como nas primeiras *Constituições do Bispado d'Evora*, prohibem estas aos clerigos o trazerem de noite *pélas de chumbo ou de outra materia.* Que arma será esta, meos companheiros de viagem? Eu lembro que fosse uma arma de *thug;* uma corda presa ao braço direito, com uma bola de chumbo na extremidade opposta, que se jogasse aggressivamente, e se recolhesse prestes, ou para de novo a arremeçar, se preciso, ou para a occultar, partida uma cabeça, estatelado um. Que arma extravagante! e não menos temivel!

Visitemos Ilhavo, perto de Aveiro. 'Dalli começou, em 1877, a escrever uma bella publicação scientifica e industrial, que aqui nos apparece, o meo antigo amigo, Manoel da Maia Alcoforado: *Museu Technologico. Revista das industrias portuguezas e estrangeiras*, etc. Lisboa, Lallemant Frères, folio, com optimas gravuras. Publicou 7 numeros até janeiro de 1878. Não me pode ser agradavel semelhante passeio. Quereis ver? *Ao meo antigo amigo Antonio Francisco Barata off. Manuel da Maia. Aveiro, Ilhavo 1-5-77.* Pois já não vive tambem o homem que escreveo aquellas palavras!...

Um moço, que parecia um Hercules! Foi companheiro em Coimbra de Ayres de Gouvêa, formou-se em Direito e esteve para se doutorar, chegando a imprimir a *Dissertação inaugural.* A ultima vista gravada no rosto do numero 7 é a da egreja da Vista Alegre.

Aqui está outro offerecimento de um homem

de sciencia medica, o snr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões: *Projecto de Regulamentos dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 1873.*

Para sentir e lamentar é que este apostolo do bem, e da sciencia, este illustre professor de Coimbra 'neste momento seja tão desgostado no outomno de sua vida honrada...

Entremos em França, não sei bem onde. Vejam este livro: *Compte rendu des constitutions des jésuites,* par L. R. de C. de la Chalotais, Procurador da coroa no Parlamento inglez em Dezembro de 1762.

Na doutrina do Jesuita Salmeron, o auctor doutrina aspera: «Si un Prince devenoit Hérétique ou Schismatique, *le Pape peut user contre lui du glaive temporel,* passer outre jusqu'à le dépozer, & *le chasser de son Royaume...*»

Mais ainda; *Tout Particulier a le même pouvoir*, celui de declarer le Prince ennemi public, & en consequence, de le faire mourir par le fer...»

Mas deixando a França, aqui temos em Portuguez obra mais acabada: *Origem infecta da relaxação da moral dos... Jesuitas*, etc. Lisboa, 1771. Foi *da Livraria de Santo Antonio de Evora.*

Custou-me *uma de seis* 'num Ferrovelho. Se o leitor quer saber como a Companhia auctorisava qualquer atrocidade, até ao assassinato, leia este livro para sua edificação.

Ha tempos que andamos por fóra de casa; entremos 'nella, em 1759.

Este livro, impresso em Evora 'naquelle anno, é dos taes que deitam a mão abaixo! *Prosodia* etc., de Bento Pereira. Um immenso rosto em latim com letras vermelhas e pretas. Ainda é um bom livro este, especialmente pela 1.ª e 2.ª partes do *Thesouro* das phrases portuguezas que tem no fim. O Latim vae perdendo de moda; já ninguem o aprende, já poucos o sabem ensinar. Tambem não deixa cá saudades. Deos lhe perdoe as amarguras que a tantos causou!

Agora, sim, meos viajantes, é que vamos dar um bom salto: *Roma!* Eil-a ali está com o seu castello de S. Angelo e annexos colossaes, residencia do Papa.

Vejamos imprimir na officina Komarckiana, em 1728, este livro: *Evora gloriosa* etc., por Francisco da Fonseca. E' bom livro, dá muitas noticias de toda a casta. Deve ler-se.

Comprei-o ha pouco no espolio de um *Padre* que o não era, um velhote, vestido de capa e batina, que tendo apenas ordens menores nunca em toda sua vida de mais de 80 annos deixou as vestes negras do sacerdocio. Morava na rua do Paço, ou do *Marquez de Pombal*, assim chrismada pelo meo sympathico amigo Visconde da Tourega, quando ahi o paiz se lembrou de festejar o saião da praça de Belem. E deixemos Roma que é insalubre agora: o Tibre é doentio e palludoso. Volvamos a Lisboa, que está uma bellesa de aceio: nem sombra de microbio!: *Diccionario Portuguez e Latino*, por Pedro José da Fonseca, 1771. E disse.

Continúa a região dos folios: demoremo-nos

um pouco em Lisboa: *Exercicio de perfeição e virtudes christãs* etc. Traduzido de Affonso Rodrigues por Fr. Pedro de Santa Clara, 1754.

Tenho outro em brochura; uma riqueza!

Approxime-se sr. João de Barros, comprimente a estes viajantes que para o ver vieram. *Decada primeira da Asia*, etc., na offic. de Pedro Ferreira, 1752. Não se publicou senão este 1.º volume, como sabem bibliographos. E' offerecido a um Inglez, *João Bristowe*. Entre agora na forma, vernaculo escriptor, e vá descançado que nunca morrerá: ha de ser lido em todos os tempos.

Outro Barros! E' o Jesuita André, com o seo bem escripto livro: *Vida... de Antonio Vieira* etc., na officina Silviana, 1746, optimo exemplar. Tambem tenho dois.

A lingoagem deste da Companhia é accurada e elegante.

Já o li todo e gostei. Botem se a elle, que se não aborrecem. Tambem me veio do *Padre* que o não era.

Bem vejo que o leitor vae cançado do caminho por entre estes gigantes de papel, papelão e couro. São assim todos os caminhos na vida e no mundo: ora agrestes e aridos como areaes da Libya, ora amenos e floridos como jardins das Hesperides. O passeio de hoje vae no fim, que já lá vejo de perto o extremo da estante. Ha só mais dois livros cujos auctores vamos conhecer.

Aqui está Fr. João Pacheco, mostrando-nos o seu *Divertimento Erudito*, impresso em Lisboa, 1738. São só o 2.º e 3.º volumes. Obra

de muito saber, e de grande instrucção pelos termos technicos de sciencias, artes e officios, que reunio. Obra tremenda como de livraria de um pobrete, que nem tem pingues ordenados, nem apanhou a *taluda*, nem tem tido heranças, nem... nada.

Sem sairmos de Lisboa, em 1759, imprimio B. A. de Oliveira em 3.ª edição este volume: *Escola Moral, Politica, Christã, e Juridica* etc. por Diogo Guerreiro Camacho de Aboym.

Este sugeito, cujo nome já encontrámos no *Pinto Renascido* fartou-se de escrever volumaços em Latim sobre direito, e deixou-nos este em Portuguez delambido. E' uma enorme miscellanea de varios conhecimentos e de grande leitura, especialmente de grande leitura, de livros hespanhoes e latinos. 'Num dos Prologos diz elle aos zoilos:

> Quien presume corrigir,
> Debe bien considerar,
> Que fuè siempre el censurar
> Mas facil que el escrivir.

Diz mais em paginas 383 que um tal Phavorino, que não tenho o gosto de conhecer, reduzia a tres classes os homens todos: *ridiculos, vaidosos e miseraveis*. Por mim não sei em qual dos grupos me deva encaixar; talvez nos tres. Conheço, porém, alguns, agrupados nos ridiculos, os *ambiciosos*, a quem á maravilha ajusta o que escreve este Aboym grego. Ora veja o leitor isto:

«O ambicioso logo que sobe ao logar, se enche de soberba, e se desvanece de jactancia... despresa os amigos, desconhece os que antes conhecia, vira a cara a todos, levanta o pescoço... sendo para os subditos oneroso, arrogante, grave e importuno».

E' isso mesmo: cá por Evora temos da especie. De acordo está elle comigo e com o Filinto:

«Em as genealogias importa saber pouco: o mais seguro é ignoral-as».

De harmonia, snr. Aboym.

Comprei este livro na mercearia do fallecido Luiz Cabreira, que foi um bom homem. Pertencéo a *José Paulo de Carvalho*, corregedor em Evora em 1808, pae de José Paulo de Mira, recemfallecido, o affamado caçador de Javalis.

José Paulo de Carvalho, apodado de Jacobino, fugiu de Evora antes da entrada dos francezes e foi morrer espostejado, ou pouco menos, ás mãos de portuguezes, proximo a Barrancos, como melhor de que outro o explica José Accursio das Neves na sua *Historia da Invasão dos Francezes*, no tomo 4.º.

XXXI

Vamos recomeçar nossa viagem por Lisboa, em 1829. Está aqui o snr. José Daniel Rodrigues Costa, o celebre homem dos opusculos, o auctor do *Almocreve das petas*, a victima de Bocage. *Portugal enfermo*, é uma satyra em parelhas a usos e costumes, e á mil cousas. Vá de amostra:

«Eu vejo homens de grandes ordenados,
Que fazem os dos outros ser quartados;
Os que elles tem, sempre achão ser pequenos,
Mas querem que o dos outros fique em menos,
Que o triste pão, que o empregado come
E' que augmenta a despesa, e que faz nome;

Mas o que elles desfrutão inda occulto
E' uma bagatella, não faz vulto.
Não maculo ninguem ; porém ha disto,
Como eu por muitas vezes tenho visto.
Isto com alvo certo não se entende ;
Quem tiver este vicio que se emende,
E singular fazer-se não intente
A' custa do flagello da outra gente.»

Já o homem assim escrevia em 1829 ! Em todos os tempos tem havido desses taes. Não lhe escapou nada :

«Eu vejo muita cousa vir da França,
Enfeites que de os ver a vista cança ;
Té cabelleiras vem para senhoras,
A quem as calvas são mui devedoras,
Feitas de coifa elastica, e mui preta
Com um monete em ar de maçaneta :
Porém estes modernos penteados
De cabellos puxados, repuxados
As cabeças vão pondo em tal figura
Que fazem seja calva a formosura.»

Deixemos o ralhador e sigamos nosso caminho.

S. Thadeo Ferreira imprimio em 1801 um livro, que tem este titulo : *Supplemento do Manual da Ordem da Hospitalidade de N. P. S. João de Deos*, etc. Não sei quem foi o auctor deste volume, que tem 238 pag. in 4.º. Foi *do Convento de S. João de Deos de Elvas.*

E' notavel a sorte dos livros ! Seos auctores, que muitas vezes foram uns pobretes, só viajaram no seo quarto ou livraria, como nós estamos

fazendo ; depois de mortos então é que é o viajar! Este veio de Moura.

Ainda sem deixarmos Lisboa, temos para ver um bom livro, segundo dizem: *Instrucçam da Cavallaria de Brida*, por Antonio Pereira Rego, 1767. Combate a cavallaria da gineta por inferior á da brida e ensina muita cousa sobre o assumpto. Segue no mesmo volume a *Summula da alveitaria*, que trata acho que de todas as doenças dos animaes: As Lupas, o Eslabão, os Arestins, Gavarros, Galapago e Porrilhas, tudo!

Está agora aqui, tambem em Lisboa em 1816, o P.e Moreira (F. R. de Carvalho) com o seu *Patriotico*. São máos versos ás tres invasões francezas;

«Hum jugo!... E hum jugo por aleivosia
Nos termos posto mais exasperantes!...
E Portuguezes somos hoje em dia?...
Fomol-o de antes.»

Horrivel! Não leiam: as notas, sim, são curiosas em prosa commum; alludem a homens do tempo e acontecimentos.

Embarquemos agora, meos viajantes, e sigamos para os Açores. Além temos já Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel. Lá se começou e tem continuado a imprimir o: *Archivo dos Açores*, vol. 1.º, 1878. Já vae no 5.º volume esta collecção de documentos para a historia 'daquellas ilhas. Que trabalho no reunir e coordenar 'daquelles documentos!

Tem esta empreza pesado sobre os hombros

de um meo amigo desde o tempo de estudante em Coimbra, o Dr. Ernesto do Canto, 'daquella notabilissima familia da Ilha. Tenho saudades 'daquelle tempo de Coimbra, se tenho! Que grupo de rapazes briosos aquelle dos ilheos!

Temos de voltar a Paris, leitores; e, pois que temos navio ás ordens, singremos para a França: *A India christan*... etc., tradusida por J. Pinto de Campos. E' uma refutação de Jacolliot—*A Biblia na India* etc. Com grandissima erudição escreveo o peruano *Gual* a refutação, e com não menos conhecimentos a traduzio Pinto de Campos.

Ha sophismas 'neste livro e muitos; mas ha tambem grandes conhecimentos da antiguidade e vastissima erudição.

Monsenhor Pinto, parece que offendido do Imperador do Brazil, o sabio delicado, por ser Imperador, offereceo o livro ao nosso rei. Elle veio ver Evora, o sabio *di lá*, e eu, que tivera um telegramma de Lisboa obedeci á sua doutrina e fui á estação do caminho de ferro esperar o homem, que parece ter-se chamado *Pedro de Bragança* na viagem; um sugeito como outro qualquer. Leigo em pragmaticas, dirigi-me ao Bragança e mui cortezmente lhe vendi *o meo peixe* como o telegramma pedira, entregando-lhe um *Roteiro do viajante em Evora*. Da altura de suas barbas crescidas, do pinaculo do seu trono de pretos e abastardados portuguezes me *arrancou* elle das mãos o opusculo e me deo a mirar o costado real! Correcto, solito e realengo. Biographos deste imperador *sabio*, cujas obras ainda não li, porque andam por *mesas al-*

tas, aqui vos deixo este traço biographico; não o despreseis, quando houverdes de o endeosar!

Já estamos em Lisboa, em 1815; Galhardo imprime: *Triunfo do clero Portuguez em geral.* Partes 1.ª e 2.ª. Esta segunda defende o de Evora, no tempo da invasão franceza.

Parece que fôra o clero maltratado 'numa Memoria Politica inserida no numero 37 do *Investigador Portuguez em Inglaterra.* A memoria que defende os de Evora, é curiosa. O clero de Evora foi patriota genuino, e se o não fôra melhor gallo lhe cantára em 1808. Muitissimos pagaram com a vida a tresloucada defensa de uma cidade rota, apesar das muralhas fernandinas, e que de modo algum podia resistir, ao ataque de 8 a 10 mil francezes, vencedores na Europa, para quem a cidade de Evora era um almoço militar. Enganaram-se um pouco; é verdade, que o celebre Moreti hespanhol, que se fizera general, ainda os batera bem batidos até ao momento da fuga com a espada a tiracollo, *a guitarra!*

Temos agora de chegar ao Rio de Janeiro: a viagem é longa; mas ser-nos-ha facil o ir lá. *Del dicho al hecho no vá gran trecho:* cá estamos na capital da febre amarella. A typ. do Globo imprime em 1875 este livro: *A Igreja e o estado, o catholico e o cidadão,* por Joaquim Pinto de Campos.

Escreve mui bem portuguez este homem, este meo amigo, e defende com talento a causa que por dever de sua posição patrocinou.

Fujamos agora e pojemos de novo em *Ponta Delgada.*

Saudades da terra, de Gaspar Fructuoso. *Historia Genealogica de S. Miguel*, 1876. Mede 276 paginas este livro, por muitos titulos excellente. Foi editado este volume por Francisco Maria Supico e por José Pedro Cardoso.

E volvamos a Lisboa agora.

E' o anno de 1882. A Lithographia Matta & Comp. dá á luz um livro singular in folio: *Descobrimentos, guerras e conquistas dos portuguezes em terras do ultramar nos seculos XV e XVI*, por E. A. de Bettencourt. Aquelle titulo é em tinta encarnada. E' um folio maximo de XVI 420 paginas, manuscriptas em caracteres gothicos, primorosamente caligraphados. Cada pagina tem uma cercadura formosa, egual em todo o livro 1.º e diversa em todo o segundo.

Nas paginas do 1.º livro esta cercadura borda metade da pagina; em cima e do lado da lombada; nas do 2.º sómente deste lado.

Tem no fim tres mappas.

Eu já escrevi 'deste livro unico 'neste mesmo periodico. 'Neste genero não temos nada assim. Livro de grande trabalho de investigação consciênciosa, deve passar á posteridade nas livrarias dos homens de letras. A cartonagem é lindissima.

Vae finda a região dos folios.

Em Braga entramos. Da typ. Camões sae 'neste momento uma rica *Homenagem a Luiz Quilinan*, 25 de Abril de 1883. Subscrevem-lhe os artigos em prosa e verso os melhores escriptores de Braga, capitaneados por seo decano;

Pereira Caldas, que com grande trabalho lhe compoz outo quadras com versos de Camões:

«Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte!»

Voltemos a Lisboa 'neste anno: estão aqui tres publicações da *Kermesse*, destacando a de Luiz Jardim: *Italia*, pelo primor de tudo quanto encerra. São offertas com que honraram este obscuro trabalhador.

Eis aqui cartonada a edição dos Lusiadas do *Diario de Noticias*, reproducção critica da *princeps*, por F. Adolfo Coelho, 1880. Teve uma tiragem de 30:000 exemplares, para vulgarisação do poema. Honra os editores do *Diario de Noticias* essa publicação gratuita.

Chegámos, companheiros de viagem, ao maior *in folio*, ao gigante da *minha livraria*, que me dá a lembrar aquelle marroquinão collossal, que os de Tanger mandaram ir ao encontro dos Portuguezes, quando foi da conquista, e que, sem a nenhum dos nossos amedrontar, caío em terra ás mãos de um esforçado portuguez.

Entremos no Porto, onde foi gerado o livro, ou opusculo (notavel contrasenso!) porque só contem IX-7 paginas: Canções de D. Pedro I, rei de Portugal, 1878. E' dedicado *á saudosa memoria de D. Pedro V*, e precedido de uma introducção de Pereira Caldas, erudita como tudo quanto escreve este sabedor, gigante tambem. O leitor que nunca lêsse o *Cancioneiro*

reunido por Garcia de Resende, póde apreciar D. Pedro como poeta:

Senhora quem vos mateu
Seja de forte ventura
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mi causou.

Assim rompe o rei, lamentando a morte da amante formosa, e continúa:

E pois nom vi mais asinha
Tolher vosso triste fym,
Recebo vos, vida minha
Per senhora, e per Rainha
D'estes Reynos, e de mym.
....

E termina este menestrel coroado:

Sangue do meu coraçom
Ferido coraçom meu,
Quem assi per esse chom
Vos espargeo sem rasom?
Eu lhe tirarei o seu.

E tirou, que palavra de rei não volta atraz.

Fim da 1.ª parte

VIAGENS NA MINHA LIVRARIA

SEGUNDA PARTE

VIAGENS NA MINHA LIVRARIA

SEGUNDA PARTE

por

Antonio Francisco Barata

Barcellos
Typographia da *Aurora do Cavado*
Editor — *R. V.*
1894

DUAS PALAVRAS DO EDITOR

Havendo reunido em volume na «Primeira parte» das *Viagens na minha livraria* de Antonio Francisco Barata, o velho amigo e compadre dos saudosos tempos de Coimbra, a que me ligam laços de amisade de mais de 40 annos, jamais trahida e sempre desannuveada, e o escriptor respeitado e consagrado pela aura publica como um dos mais indefessos e benemeritos lidadores das lettras patrias, as quaes tem enrequecido com os opimos fructos de seu talento e trabalho, teria como crime de lesa-litteratura o não fazer o mesmo com relação á sua «Segunda parte».

E por crime irremissivel o haveria eu sempre, dando-se, como se dá, que não destôa esta parte do seu precioso trabalho, dos altos quilates que acendram aquella, a não ser no defeito para mim imperdoavel e inapagavel, que, não obstante o muito que considero o auctor e o muito que lhe quero, não calarei, qual o de não alcançar esta «Segunda parte» das *Viagens* em volume á terça parte sequer do a que montou a «Primeira».

Posta de lado esta pecha, infelizmente não pequena, não ha senão por que encomiar essa

«Segunda parte» das *Viagens na minha livraria*, que em si reune ella todos os predicados que assignalei na «Primeira», e que a tornam uma verdadeira joia litteraria, unica no seu genero no nosso paiz, abrindo exemplo muito para ser seguido, e oxálá que o seja por quem bem nas condições de o fazer, pois que reunindo-se em tal modo mais uma vez, e são bem raras as em que isso succede em cousas litterarias o

Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci

de Horacio. (a)

(a) Este conhecido verso de «Arte Poetica» de Horacio, cuja versão é «A perfeição está em reunir o util e o agradavel», traduziu-o Candido Lusitano:

Quem sabe pois tecer acção, que instrua,
E juntamente agrade, esse he que leva
O voto universal;

D. Gastão Fausto da Camara Coutinho:

N'este empenho se vê, que é necessario,
A fim de conseguir geral applauso.
Tecer com destra mão, e primôr d'arte
O agradavel e util, instruindo,
E ao mesmo tempo deleitando.

e Jeronimo Soares Barbosa:

Aquelle os votos só uniu inteiros,
Que é o util misturou e o deleitoso,
Juntando á instrucção prazer gostoso.

Sahida primitivamente nas columnas da *Aurora do Cavado*, d'ahi a colhi para o presente tomosinho em formato identico ao em que reunida a «Primeira parte,e como complemento seu vae ella correr mundo, ficando eu bem certo e seguro, como padrinho no registro de seu nascimento, de que lhe não faltará do publico o acolhimento benevolo e festivo, e bem merecido, com que acolhida foi quando estampada nos folhetins da *Aurora*.

Barcellos 22 de março de 1894,

RODRIGO VELLOSO

Como curiosidade bibliographica apresento estas tres diversas versões do mesmo verso, acrescentando tambem, como tal,que n'uma excellente traducção da «Poetica» de Horacio, seguida de traducção do «Ensaio sobre a critica» de Pope, publicada anonymamente em Londres, em 1812, por uma portugueza, e dedicada á «preciosa memoria d'el Rey, D. João IV,» vem ommitidos todos os versos do original a começar do 274

Ignotnm tragicæ genus inveuisse Camenæ

até o 345

Et longum noto scriptorí prerogat ævum

nos quaes comprehendido o

Omme tulit punctum &.

R. V.

VIAGENS NA MINHA LIVRARIA

SEGUNDA PARTE

I

Se algum dos meus companheiros de viagem se não sente cançado do caminho e me quer acompanhar no paiz dos pigmeos, dos folhetos e livros de pequeno tomo, acompanhe-me, tenha coragem, que eu lhe certifico que quando outro proveito não colha destas viagens alcança ao menos o conhecimento de alguns livros uns bons, outros soffriveis e outros máos, que tambem os ha.

O primeiro que encontramos é escripto por uma victima do despotismo entre nós, por um desgraçado companheiro de Gomes Freire d'Andrade na sentença inaudita, lavrada por portuguezes contra portuguezes em 1817, mancomunados para isso com o deshumano Beresford, Antonio

Pinto da Fonseca Neves. Este ao menos não foi morto: ao cabo de alguns annos de prisão e desterro volveo á patria velho e doente: *Obras poeticas*, por—segundo tenente de artilheria, victima da vergonhosa sentença, produsida no juizo da Inconfidencia em 15 de outubro de 1817. Lisboa, 1821.—Coitado! Preso no *Segredo do Inferno*, exclama:

«Medonha gruta, carcere do inferno,
Negra caverna, onde o silencio mora,
Propria a nutrir o mal que me devora,
Que lasca e punge o coração mais terno...

Faz uma petição a D. João VI e diz n'ella, fallando da invasão franceza:

Quando a vossa patria, ó Rei,
Um tyranno agrilhoava,
Com elle um passo não dei;
Para si me convidava,
Seo serviço regeitei.

Muitos ha que o acceitaram
Outros ha que se off'receram,
Depois as armas voltaram
Contra a patria onde nasceram
E no seo sangue as molharam!

Afrancesados sem conto
Tambem nas becas houveram,
(os fieis eu não affronto)
Um estranho rei quizeram!
Por decencia os não aponto.

Em outra composição diz que foi um dos primeiros que ergueo um brado contra invasores:

Ergo em Lamego
Prisca cidade
A voz primeira
Da Liberdade.

A's armas corro,
E em marcia lida,
Entre paisanos
Exponho a vida.
. . . .

Lisia atraveço
Entro em Gallisa,
E' *Gloria* ou *Morte*
Minha divisa.

Regi na Hespanha
Gaz fulminante;
Entro em Lisboa
Já triunfante
. . . .

Mas, Patria ingrata,
Se não premeias,
Porque me rasgas
Cançadas veias?

Este volume tem no fim uma *Memoria* que o auctor mandou unir aos autos, que é muito interessante para a historia d'aquelles tempos. Pedindo uma certidão da guia que o conduzio pa-

ra o degredo, disseram-lhe n'ella: «Este reo foi condemnado em degredo por dez annos para Moçambique e isto por culpas e motivos!» Que taes eram os tempos e os Juizes, cujos appellidos de familia por ahi andam ainda hoje? Dá a lembrar um Juiz de Direito, Miranda, que esteve em Evora, e que mandou para a cadeia a um certo homem dizendo: «Provas do crime não ha; mas vá lá para a cadeia cá por cousas!...» E tem havido disto na magistratura! Vergonha!

«A lei será egual para todos...» Isto é simplesmente irrisorio, como certo é ser este opusculo a *Carta constitucional*, impressa em 1826.

E' tal minha descrença por este codigo de leis que ainda o não li todo! E' uma vergonha, bem sei; sou um máo cidadão que não conheço esta *biblia*.

Ha muito que não encontravamos a Cenaculo: eil-o aqui com a *Pastoral* que começa: *Dispoz* o Supremo e Divino Provisor dos homens... E' de 1808 Dá-nos uma nova litteraria, pelo menos a mim, de que um Terceiro, Frei André da Veiga *publicou um volume de versos* e morreo com 110 annos! Parece não ser conhecido este livro. Tem a Pastoral 125 paginas de varia doutrina e grandes conhecimentos, mas naquelle estylo arrevesado, que não parece portuguez.

Chegamos aqui a Barcellos, onde ainda não entrámos:

Reino da Estupidez, poema de F. de Mello Franco. Typ. da *Aurora do Cavado*. E' outra edição do conhecido poema, devida a meo com-

padre e amigo, o Dr. Rodrigo Velloso, um benemerito das letras portuguezas. Não é só este poema que elle tem publicado na sua imprensa: ha mais, cujos titulos ora não lembro, nem possuo exemplares.

Não sei se vos mostrei o estylo do auctor: se o não fiz vá de amostra: começa o canto terceiro:

«Do fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada;
Pelo cume soberbo de alto monte,
E pelas fraldas, que o poente avistam
Vai-se ao longo estendendo, até que chega
A beber do Mondego as mansas aguas.

Já vedes, companheiros de viagem, que os versos são bons, e que deveis ler esta satyra á Universidade, que em todos os tempos tem carecido d'ellas. Será talvez uma demonstração da these do *Martins Asneira*:

De rebus universitatis quod est, est.

Aqui está um sugeito que nós já encontramos: é João Garrido com sua *Taboada curiosa*, de Lisboa, 1739. Acaba assim um elogio fradesco:

«Tudo nos mundos contára
A conta, se mais houvera,
E se mais mundos houvera
Lá vossa conta chegara.

Engenho subtil vos fez
Singular só como o sol,
Se lá nasceste Hespanhol
Sede hoje cá Portuguez.

Deos guarde e vos renove
Com graça n'alma gentil:
Quinze de Março de mil
Setecentos trinta e nove.

Até que a morte traidora
Me tire a vida por lei
Serei vosso amigo Frei
João de Nossa Senhora.

Era engenhoso este frade, não era?

Estamos no anno da *Patuleia*, 1846. Silva Carvalho imprime em Lisboa: *Novo Methodo da cultura* (!) *d'Abelhas*, por Diniz de Sant'Anna Torres, Beneficiado da Sé de Evora. Máo estylo, mas boa doutrina para o tempo. O velhinho, que ha pouco deixou a vida sabia da arte a fundo.

Ha vinte e um annos, Rodrigo Velloso imprime em Coimbra: *Folhas ao vento*. Livro humoristico e chistoso recorda-me com saudade aquelle tempo! Velloso, Cerqueira Lobo, Monteiro e outros rapazes eram companheiros de casa na *Couraça dos Apostolos*. Prepara-se um passeio a Condeixa, canta-se. para demover em verso a Cerqueira Lobo, que não queria ir:

«O' tu, que em resas todo o dia passas,
Entre as fumaças dos milicios vis,
Deixa um momento de trazer rosario
Só necessario para mãos senis.

Não reses tanto,
Lobo damnado!
Goza um feriado!
Vae ser feliz.

O ultimo capitulo inscreve-se: *Magister Simonides*. Já não vive este professor de Latim em Coimbra, que serviu de assumpto ao capitulo. Vá de amostra das celebradas traducções de Simões:

Et cum clamarem: Quo nunc se proripit ille?
Tityre, coge pecus; tu post carecta latebas.

Traducção: «*E quando eu exclamava: Tytiro enfardella o gado! Para onde diabo se esgueirou elle? tu, moinante, estavas alarpadado de trás dos caniços.*»

O professor que assim traduzia o latim morreo deixando amontoados 200 contos de reis!

Ainda de Coimbra temos aqui as *Cartas Bibliographicas*, por F. T. (Annibal Fernandes Thomaz) 1876 e 1877, 1.ª e 2.ª series.

Estes raros opusculos são offerta amiga. Que dizer da erudição especial do auctor?

Que no assumpto não conheço nada mais interessante. Fernandes Thomaz não é só o amador entendido é o escriptor aprimorado.

A sua livraria, que vi na Louzã, onde vive, é valiosissima.

Aqui está um livro de um homem que não sei se é vivo ainda; talvez o não seja porque se

lhe haviam transtornado as faculdades pensadoras, Florencio Mago Barreto Feio, lente de Mathematica em Coimbra: *Memoria historica e descriptiva ácerca da Bibliotheca da Universidade*, 1857.

Penso ser o trabalho mais completo sobre a Bibiotheca.

Já não vive o humanista A C. Borges de Figueiredo, que verteo as incripções latinas d'aquella Bibliotheca. E' conceituosa esta :

«A todos este espaço se franqueia,
De livros adornado; aqui entrando,
Os escriptores lede, e sereis douto.
E para o estudo vosso a norma é esta:
Leia e medite a mente, aponte a penna.

Vamos agora, meos leitores, terminar este passeio d'hoje em Lisboa, em 1844: *Algumas considerações politicas pelo author do Hontem, e Hoje e Amanhã etc.*

Não sei ao certo quem é o auctor deste opusculo politico, que se escondeo. Suspeito ser D. José de Lacerda.

O meu amigo Joaquim Martins de Carvalho é quem sabe na perfeição estas cousas da historia contemporanea.

O anonymo auctor mostra-se hostil á revolta de *Torres Novas*, promovida por Cezar de Vasconcellos, José Estevam e o Conde do Bomfim, em 4 de Fevereiro de 1844, prenuncia a *Patulêa*, ou *Maria da Fonte*, commoção geral contra o governo de Costa Cabral, feito *Marquez* por Antonio Rodrigues Sampaio!

Tem cousas a nossa historia !

II

Começamos por Coimbra este passeio, em 1867: *Mundo Interior*, por J. Simões Dias. 2.ª edição.

Foi um livro festejado ao nascer e estimado depois. O leitor não o conhece? Leia *A tua roca*:

Quando te vejo á noitinha
Nessa cadeira sentada,
O chaile posto nos hombros,
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuso nos dedos,
Os labios contando ao fio
Da tua bocca os segredos,

Eu digo sempre baixinho
Olhando p'ra tua roca:
Quem me dera ser estriga
P'ra beijar aquella bocca!

Lede, que haveis de gostar.

Temos agora aqui um conego da sé de Evora, José Jacintho Nunes de Mello com uma: *Oração funebre* de D. Miguel Lucio de Portugal e Castro etc, 1781. Era da casa dos Vimiosos o morto, e a oração foi recitada na Egreja do Convento de Santa Catharina de Evora. Não é mal tecida esta oração.

Entrêmos no Porto, em 1841. *Bibliotheca Lusitana escolhida*, etc. por J. A. Salgado.
E' um catalogo dos escriptores de melhor nota quanto á lingoagem, que eu não conhecia até que m'o offereceo o meo velho amigo Fernandes Thomaz.

Do Porto entramos em Lisboa em 1880. Da imp. de Lallemant Fréres está aqui este livro: *Impressões de viagens* por Monsenhor J. Pinto de Campos.
Viaja-se na Italia e no sul da França ao ler este livro, e vai-se a Lourdes, a das aguas miraculosas. Vê-se muita cousa. Leiam e viagem.

Mattos Moreira edita em 1876: *Contos singelos*, de Gabriel Pereira. E' um livro de sã moral, com reparos ajustados, e cauterios salutares a varias chagas sociaes. Digno de leitura.

Temos aqui dois opusculos de Lisboa, em

1879 e 1881, escriptos por um infeliz, que já não vive, como sabeis: A. F. Simões—*A civilisação*, a *educação* e a *phthisica*, e o *Tratado de Lourenço Marques*. E' o primeiro um folheto de utilissima leitura e o segundo uma liquidação de responsabilidades politicas, que a sêde do mando arremeçára de uns para outros como pela, que ninguem queria.

Entramos na Imp. Litteraria em 1868, em Coimbra: «Historia da Philosophia em Portugal» etc. por J. J. Lopes Praça, Dr. e Lente de Direito em Coimbra. Começa o livro por tratar da philosophia de Pedro Hispano (João XXI) e termina escrevendo de Silvestre Pinheiro Ferreira. Tem um 1.º fasciculo=*Documentos comprovativos*: comprehende: Estatutos da Universidade, Estatutos do Collegio das Artes e Estatutos de Evora. Trabalho novo em Portugal, este do illustre academico foi bem recebido pelo muito que já tem de prestadio e ensinador.

Agora nos apparece aqui um sujeito, que não tinhamos visto: Fr. Manoel de Santa Anna Braga, com o seo pouco vulgar livrinho: *Historia critica e apologetica do Santissimo Milagre da villa de Santarem*, etc. Lisboa, 1803, com duas estampas, a pag. 27 e 75. Esta historia, o que tem de mais interessante é a copia de um livro antigo, a não ser apocripho, que narra o acontecimento celebrado na lenda, e que se inscreve: *Incipit prologus super mi-*

raculum Sacramenti corporis xpi quod apud castrũ Sãtarenẽse cõligit in illis diebus in ecclesia sancti stephani,,. Este documento tem o merecimento da antiguidade unicamente.

De Lisboa, em 1810, temos aqui: *Refutação analytica do folheto que escreveo o reverendo padre José Agostinho de Macedo e intitulou os Sebastianistas*, por João Bernardo da Rocha e Nuno A. P. Pato Moniz, redactores do *Correio da Peninsula*.

E' uma sova no homem de Beja, é uma tunda no exfrade.

Antonio Teixeira de Magalhães, tradusio para instrucção de seos filhos o seguinte: *Disticos de Catão sobre os costumes* etc. Lisboa. 1818. E' curioso este opusculo: quer o leitōr amostra para offerecer ás mulheres?

«*Não temas as palavras de tua mulher agastada contra ti; porque quando huma mulher chora, ella forja alguma traição com suas lagrimas*».

Termina com as maximas dos sete sabios da Grecia.

Esta é curiosa: *Diuturnam amicitiam custodi*.—Guarda a amisade por muito tempo.

Sim, sr. sabio, que não veda a qualquer mortal o atirar-se com ella aos focinhos de um biltre, que possa apparecer, crendo que a amizade seja valhacouto de injurias.

Se quereis agora estudar a biographia de

um ministro das justiças aqui vos offereço: *Apontamentos para a biographia politica de José Antonio Maria de Souza e Azevedo*, 1842.

E' a compilação de uns artigos publicados no *Nacional* ácerca d'este artigo servidor de D. Miguel. Parece que a moralidade do homem foi esta: *servir cada partido com os homens de cada partido, por consequencia ser de todos os partidos.*

Pois assim é que é!

Este agora é o *Cidadão Lusitano*, do *Abbade de Medrões*, Lisboa, 1822. Todos o conheceis, por certo. E' um opusculo de ideias liberaes que fez ruido e foi muito lido. Ainda pode servir de vasculho a certas cabeças, se pode!

O marechal de Saldanha medico! Eil-o aqui: *Estado da Medicina em 1858*, opusculo offerecido a D. Pedro V. Leiam e vejam como aquella valente espada se converteo em penna podaliria! Não é isto vulgar.

De 1766 em Lisboa, temos aqui: *Ecloga de Abano e Damiana*, por João Xavier de Mattos. Decadencia do bom gosto; quereis ver as *janellas do horisonte?*

«Acordava aos mortaes brilhante o dia,
Já lá no cume do apartado monte;
Porque a aurora a cortina ao sol corria
Nas douradas janellas do Orizonte.

A nevoa da manhã se desfazia;
Cantava o roxinol, ria-se a fonte;
Abria a porta o rustico na Aldea;
Branquejava na praia ao longe a arêa.»

E ponhamol-o de parte n'esta parte, (não me ia eu gongorisando?). Eu, o que deste sujeito conheço melhor é o soneto ás *Senhorias*, que começa:

«A trinta e cinco reis custa a pescada,
O triste bacalháo a tres e meio,

e que dest'arte acaba:

Tudo está caro, só em nossos dias
Graças aos ceos! temos em bom preço
As batatas, o arroz e as senhorias.

Cá temos outra vez o endiabrado J. Agostinho de Macedo: *Refutação do monstruoso e revolucionario escripto impresso em Londres intitulado quem he o legitimo rei de Portugal?* etc. 1828. Pleno absolutismo de prepotencias. Mações e mais mações e está dito tudo. Sigamos nosso caminho e fique-se em paz o exfrade.

Está aqui uma *pastoral* impressa em 1860, não se sabe onde. *Saudação Pastoral* de Dom

José Antonio da Matta e Silva, penultimo Arcebispo de Evora, que de Beja viera occupar o lugar de Annes de Carvalho. E' escripto sem vida para ir longe.

Em Coimbra se publicaram 4 opusculos que aqui estão ácerca de ruidosa celeuma por causa de uns RR lançados em estudantes de Botanica. Diz o 1.º *Resposta do visconde de Monte-São ácerca dos RR.* etc. 1875.

O estudante Antonio Joaquim Ferreira da Silva respondeo ao sr. visconde de Monte-São: é o segundo folheto.

O sr. Dr. Julio Augusto Henriques fez algumas considerações sobre a Resposta do sr. visconde, terceiro opusculo. O quarto opusculo é uma resposta do sr. visconde de Monte-São ao sr. Dr. Julio Henriques. Foi ruidosa a polemica, da qual se deprehende, em verdade, que o sr. visconde de Monte-São tinha no seo foro intimo causa que o demovia a proceder como procedeo. Brota isto da carta do sr. Dr. Joaquim Augusto da Costa Simões. Deploravel questão.

Vamos terminar este passeio no Porto em 1873: *Vaccina, poema em um canto*, pelo *doutor em Medicina Antonio Pereira Zagallo.* Tem bons versos; quer o leitor ver alguns sobre a edade da vaccinação?

«Duas, tres luas já volvido tenham
Quando se busque vaccinar o infante;

Se a empresa se antecipa, assaz p'rigosa
Lhe corre a fragil vida e mal segura;
Inda quasi embryão, quando das trevas
Do carcere sombrio, em que jazera,
Surge a primeira vez á luz do mundo,
Off'rece apenas rudimento escasso,
Tenue preludio dos vindouros orgãos
Que o tempo em sua marcha pouco e pouco
Fará desenvolver, fará mais firmes:
Em crise tanta o vaccinar não lembre.
. . . .
No tempo em que forcejam por livrar-se
Dos alvéolos seos, onde existiam,
Bem como presos em masmorra escura,
Os lapideos, cibarios instrumentos,
O infante vaccinar seria injusto.

Descrevendo a boa ou má qualidade do virus vaccinico diz:

«Fluidez lhe cabe, e transparencia muita.
. . . .
Mas vindo espesso, puriforme, opáco,
Este não é o genuino, o puro
Qual se requer, a fim de vaccinar-se.»

Em bons versos ensina muito e preceitua muito.

Jánner, o inventor da vaccina, ou seu descobridor é n'este poema elevado ás nuvens.

III

Hoje começamos o nosso passeio visitando a um filho de Evora, illustre por seo talento, com que se ergueo de humilde mas honrada esteira social á nobre das sciencias em Coimbra, o snr. Dr Damasio Jacintho Fragoso.

Da Imprensa da Universidade sae este opusculo: *Inaugurali Dissertatione etc.* 1854. E' dedicada a um bom homem que ainda conheci n'esta cidade, Capellão do Hospital do Espirito Santo, Fr. Joaquim Antonio Resio. Como não conheço a lingua latina só lhe posso apreciar com satisfação o testemunho de gratidão prestado tão publicamente ao velhinho que lhe foi director em seos estudos.

Encontramos agora em 1850 em Coimbra este livro: *Elementos de Direito Natural*...por Vicente Ferrer Netto Paiva. Salve! venerando ancião! respeitavel professor, que nas Camaras dos Pares ainda te ostentas juvenil no discursar de fluente dicção !

Que lembranças me traz á mente este nome! Recorda-me o insigne poeta João de Deus, salvo de perder o 1.º anno juridico por este notavel professor, que lhe conhecera o talento; aviva-me a lembrança de um dito do poeta ao seo condiscipulo, hoje digno Ministro do Reino, o Exm.º snr. Barjona de Freitas.

Toparam-se á *porta ferrea:*—Então até outubro, João de Deus? lhe dissera Barjona.

—Não, até não sei quando; porque a minha formatura *ha de durar dez annos, como o cêrco de Troia*, respondera o poeta.

E assim foi! Dez annos depois era Barjona Lente do 5.º anno juridico e mestre do seo antigo condiscipulo.

Elementos de Direito das gentes, do mesmo Ferrer, 1850. Foram compendios estes livros; hoje creio que não.

Aqui está agora um bom trabalho de Souza Viterbo: *A Exposição d'arte ornamental-Notas ao catalogo*. São 61 paginas de eruditas excavações no campo do passado, no campo da archeologia patria. Leitura ensinadora para os que gostam do genero.

Entremos aqui em Braga, em 1881, que cá nos apparece um sabedor, um trabalhador sapiente, de nossas relações; *Encomio a Camões*, numa poesia hispanhola de D. José Lopez de la Vega etc.

O Preambulo de Pereira Caldas, que fez esta edição de 150 exemplares numerados, é, como

tudo quanto sae da penna deste ornamento distinctissimo do professorado, de pasmosa erudição. Este exemplar não tem numero, é o exemplar *capilha*, que devo a tão bom mestre. A poesia castelhana é sentida e linda: Vá por amostra o fim:

«Pobre Camoens! tu lápida regára
de perlas, si mis lágrimas lo fueran ;
y entonces solo asi le tributara
recuerdos que la musa enriquecieram.

¡De flores yo ornaré esa triste lápida;
plegarias al Señor elevaré!...
¡y mientras tenga ardor mi vida rapida,
tu nombre com respeto invocaré!»

Do mesmo anno e do mesmo editor, erudito veja o leitor estas: *Seis estrophes do episodio do Adamastor com a versão hespanhola de D. Patricio de la Escossura, inedita ainda, antecedidas de um preambulo,* por Pereira Caldas. De 200 exemplares, que se não exposeram á venda como aquell'outro, este é o exemplar *capilha.* Vasto saber no preambulo. Quereis vêr como o castelhano vertia o nosso poeta? ouvi:

«No acabava de hablar, y una figura
En los aires se alzó, robusta y valida;
De disforme, grandissima estatura,
La barba sin peinar, la fáz escualida:
Hundidos ojos; torvo y sin mesura
El ademan; color terriza y pálida;

Súcio y crespo el cabello en lá ancha frente;
Negra la boca, y amarillo el diente.»

D'aqui se vê como as duas linguas correm parelhas. Sigamos.

Estamos já em Evóra, em 1880. Da Typ. Eborense sae este opusculo: *A questão das obras do aqueducto Sertoriano de Evora* etc. pelo engenheiro civil, Adriano Augusto da Silva Monteiro. São 32 paginas de bom portuguez: quanto á doutrina, scientifica é ella e para os entendidos.

Temos ágora, meos companheiros de viagem, de voltar a Braga, porque cá esta ainda Pereira Caldas: *Duas Palavras sobre o Diccionario Bibliographico Portuguez*... por *Brito Aranha*, 1884. E' um elogio a Brito Aranha, o continuador de Innocencio, com alguns reparos e esclarecimentos curiosos.

Será raridade? lê-se n'um opusculo sem frontispicio nem anno, nem logar de impressão, em cuja capa escrevi aquellas palavras.

E' uma descripção das festas, que em 1705 fez Evora pelas melhoras do infante D. Manoel, pela restauração de Barcelona, pela conquista da cidade de Rodrigo e pela chegada a Lisboa das náos da India etc. Não vi ainda outro, e por isso não sei quem o auctor e qual seria o titulo. São 18 paginas de impressão.

Visitemos o Porto em 1881. Aqui está de J. Leite de Vasconcellos uma composição poetica: *A Estatua de Camões.*

«Eramos uma geração valente,
Quando os galeões buscavam o Oriente;
E os deoses, como uns soes,
Erguendo os vivos, flammejantes braços,
Abençoavam do alto dos espaços
As frentes dos heroes;

Assim começa a composição, offerecida aos estudantes de Coimbra. E' curta, lede-a.

Eis-nos volvidos a Lisboa em 1879: *Relatorio dos trabalhos desempenhados pelo conselho geral das Alfandegas em 1878.*
E' um bom trabalho na especialidade.

No Porto, em 1871, publicou-se este opusculo: *Analyse do parecer da Junta Consultiva d'Instrucção Publica* sobre a representação do Conselho do Lyceu do Porto etc. etc. Subscrevem este folheto nomes de homens de talento e sabedores, como J. P. da Costa Cardoso, Delfim Maria de Oliveira Maya, Augusto Epiphanio da Silva Dias e outros.
Este trabalho deo-me a nova de que já houve quem, em vez de viajar como eu na livraria, viajasse no seo jardim. Cita estas palavras do livro *Voyage autour de mon jardin*: «Belles études! apprendre des mots, toujours des mots, rien que des mots; parler des choses sans sa-

voir les choses; dire correctement des sottises! voilá l'emploi de toute la jeunesse!»

F. Borges de Souza imprimio em Lisboa em 1788 esta: *Relação breve e compendiosa da invenção da milagrosa Imagem da Senhora da Nazareth* etc. por João da Veiga Frazão, com uma vinheta representando o Fuas Roupinho, na posição sabida de clamar pela Virgem, que o salvou das garras do diabo.

Succedeo que vindo um dia
Caçar áquelle deserto,
Estava o ceo tão coberto
De nevoa, que só se via
O que estava muito ao perto.
Acharão os cães um veado
Talvez que o diabo o fingio
Que mui ligeiro e appressado
Dos podengos acoçado
Para o rochedo fugio.
Mais apressado que o vento
O brioso cavalleiro
Sahio em seo seguimento
Sem lhe vir ao pensamento
Aquelle despenhadeiro.
Ha um penedo chamado
Soberco na rocha dura,
Que sobre o mar debruçado
Fica delle desviado
Mais de cem braças d'altura.
Na ponta deste chegou
O cavallo a pôr o pé,

E na parte em que o fincou
Um claro signal ficou,
Que ainda hoje em dia se vê.
Vendo Dom Fuas a hora
De sua morte tão perto
Mais não pode em tal aperto
Que chamar pela senhora,
Que vio naquelle deserto.»

Eis uma amostra do trovar facil de Frazão. A. F. de Castilho ao escrever a formosissima chacara, que vem nos *Quadros historicos*:

«Não ha taes memorias, de tanto deleite,
Por onde a vontade melhor se espreguice
Como as que rescendem aos beijos e leite
Da nossa apartada feliz meninice.
....

Ouvio ler com certesa este rimance, que tem o mesmo entrecho. sendo deste modo o pae natural se não legitimo, da sua famosa composição.

Innocencio falla n'este opusculo, mas creio que o não leo, aliás teria notado os muito pontos de contacto nas duas composições. Não sei se é vulgar se não; eu não vi outro: comprei-o em Evoramonte.

Já estivemos na Hollanda e temos de nella entrar de novo. Eis Liége em 1883. Quereis ver um *opusculo raro? Notice sur les travaux publics en Portugal, por M. Caetano da Camara Manoel, Ingenieur civil á Evora.* Pode-se affirmar que este opusculo de 73 pagi-

nas historia com exactidão e proprios conhecimentos o desenvolvimento dos caminhos de ferro portuguezes até ao dia 15 de abril de 1883.

Dos poucos exemplares impressos em separado, tirados dos *Annales de l'association des ingenieurs. . .de Gand* é este um exemplar com que me brindou seo delicado auctor.

Entremos agora no Porto em 1879.

Não dá maiores saltos a *phyloxera* e o *microbio* do que nós damos, leitores. Um crepe mortuario cobre este opusculo, em que se leem estas palavras: *Ao meo amigo A. F. Barata em testemunho de sincero affecto, offerece o auctor.* E' o infeliz Dr. Manoel Augusto de Souza Pires de Lima, e o opusculo *As missões ultramarinas*, Porto, 1879. 78 paginas.

Que dizer d'estes discursos, que assombraram as Camaras por sua vasta erudição? E que dizer do talento que se embaciou, que se deixou velar do nevoeiro espesso da morte? da morte violenta resultante de forças contrarias, a loucura tristissima e os lampejos brilhantes de sua vasta intelligencia? Que foi uma das grandes perdas que soffreo Portugal n'este anno de 1884. . . . Eu perdi n'elle um amigo, que de o ser ainda me dera provas logo que chegado de França no anno passado, respondendo a uma carta minha com uma que guardo muito, por ser a ultima que me escreveo. . .

IV

Entremos aqui em Elvas n'este anno: Samuel F. Baptista imprimio: *Paginas Intimas*, do capitão d'artilheria Zephyrino Brandão. Nós já encontramos este bom rapaz em nossa viagem.

Rica edição é a deste livrinho de versos. Na composição: *A' beira do tumulo de A. Herculano* ha estrophes assim:

> Quem dorme o somno eterno n'este leito,
> Para onde a mão da morte o arrastou?
> Um grande portuguez ! .em cujo peito
> Honrado coração sempre pulsou !

Este folheto escrevi em uma noite, dictando-m'o um saudoso amigo... A. F. Simões: *Reforma da Instrucção secundaria* etc., 1869.

O opusculo opina pelo internado.

Retrocedamos a 1880: *Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.* E' um trabalho gigantesco de G. Pereira feito em 6 mezes! Não só vemos milhares de pergaminhos dos seculos XIV, XV e XVI convenientemente arrumados, mas summariada sua doutrina. Bom trabalho, promovido por Filippe Simões e auctorisado pelo visconde de Villa Maior, reitor, hoje fallecido tambem.

Não merecem menção as minhas curiosidades litterarias; mas desta, que aqui nos apparece entre opusculos, quero eu mostrar aos leitores o luxo da edição:

Quadros historicos—A tomada de Ceuta, Coimbra, 1878, Typ. de M. C. da Silva. O frontispicio e o retrato de D. João I são duas formosas gravuras, que muito honram o artista conimbricense. Ainda escrevi mais quadros, mas só este se imprimio.

Entremos no Porto 1878. Aqui está uma edição fiel da 1.ª dos: *Privilegios dos cidadãos da cidade do Porto.* Era um raro livrinho de que apenas se conheciam tres exemplares. Linda edição, que por 200 reis podem ler hoje os amadores.

E volvemos a Lisboa, em 1880: *Lyra ca-*

moneana, por Teixeira Bastos. Castro Irmão. Formosa edição é esta! O poeta pertence á nova escola de Guerra Junqueiro que com grande talento, iuquestionavelmente, deo á poesia emprego que ella não tinha tido:

Da portugueza lyra as cordas rumorosas,
Donde brotam febris os latejos de luz,
Com que se fere o mal e as noites crapulosas,
Com que se zurze o vicio, as viboras da cruz;

Assim começa um soneto a *Camões*. *As noites crapulosas* e *as viboras da cruz*, são escola nova, certamente.

Andamos em bolandas n'esta viagem: já estamos em Coimbra em 1879: *A Flor de marmore, carta familiar* por A. A. da Fonseca Pinto, com uma photographia do convento e palacio da Penha em Cintra. Rica edição e riquissima carta erudita e sabia. E' para se ler. Quem não visse Cintra deve ler este opusculo; porque, se não formar ideia exacta d'aquellas bellezas naturaes que lá nos extasiam, regala-se com facil e puro portuguez. Termina a Carta com uma poesia latina da celebrada Luiza Sigêa, a dama litterata da filha de D. Manoel, a infanta D. Maria.

Os meus companheiros de viagem não conhecem *João Gorilha*? Pois tenho muita satisfação em vol-o apresentar no Porto em 1875: *Carta ao meo amigo Borges*. Tentativa humoristica. Vou-lhes mostrar o coração da carta e depois lhes direi quem é o auctor:

«Havia mais de meia hora que o celebrado *surge bestia* do santo Arcebispo tinha soado a meos ouvidos, e ainda a congenita preguiça me convidava a prolongar aquelle meio somno que tão agradavel é n'estes dias de inverno. A final venceo o preceito, levantei-me e abri a janella.

Que manhã, meo amigo!
Como os diques do céo vomitam feros
Pluviosas torrentes sobre a terra,
E brame o furacão, rouco batendo
Nos angulos ingentes!

Ainda que não saibas em que parte do *globo* se mostram os taes angulos ingentes, já deves ter percebido que chove a cantaros.»

E' engraçadissima esta carta e deve ser lida. Tambem já não vive o homem que a escreveo era o professor da Escola Polytechnica do Porto, Teixeira Girão, talentoso estudante, que ainda conheci em Coimbra. Onde isto vae!

Respondeu-lhe *Manoel Mico* de Coimbra, em 1876: *Carta do Borges, amigo do João Gorilha.*

Vejam tambem o principio:

«Distribuio a moda ao snr. Carlos Bento da Silva o papel de *aparar o fado* epistolar dos nossos escriptores, quando desejam tornar publico o fructo de suas lucubrações.» E segue, tambem com muita graça.

Aquelle *Mico* ainda vive, felizmente; é um meo amigo de Coimbra, o snr. Dr. Albino Giraldes, segundo me informaram.

Tambem a deveis ler. Mas se do genero não gostaes aqui tendes obra pesada pelo recheio de citações e textos: *Disertação Theologica...sobre a desinibilidade do Mysterio da Conceição immaculada de Maria Santissima.* E' de Cenaculo, nosso conhecido, e o mais sabedor dos Arcebispos d'Evora, salvo melhor juizo. Foi impressa em 1758. Ou eu li, ou alguem me affirmou ser este trabalho obra acabada sobre o melindroso assumpto.

Demos um salto a Hollanda, a Leiden, em 1875. Vamos na companhia de dois homens que não vivem já, os Doutores A. F. Simões e Jacintho Antonio de Souza: *O Tricentenario da Universidade de Leiden, Relatorio* dirigido ao Reitor da Universidade, Villa Maior, fallecido

tambem, pelo primeiro d'aquelles homens. Parece-me estar a vel-os em Lisboa, antes da partida! Eu tinha ido de proposito por dar um abraço no primeiro d'aquelles delegados da Universidade á festa longinqua. Houve não sei que attritos, que morosidades no darem-se aos dois os precisos meios pecuniarios para as despesas auctorisadas do governo. E dizia o Dr. Jacintho—olhe, Simões: *Pas de l'argent pas de suisses*; vamos para Coimbra. Um outro amigo resolveo o caso, o Marquez de Holstein, que tambem não vive!... Isto é me tudo uma necropole. Interessante relatorio é este pelo que nos ensina da organisação da Universidade da celebre *Ludguni Batavorum*, a que Filinto Elisio chamou *Ludguni Batatorum*, pelos muitos cascabulhos de batatas que por lá vio pelas ruas, e pelo muito que nos diz dos costumes hollandezes.

Do mesmo malogrado professor Simões está aqui o *Elogio Historico de J. H da Cunha Rivara*, 1879. Pobre Rivara!... Trabalhador alegre e vigoroso ainda, que dois dias antes de adoeceres me lias em teo gabinete de estudo um trabalho litterario sobre *Bocage na India!* Alguns mais, prostrava-te uma pneumonia dupla... Descança em paz, que não morrerá teo nome em quanto viver a lingua portugueza.

O mar está de monção: vamos até Ponte Delgada na ilha de S. Miguel. Aqui tendes um trabalhador, que já conhecemos, que já conheceis, o snr. Dr. Ernesto do Canto, que tantos serviços tem prestado ás lettras patrias, elle e seo irmão, José. Vêde o numero 21 de 40 exemplares desta *Carta de Francisco Caldeira de Brito, escripta em Madrid, na qual se relatam alguns factos interessantes para a historia de D. Antonio, Prior do Crato*, 1880. E' uma raridade, como vedes, que nos traz mais alguns dados do caracter ingrato e máo do rei de um momento, do imbecil, que não soube ser *mestre de Aviz*! tendo tido caracteres devotadissimos, que o seguiram, como sabeis! A descendencia foi asseiada! Uns patetas, como nos ensina o grande Camillo Castello Branco.

Voltamos ao continente. E' o anno de 1877, Entremos em Coimbra. Aqui tendes o trabalho limpo e consciencioso de um homem que já encontrámos em nossas viagens, o sr. Dr. Ayres de Campos: *Catalogo aos objectos existentes no museo de archeologia do Instituto de Coimbra*. Supplemento 1.º, 1883. Lá está neste fasciculo o numero 19 que eu mandei ao meu chorado amigo, Dr. Simões; uma estatueta mutilada, achada na *Sempre Noiva*, pertó de Arroiollos.

Este passeio de hoje devė terminar em Coimbrá, visitando nós não só o museo do Instituto, mas tambem a sua notavel *Exposição districtal*, já neste anno.

Aqui temos um guia seguro, no livro que tem aquelle titulo. Que formoso livro! Que nomes estimados nas lettras o exornam! Mas... que ideias me traz elle á mente buliçosa? Dos dois primeiros conferentes n'aquella festa do trabalho afundio-se a vida ao primeiro no golfão da morte!... Um mixto de *nadas*, um não sei quê de terra... uma desgraça enorme!

A consciencia de alguns homens deve cobrir-se de lucto, como eu de lucto me cobri com a perda de Augusto Filippe Simões.

O antagonismo e acrimonia litteraria acintosa hão de ser sempre uma nodoa em reputações...

V

Nós já encontramos Albino Geraldes, o distincto Lente de Philosophia em Coimbra, e agora de novo aqui o temos na mesma cidade em 1879: *Questões de Philosophia natural O Darwinismo ou a origem das especies*. E' por offerta amiga que o possuo. Uma linda noção da doutrina de Darwin ao alcance de quem se não dá á sciencia.

«*A religião, meos senhores, é comparavel a uma estatua que embora magestosa e moldurada em ouro, como o bezerro dos antigos israelitas — como tal, está, é immovel; a sciencia anda. A estatua não vê nem ouve; a sciencia procura ver e ouvir, e por isso inventou o microscopio para observar os infinitamente pequenos, e descobrío o telescopio para dirigir aos astros immensos e luminosos.*

Como o Ahasverus da lenda, a sciencia ca-

minha sempre, tendo por norte a civilisação e o progresso da humanidade. Se a religião, por um de seos milagres, fizer tambem andar a estatua, podem ir ambas a par.....»

E' um especimen: leiam, que é optimamente escripto.

Já não vive José Augusto Vieira da Cruz, o bondoso rapaz, que organisou esta: *Nova Grammatica da lingua franceza*, Coimbra, 1870. E' a synthese de muitas e serve bem.

Da mesma cidade temos aqui este *Relatorio da administracão da Santa Casa da Misericordia de Coimbra*, por Luiz Albano de Andrade Moraes e Almeida, 1878. Tem um *Prologo* historico que se deve ler.

Não me recordo se já estivemos na villa coronada, Madrid. Entramos n'ella em 1851. *Combate Naval de Trafalgar—relacion historica*. Diz uma nota que esta relação é um extracto de D. José Ferrer de Couto, que escreveo a *Historia* d'aquelle combate. E' conhecido este celebre e sangrento combate naval em que uma bala do *Redoutable* tirou a vida a Nelson, ao heroe de Aboukir e de Copenhague, e outra prostrou no tumulo a Gravina, famoso almirante hespanhol.

A esquadra combinada franco-hespanhola, ainda desta vez foi derrotada pela famosa marinha ingleza.

De Madrid volvamos a Evora em 1880. Dá typ. Eborense sae este: *Discurso laudatario... em honra de Camões*, por Jeronymo de Gouvêa Gama Freixo.

E' trabalho de um estudante habil, herdeiro do talento do pae, que resolveo não seguir mais o caminho da sciencia.

A contextura do periodo poetico é de tal modo trávada que raro não é brotarem espontaneos bons versos d'aquella prosa:

«*Camões, Salve!*
Desde o berço á desgraça votado
Começaste teo longo martyrio»

E mais ainda:

Ainda na infancia e já signaes divinos
Prognosticavam tua futura gloria»

Parece-me que o ouvido do mancebo não era estranho ás harmonias de Caliope e de Euterpe. São verduras dum moço de talento.

Como são as cousas do mundo!

Está aqui um livro que fez um bispado, ou para isso contribuio, pelo menos, e o seu illustre auctor volveo á patria, aos lares amigos, vendo a mitra de Cenaculo, o baculo pacense na cabeça e mão do outro homem! *Memoria acerca do bispado de Beja*, por Antonio José Boavida. 1880, opusculo

de 97 paginas com um bom mappa do bispado. E' este um trabalho importante de investigação historica e demonstração acceitavel da existencia do bispado, desmembrado pelo *Jesuiticida* Pombal do Arcebispado de Evora para n'elle collocar a Cenaculo, como é sabido. Lucra-se com sua leitura.

Ainda não entramos na Vista Alegre. Vamos ver a linda povoação e sua famosa fabrica. *A Vista Alegre, Apontamentos para a sua historia*, por J. A. Marques Gomes. Porto 1883. Bello trabalho de investigação historica. E' curioso n'elle o como se descobrio o *kaulim*, sem o qual impossivel era fabricar a porcelana. Descobrio-o um aprendiz!

Em papel pardo temos aqui um opusculo: *Vida, ultimas acções. e morte de Fr. João de Nossa Senhora*, 4.º de 12 paginas. Não diz quando impresso; mas devia ser em 1758, conforme as licenças. Não sei quem foi este frade a quem o opusculo chama *Chronista da sua ordem* e religioso de S. Francisco na Provincia do Algarve.

Estes volumes são dois tomos das *Resoluções do Conselho de Estado*: o 2.º e 3.º, por José Silvestre Ribeiro.

Vamos nós ouvir agora um sermão a Santo Antonio dos Capuchos em Lisboa, em 1827? Fr. José de Santa Rita de Cassia ao *Archanjo S. Miguel* pelas noticias da vinda do *magnanimo joven o senhor D, Miguel.*

Diz cousas... o frade! Leiam.

Estamos em Coimbra em 1859: *Os Direitos dominicaes, foros e rações*... por M. da C. Pereira Coutinho. E' opusculo para os especialistas.

Chegamos a Braga em 1880. *Descoberta da America—bosquejo noticioso*, por Pereira Caldas. Muita erudição e saber.

Dos prélos de Leiria, a velhusca cidade em que nasceo a imprensa portugueza, nos apparece aqui: *Allocução... por occasião do tricentenario de Camões—Amor e genio*, 1880. Escreveo-a Francisco G. José Faure, que alli tem sido professor do Lyceu. Pertence ás *Camoneanas* e não é mal escripto.

Entremos em Evora no mesmo anno: *Uma noção da caça do javali*, por J P. M. Typ. Minerva. E' a terceira edição de um trabalho novo entre nós. Já não vive seo auctor, José Paulo de Mira, homem rico, celebre e celebrado caçador do Alemtejo. Devi-lhe a finesa de me dar esclarecimentos de sua vida e descendencia pa-

ra uma biographia, que de Braga me pedia Pereira Caldas, finesa que a outros tinha negado. Não é um trabalho de litterato; mas é o primeiro entre nós que muito foi do agrado de Santo Huberto.

Da Imp. Litteraria em 1861 nos apparece este opusculo: *Oração funebre... nas exequias de D. Pedro V* recitada na egreja da antiga Universidade de Evora, por João Augusto de Pina, Professor do Lyceo d'Evora. Esmerou-se seo illustrado auctor no escrever este discurso, que muito o honra: dicção fluente, lingoagem selecta sem ervilhaca.

Já deste anno de 1884 está aqui este opusculo: *A' Derrocada*, por S. Numajario, impresso em Coimbra. E' um folheto humoristico em que seo auctor crê que a agricultura salvará o paiz das annunciadas *bancarrotas*. Não enfastia sua leitura.

Não me recordo, meos companheiros de viagem, se já estivemos em Londres, a dos nevoeiros maritimos e do fumo do carvão de pedra accendido por toda a parte. E' em 1850: *Encore une lettre inédite de Montaigne* etc E' extenso o titulo que se desdobra annunciando furtos de mss. da Bibliotheca Nacional de Pariz, e discursando sobre isso *Fr. Lepelle de*

Bois—Calais 1850. Tem este opusculo um autographo de *Montaigne.*

Deprehende-se da leitura que *cá e lá más fadas ha.*

Está a Bibliotheca entregue a uns sujeitos muito entendidos, mas que só curam da recepção da mensal pitança e... e de nada mais. Assim é que é.

De Londres a Braga volvemos instantaneos: *Monumento a Pio IX - Visita do snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa á cidade de Guimarães* etc. por Alfredo Elviro do Santos. Este cavalheiro é um dos diversos Secretarios que teve Sua Excellencia o resignatario *Senhor de Braga* E' opusculo escripto com cuidado e bem impresso em 1882.

A's festas vimaranenses não faltou o *hymno*:

> Pio Nono! o grão vulto do mundo
> 'Nesta idade de trevas e luz!
> Mais tu foste em virtudes fecundo,
> Mais quiz Deos por-te esgalhos na cruz!

Veja o leitor a composição completa se gosta *da idade de trevas e luz* e d'aquelles *esgalhos* poeticos.

Brito Aranha, o meo velho amigo, aqui nos apparece outra vez em Lisboa, 1884. Topamol-o na *exposição agricola* expondo 439 o-

pusculos sobre assumptos agricolas, opusculos que offerece ao Exm.º snr. Francisco Simões Margiochi.

E' muito interessante neste opusculo a investigação historica ácerca de D. Luiz Ferrari de Mordan, privado de Pombal, ao que parece, que o nomeou *Intendente geral de agricultura* com o ordenado da miseria de dois contos de reis annuaes. O homem teve labia de se insinuar no animo do celebre *marquez* democrata, no de Cenaculo e de outros *trumphos* do tempo.

Parece que morreo já n'este seculo de luzes, pois que Brito Aranha o acompanha até 1802.

VI

Entremos agora em Coimbra em 1876: *O Jardim Botanico da Universidade de Coimbra*, por Julio Augusto Henriques. Interessante trabalho é este, ornado de dois mappas, ou plantas do jardim. Contem uma noticia historica da fundação do jardim, pelo esforço do marquez de Pombal, o catalogo das plantas alli cultivadas etc.

Da Imprensa da Nacional de Lisboa em 1874 estão aqui os *Discursos* do malogrado Dr. Manoel Augusto de Sousa Pires de Lima. Manifestações de talento vigoroso são estes discursos, como os demais escriptos que nos deixou. Nove annos depois eclipsava-se em perpetua escuridão aquelle espirito lucido...

Em 1878 ainda o snr. Dr. M. dos Santos Pereira Jardim, visconde de Monte-São, fazia parte do corpo da Universidade. *Oração academica.. na abertura das aulas da Universidade.* E' bem escripta e erudita esta oração. Devo este exemplar á amizade de seo auctor, que por seo trabalho se nobilitou e pela esmerada educação dada a seos filhos bem merece da sociedade.

Isto é uma *Ode a Camões* em 10 de junho de 1880. Occultou seo nome o auctor. Mede 13 paginas em verso solto, deste quilate, que os contrastes da poesia avaliarão:

«Resurge o astro rei no firmamento,
Traja d'Aurora a purpura luzente,
Cortejo traz d'innumeras saudades
Da luz divina esplendidas offertas,
Como quem vem pagar antigos preitos
Aos que outr'ora o seo berço ennobreceram
Co'o preclaro pendão das lusasquinas.»

De 1873 está aqui o erudito *Programma da cadeira de Histologia e de Physiologia geral* etc. por A. A. da Costa Simões. Tem 62 paginas com gravuras de Alberto, desde os musculos estriados até á planta do *Aquarium* para rãs, annexo ao gabinete de physiologia. Saudemos o grande trabalhador! a quem os desgos-

tos no outomno da vida não lograrão impanar o brilho de sua fama.

Succedem-se os trabalhadores. *Noticia historica e descriptiva da sé velha de Coimbra*, com uma photographia, por A. M. Simões de Castro, 1881. Imp. Academica. Accurado trabalho de investigação consciencíosa, desejáramos vel-o mais completo na parte epigraphica. Parece-nos que devia conter elle a leitura de quantas memorias do passado alli se leem em pedras tumulares.

Da mesma Coimbra, em 1876, temos aqui: *Pharmacia: Estudos bibliographicos*, por J. L. Magalhães Ferraz. Mede 81 paginas. Alheios a estudos desta ordem, parece-nos trabalho este de uma boa vontade, a que não faltam conhecimentos.

Já estamos em Lisboa, em 1876: *Relatorio... ao Ministro do reino sobre a reforma do ensino artistico e organisação dos museus etc.* Os signatarios deste relatorio são homens de saber, mas... nada de novo: tudo como d'antes.

Volvamos a Coimbra em 1879. O Dr. Antonio Candido escreveo, recitou e imprimio: *Oração funebre* nas exequias de D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes. Offereceo-

me este exemplar o Exm.º filho da respeitavel fallecida, Miguel Osorio Cabral de Castro.

Que dizer deste escripto? Que n'elle vejo alliadas com summa habilidade a pura phrase portugueza em contextura facilima e a sã doutrina em larga serie de conceitos.

Já não logramos conhecer o talentoso doutor em Coimbra, e com magua o dizemos, que bem dezejaramos ouvil-o. sentir-nos ir após seos voos audaciosos ás regiões do sublime.

Projecto de lei sobre a reforma da Instrucção primaria... por Luiz Jardim, 1880. Este trabalho é uma sincera manifestação de bons desejos. As cousas estão na mesma. A instrucção é perigosa, que gera republicanos, socialistas, communistas, petroleiros...Só palavras: estamos bem.

Egydio de Azevedo foi o chronista de uma *Visita Pastoral* do snr. Arcebispo de Braga a Villa do Conde e Barcellos em 1879. E' escripta com esmero digno do louvador e do louvado.

Estão agora aqui reunidas em brochura as *Cartas de João Pedro Ribeiro ao Arcebispo Cenaculo*, 1880. Conservam-se os originaes na Bibliotheca de Evora.

Deo-as á estampa o meo amigo Annibal Fernandez Thomaz. São muito dignas de ser lidas por quem gostar de estudos diplomaticos e historicos. Tem graça o que Ribeiro diz a Cenaculo—que um certo conego, Maciel, vendera todos os codices que encontrara de letra *rabuda*; e outro de Vizeo, os queimara no quintal, por serem de lettra *emperrada*.

Em Braga nos apparece agora Pereira Caldas: *Soneto italiano de T. Tasso a Camões*, 1883. Sempre erudito, Pereira Caldas, apresenta as traducções do soneto em portuguez, francez e faz preceder tudo de um preambulo. Curioso.

Do mesmo illustre ornamento do Lyceo de Braga está aqui esta publicação: *Episodio da ilha de Venus...* com a versão franceza de *Cournaud*.

Entrou na festa do tricentenario. E' rica publicação, que mostra o adiantamento da arte typographica em Braga.

Commemorando ainda a morte de Camões nos apparece n'este maço o opusculo: *A descoberta da India ordenada em tapessaria por mandado de D. Manoel. Documento inedito do seculo XVI*, por J. da Graça Barreto. Coimbra, 1880. Parece que ainda existem alguns pannos de rás nos paços reaes com pin-

turas allusivas e das ordenadas pelo rei *venturoso.*

Voltemos a Braga em 1878: *Duas Lendas patrias*: a *Apparição de Ourique e as Côrtes de Lamego*, por Pereira Caldas. Vastissima erudição sobre os assumptos indicados. Pode-se affirmar que alli está reunido o que existe e respeita ás lendas. Honrou-me seo auctor offerecendo-me um exemplar em que mandára imprimir o meo nome.

Entremos no Porto em 1883: *Memoria historica dos concilios*... celebrados em Braga, por Alfredo Elviro dos Santos, 4.ª edição. Bom trabalho de excavações historicas. Já delle disse o meo parecer no *Progresso do Alemtejo.*

Se tenho nascido no tempo dos frades, dou minha palavra a meos companheiros de viagem que seria Fr. Antonio da Paixão, com certeza. Se tenho lido e leio tudo o que respeita á tragedia do Golgotha! *Quinze meditações sobre a paixão de Christo*, traduzidas de Liguhori e impressas em Lisboa, Imp. Regia, 1832. Assumpto de minha paixão; estylo chato.

Está aqui um drama a tomar-nos o passo, mas já sem frontispicio. Suspeito ser do nosso

J. A. de Macedo e intitula-se *D. Luiz de A-taide*. Deve ser impressão de Lisboa.

Cheguemos de novo á cidade invicta em 1845: *Tabellas de juros calculados a rasão de cinco por cento para todos os dias do anno*, por C. D. Arnaldo Friedlain. Este opusculo de 75 pag. é-me completamente virgem pela rasão simples de que não tenho dinheiros para dar a juros, nem geito para agiota descaroavel, como... tantos!

Joaquim Maria Baptista aqui nos apparece com mais uma *Grammatica portugueza*, impressa em Lisboa, em 1870. E' uma das muitas filhinhas da de Soares Barbosa.

O Brazão de Coimbra, por A. M. Simões de Castro é uma resenha de tudo o que a tal respeito se tem escripto. Interessante. Foi impresso em 1872.

Da typ. de M. P. de Lacerda, em Lisboa, em 1822 saio este *Sermão na trasladação da imagem de N. S. da Conceição da gruta* etc pelo Prior de Alhos Vedros, Marcos Pinto Soares Vaz Preto. E' uma vulgaridade em que nada se aprenderá.

Está aqui um *Resumo da vida e novena de S. Francisco de Salles* etc Lisboa, 1761. Tem

94 paginas de ascetica doutrina, em estylo occulto como seo auctor.

Eis-nos agora com as *Harmonias da madrugada*, de Eduardo Augusto Vidal, Lisboa, 1859. Creio ser uma das primeiras publicações do poeta. Bulhão Pato e Rebello da Silva apresentam-no ao mundo das lettras.

Ha muita harmonia e muito sentimento no joven bardo.

VII

Entramos em Coimbra em 1877. *Costumes madrilenos*, por Magalhães Lima. E' offerta de seo auctor, o intelligente redactor do *Seculo*. Dá-nos este livro interessantes noticias de Madrid: falla de seos homens importantes na sciencia e na politica. No museo de Romero Ortiz topou o nosso viajante umas luvas do marquez de Sá da Bandeira e a camisa de Santa Thereza de Jezus! Deve ler-se este livro.

Eis-nos em Lisboa em 1875. *Esboços e recordações*, de Brito Aranha. E' livrinho curioso e interessante.

O leitor qne ainda não vio Cintra, como eu já vi, em companhia de meu compadre e amigo, o snr. Dr. Rodrigo Velloso e de sua Exm.ª esposa, occasião tem de a visitar agora: *Rela-*

rão do Castello e Serra de Cintra... por Francisco d'Almeida Jordão. Coimbra, 1874, typ. de A. Duarte Ariosa, 2.ª edição. Raro era este opusculo e por isso delle se fez esta edição, cujo editor desconheço.

Está agora aqui um livrinho classico, como são os do auctor: J. F. M. M. (José Freire de Montarroyo Mascarenhas) *A Aguia Imparcial, remontada no orbe da lua ottomana, ou successo da campanha da Servia em 1717* etc. Lisboa, off. de Pascoal da Silva, 1717. Mede 72 pag. de leitura agradavel e facil da penna do laborioso Montarroyo.

Cá temos um velho amigo e mestre, D. Antonio da Costa: *Instituições de oiro*, Lisboa, 1878. Mais um brado em favor da Instrucção! Não pensa o nobre fidalgo n'outra cousa. Dedica o opusculo á cidade do Funchal, *poema do oceano em que as brisas segredam amores,* como lhe chama o auctor, á cidade.

«*Que de murta viçosa o cimo enlaça*»

como disse Nobrega, o notavel companheiro de Bocage, em seos formosos sonetos; Nobrega, o desditoso, o que se matou com laudanno, amortalhando-se previamente!

Entremos em Evora, em 1761. Está aqui um frade a pedir que lhe ouçamos um *Sermão em acção de graças pelos desposorios de D. Maria I e de D. Pedro III,* impropriamente assim numerado. Foi prégado no mosteiro de Santa Clara, que ainda existe n'esta cidade.

«*Por hum casamento ser acertadamente feliz, e felicemente acertado...*» diz o frade. Basta, basta me exclama *ajuisadamente cauta e cautelosamente avisado* o leitor. Isso ainda é gongorico. —Então deixemol-o.

Isto agora é para quem é: *Disserlação apologetica sobre as Indulgencias* pelo frade Manoel de Santa Anna Seisa, Lisboa 1824. Ainda são 64 pag. de doutrina boa ou má sobre o assumpto; e digo assim, por que este é dos que tenho apalpado e não visto: faz parte do meo *lobinho.*

Cá temos outro frade; mas alto lá com este, que é raro e estimado: *Oração gratulatoria pella saude milagrosa que Deus foy servido conceder a elrey N. Senhor D. João o IV.* por Fr. Francisco de Escobar. Coimbra, na off. de Thomé de Carvalho, 1655. Em lingoagem tersa e limpa dá o frade graças ao céo por lhe salvar o perseguidor de D. Francisco Manoel de Mello, que ha de viver mais do que o tal Bragança, em que pesa a louvaminhadores, que só

conseguem alistal-o na enfiada de reis que fazem as glorias de Portugal,

«*Jardim da Europa á beira mar plantado*»,

como disse o poeta que ainda não vio cousa melhor, como a mim succede.

Este volume agora é a *Descripção historica sobre a vida de Paulo I, imperador de todas as Russias*, no plural e com tres etc. Tradusio-o do italiano Luiz José Ribeiro e deo-o á estampa em 1818 em Lisboa na imp. regia. Afóra a lista dos assignantes tem 112 paginas de vulgar portuguez. Não é falto de interesse.

Ainda em Lisboa, em 1836, sae da typ. de J P. F. Telles este livrinho: *Campanhas de Portugal em 1833 e 1834* etc. traduzido do francez do Barão de St. Pardoux, por tres asteriscos. E' parcial no que diz tanto o francez como o nosso *estrellado* traductor. Inclina-se, como é sabido, para o vencido de Evoramonte, para o que foi deixar o sceptro lá em cima do monte erguido, em casita acanhada e miseravel, onde já fiz considerações philosophicas sobre o *sic transit gloria mundi*.

Albano da Silveira é auctor desta *Memoria chronologica ácerca do descobrimento das terras do Preste João das Indias*, opusculo de 29

pag. imp. em Lisboa em 1845. O auctor leo deveras sobre o historico ponto, e é muito digno de ser lido o seu trabalho.

Aqui nos apparece por segunda vez um sugeito nosso conhecido. Ignacio José de Macedo, auctor do *Velho liberal do Douro. Considerações sobre as causas da elevação e decadencia da monarchia portugueza etc.* Lisboa, 1834. Um azorrague *miguelino*, como diziam os *malhados*. são os escriptos deste homem, que tinha erudição e era engraçado.

España y Portugal y sus banderas, por Frutos Martinez y Lumbreras etc Madrid, 1874. E' este um curioso trabalho sobre as cores das bandeiras dos dois povos. Nada adianta com respeito ás portuguezas.

St John III 16 in most of the languages and dialectes etc. London 1881. Interessante specimen de 214 linguas e dialectos do mundo nos offerece este opusculo ricamente impresso e cartonado pela propaganda ingleza.
Eu conservo-o por me recrear com a phantasia dos gregotins de algumas linguas e dialectos.

Entremos agora no Porto em 1848. *Buscapé* etc. E' um opusculo vertido do hespanhol por J. A. N. Vieira, que mede 45 paginas,

afóra IX n'estes caracteres numeradas. Parece este opusculo ser uma satyra mais. Diz-se que o escrevera o proprio auctor do D. Queixote, Cervantes, e que o original que servira para a impressão fora uma copia da livraria do Duque de Lafões, levada para Hespanha por alguem. E' muito interessante este opusculo, e altamente curiosas suas notas de D. Adolpho de Castro. Na 3.ª ha esta satyra a um medico.

Montado no macho seu,
Voa, em vez de caminhar;
Tira um queixal sem parar,
E tem mais almas no ceu
Que um tyranno ou um ladrão;
E' por todos conhecido,
E até, por appellido,
Lhe chamam *Extrema-unção.*

Catalogo provisorio da galeria nacional de pintura da Academia das Bellas Artes de Lisboa. 1872. Subscreve-lhe a Introducção o marquez de Souza Holstein.

Este exemplar enumera 368 quadros, sendo manuscripta a designação dos ultimos.

Da Typ. Academica em Coimbra, 1880, está n'este museo esta *Carta a respeito da heroina de Aljubarrota, Brites de Almeida* etc. 2.ª edição, 8 paginas de impressão. Como trabalho historico pouco valor tem.

M.r Pinheiro Chagas, hoje ministro, nem eu sei de que pasta, tão pagão sou em cousas politicas, escreveo para o centenario da morte de Camões *Breve explicação da commemoração nacional em 1880.*

E' um opusculo de 16 paginas com um *mono* de um retrato de Camões. Agrada sua leitura.

Arpejos d'alma, por A. F. Ferreira, Lisboa 1872, é um livrinho de 126 paginas de versos. Conheci este moço em Coimbra. Foi typographo; hoje não sei se o é. Não desprovido de merito, este sympathico rapaz é em suas composições poeticas um imitador de S. de Passos.

Está aqui uma traducção do *Discurso sobre a religião* do Abbade de Cambacérès, Coimbra, 1828. São 100 paginas de apropriada leitura para os que do assumpto forem apaixonados.

Parece-me não havermos entrado ainda em Portalegre. Aqui está um *Sermão dos Passos de Nosso Senhor Jesus Christo*, Typ. Portalegrense, 1874, por Adolpho Ernesto Motta. E' seu auctor um filho de Coimbra bastante habil, donde o ser bem tecido este discurso religioso que dedicou ao recemfallecido bispo d'aquella diocese, Martens Ferrão, que morreo

pobre como Job, segundo li algures, pois só lhe acharam uma *placa* de 200 reis! E' uma lição prégada no deserto aquella do velho bispo. Isto cá por Evora tem fiado mais fino.

Está aqui G. Pereira com as suas *Narrativas para operarios*, 1879. São 111 paginas de naturalissimos contos para educação moral de operarios.

Terminemos este passeio em Paris, em 1874: *Des marques et devises mises á leurs livres par un grand nombre de amateurs*, par Reiffenberg.

Conservo uma lembrança de m'o ter dado, ha annos na Louzã, o meo velho amigo Annibal F. Thomaz. De nenhum portuguez ali vejo noticia. Vá de amostra:

Do conego e deão da cathedral de Anvers. Ph. José de Cano:—*Virtutis amore cano.*

VIII

Penso não termos ainda entrado em Faro, meos companheiros de viagem, e assim, visitamol-a em 1843. *Elementos de philosophia racional e moral*, por Ignacio José de Macedo, e dado á estampa por E. H. L. Imp. do governo civil. Foi o opusculo escripto nas cadeias de S. Julião da Barra, pelo auctor, o celebre *Liberal do Douro*, ou por elle dictado, ao pae do editor, que alli estivera preso tambem. Asseiada impressão e não poucos conhecimentos nos mostra a publicação que mede XII—70 paginas.

De Lisboa, em 1874, temos aqui o *Relatorio* de J. H. Fradesso da Silveira ácerca do congresso meteorologico de Vienna de Austria. Já não vive seu illustrado auctor. E' volume de 243 paginas de boa doutrina sobre o assumpto.

Eis-nos apparece outra vez Cenaculo com a pastoral que começa: *De todas as emprezas....* Mede 88 paginas. O erudito Preládo eborense ao escrever Pastoraes não se limitava á breve exposição de alguma doutrina sobre um determinado ponto: escrevia um livro de cada vez! E' uma impressão de Lisboa sem data.

Antonio José Paes imprimio em 1841 na capital do reino e na typ. de Mathias J. Marques da Silva *Sermão de Santo Agostinho*. Não se recommenda por predicado algum.

Temos andado por diversas terras do paiz e não vimos ainda Guimarães, o berço da monarchia. Pois entremos alli e vejamos a typ. do *Rocha* que em 1825 imprimio: *Catecismo de civilidade Christã...*

Nunca deixaremos de tirar o chapeo a quem nos tirar o seu, diz o opusculo, occultando a contraria, que somos forçados a seguir perante uns ricaços que por aqui ha, por Evora, especies varias de Jupiter tonante, que da altura do seo throno de libras esterlinas nem olham para baixo nem tiram o chapeo a ninguem. Famosos!

Nove opusculos nos apparecem aqui, escriptos por Fradesso da Silveira: dois sobre o *linho em Portugal;* um, sobre o *Ensino primario da*

Belgica e outros sobre varios assumptos de interesse publico.

S. Thadeo Ferreira imprimio em 1784 *Conjecturas sobre huma medalha de bronze*. . .com os caracteres *vello*. . . por Fr. Vicente Salgado. Vasta erudição do tempo sobre a medalha, que apresenta aberta em chapa de cobre.

Ainda não estivemos em Valencia, na Hespanha, e agora se nos offerece occasião para isso. *Doloras*, de R. Campoamor. 1883. Uma lindesa de versos.

«Quiero morir contigo, si el destino
Nos hade conducir á aquel infierno
En que, unidos en raudo torbelino,
Se dan *Paolo y Francesca* el beso eterno».

Vamos agora entrar, leitores n'uma labyrinto de sermões de diversos annos e auctores.

Aqui está um de José Caldeira, do *Corpo de Deus*, prégado na patriarchal, sem logar nem anno de impressão, e outro do mesmo sob o titulo de *Oração funebre de Nuno da Cunha de Ataide*, pregado na Egreja do Loreto. Não diz quando impresso. Innocencio não deo por sua existencia se me não engano, ou os poz de parte por sua vulgaridade.

De Coimbra, em 1672, está aqui o *Sermão de Santa Clara* de Fr. Antonio dos Archanjos. São 32 paginas de boa lingoagem portugueza.

Frei João de Monsaraz prégou o *Sermão de Coração de Jesus* no convento de S. Francisco de Elvas em 1733 e foi impresso em 1734 na capital, na offic. Joaquiniana de Musica. Vulgaridade.

Confesso que temo enfastiar ao leitor com tanto sermão como os que n'este maço se me deparam. Vou redusir o negocio aos nomes dos auctores e aos assumptos:

Fr. Francisco de Santo Ambrosio—*Sermão de Santa Clara*, Lisboa, 1681.

Fr. Urbano de Santo Antonio: *Sermão do SS. Sacramento*, Lisboa, 1697.

José d'Andrade e Moraes: *Sermão de N. Senhora do Carmo*, Lisboa, 1744.

Frei José da Assumpção: *Sermão de S. Miguel*, 1653. Não diz onde impresso.

João de Carvalho: *Sermão do Mandato*. Coimbra, 1680.

Dr. Jeronimo Falcão de Souza: *Sermão do Dia de Juizo* (é de tremer!) Coimbra, 1676.

João de Carvalho (Jesuita): *S. da Soledade.* Coimbra, 1777.

Fr. José da Purificação: *S. de St.ª Barbora.* Lisboa, 1707.

Fr. Christovam de Foyos: *Oração do descimento da cruz.* Coimbra, 1669.

Dr. Gonçalo da Madre de Deos Semblano: *S. do Mandato.* Coimbra, 1674.

Fr. Christovam d'Almeida: *S. do Desaggravo.* Lisboa, 1671.

Fr. Diogo Cesar: *Sermão da Bulla.* Lisboa, 1644.

Fr. João de S. Francisco: *S. de Santa Roza*: Lisboa, 1679.

Fr. José do Espirito Santo: *S. varios.* Lisboa, 1659.

Dr. Jeronimo Peixoto da Silva: *S. de S João Baptista.* Coimbra 1661.

Fr. Joaquim de Santa Anna: *Oração de graças pelo nascimento* de D. José filho de D. Maria I. Lisboa, 1761.

Fr. Joaquim de Santa Anna: *S. do SS. Sacramento.* Evora, 1751.

Fr Luiz de Chagas: *S. á Senhora da Esperança* etc. Lisboa, 1743.

Manoel de Naxera: *S. do SS. Sacramento.* Lisboa, 1647. Em hespanhol.

Bartholome Lopez de Leguizano. *S. de S. Ignacio de Loyola* Cordova, 1622. Em hespanhol.

Seguem-se alguns n'esta lingua, que menciono.

D. José Barboza: *S. de São Paulo.* Lisboa, 1740.

E vamos terminar este percurso por caminho tão escorregadio mostrando este *Sermão em acção de graças pela monarchia independente etc*, por José Agostinho de Macedo, Lisboa, 1823. Os sermões deste homem destoam: falta-lhe uncção religiosa, sentimento. Não tinha nascido para frade, está dito.

Estão agora aqui as *Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal*, etc. 1875. E' este um opusculo cheio de bons desejos, devido á penna de Luciano Cordeiro, se me não engano. Mas, nada de novo; tudo na mesma.

Este é o *Relatorio... da commissão sobre a legislação do toque das obras de ouro ou prata*, 1879. Assumpto é este de estranha materia a meos conhecimentos.

Nem ouro nem prata tenho para aquilatar; nada, mesmo nada!

Breve noticia das aguas das Pedras Salgadas etc 1871. Mandou-me este opusculo um amigo de Coimbra, Henrique Ferreira Botelho, hoje medico. Bom moço e muito estudioso e intelligente.

Está decidido que o passeio d'hoje é por estrada concinatoria. Cá me apparece outro maço de Sermões do seculo XVII! Vinte e nove opusculos!

Não os descrevo, não, nem vol-os mostro, para vos não assustar, a não serem estes dois prégados em *autos da fé,* de que Deos nos livre para todo o sempre!

André Gomes—*Sermão que fez o padre André Gomes da companhia de Jesus. No auto da Fé, que se celebrou no Rocio da cidade de Lisboa em 28 de Novembro de 1621.*

E' rarissimo, segundo li algures. Tem 15 folhas numeradas pela frente, e foi impresso por Pedro Craesbeck.

Fr. Manoel dos Anjos—*Sermão que prégou o bispo de Fez—no auto da fé que se celebrou na praça da cidade de Evora no primeiro de Abril de 1629. etc. Evora, por Manoel de Carvalho, impressor da Universidade. 1629.* 26 folhas numeradas, pela frente.

Vamos terminar este passeio indo até Elvas já n'este anno da graça de 1884. Graças ao bracejar da imprensa já Elvas tambem imprime livros.

Samuel Baptista é um editor d'aquella cidade que deo á estampa estas *Recordações da expedição da Zambezia, em 1869,* pelo capitão d'artilheria, José Joaquim Ferreira. Não me recordo de conhecer este cavalheiro, que houve a bondade de me offerecer o seu livro.

Mede IV—111 paginas este bom trabalho litterario e noticioso. Ferreira foi dos expedicionarios que logrou volver ao continente.. Filicito-o por isso e por seo livro, em que a narrativa corre fluente, a lingoagem aprimorada, o ensinamento proficuo.

Vi partir esta malograda expedição e vejo n'este livro o seo desgraçado fim. Contrista o que alli se lê! Eu saudo ao valente expedicionario.

IX

Em 1873 imprime-se em Lisboa este livro: *Idealismo e Sentimentos* por A. Florencio Ferreira. Dos versos deste moço só resaltam tristezas bem metrificadas em portuguez correntio, sem ostentação de grande lição classica.

Entrêmos em Madrid em 1630, plena escravidão de Portugal. *Suplicacion a sv magestad catolica el rey nuestro senõr... en defeza de los portuguezes*, por Lourenço de Mendonça Presbytero, natural de Cezimbra etc. No argumento explica-se o fim do auctor: não quer que os portuguezes sejam considerados na India e no Perú como estrangeiros; donde se conclue que o amor da Hespanha era tal que nem hespanhoes nos consideravam!

São 58 paginas numeradas pela frente. Tem erudição.

Eis um drama, tirado da *Casa dos fantasmas* de Rebello da Silva, por A. E. da Motta e impresso em Coimbra em 1872. Tem 4 actos e um prologo.

Aquelle de meos leitores que ainda não visse o Bom Jezus do Monte, em Braga, tem agora occasião de o fazer, lendo estas *Memorias* que lhe respeitam, escriptas por um amigo, de Coimbra, o sr. Dr. Diogo Paes Forjaz de Sampaio Pimentel, impresso em Coimbra em 1876. São 159 paginas em 8.º com estampas no texto. E' já 3.ª edição, donde se colhe o prestimo deste trabalho.

E' para notar que já seo irmão, o Dr. Adrião Forjaz, encantado do Bussaco, escrevera as *Memorias do Bussaco.*

Já d'este anno de 1884 nos apparece aqui um livro de um antigo amigo meo, o distincto advogado J. M. da Cunha Seixas, que foi um bom estudante em Coimbra: *Estudos de Litteratura e de Philosophia* etc, com um bom retrato do auctor.

Lagrimas são o começo do livro, justamente derramadas na campa de sua mãe. Facil metrificação a dos versos d'aquellas lagrimas, se bem que se resintam de um não sei que, para mim

inexplicavel. A parte philosophica deste livro é como todas as que respeitarem a semelhantes materias—não as comprehendo, nem leio, com verdade o digo, depois que li algures n'um livro de philosophia, ha muitos annos, que nossa alma, morto o corpo, ia por esses ares até entrar n'um reservatorio d'ellas, que estava lá em certo sitio. A parte litteraria li e gostei: faz reparos bem judiciosos a alguns escriptores nomeados, e a outros cujas obras nunca li nem vi, como as de Tarroso. A critica pode não gostar; mas o que ella não fará é negar a seo auctor provado talento e conhecimentos.

De Braga nos apparece aqui, leitores, o nosso conhecido e amigo Pereira Caldas com esta *Nota Bibliographica*, ácerca de Van Kampen, historiador hollandez. Sempre muita erudição, sempre muito saber. Que lidar! Eis outra publicação do mesmo incansavel polygrapho: *Homenagem a Camões n'uma poesia esplendida*, etc. Opusculo muito curioso. Mas não acabam ainda os seos escriptos: ha outro recentissimo: *Uma estrophe dos Luziadas de Camões, dada á luz na Sicilia, em Messina* etc. Combate o ter sido ella vertida em siciliano e mostra que é puro italiano a lingua em que vertida.

Entremos no Porto em 1761 e vejamos estes *Apontamentos para a educação de um menino nobre*, por Martinho de Mendonça de Pina e

de Proença. As duas preposições, quando não fosse o estendido do nome, nos diriam logo que seo auctor não era plebeo.

Do livro digo que nem é mal escripto nem mal pensado. Educando no seculo passado, ainda tem muito de aproveitavel, muito. Leiam que não perdem o tempo.

Entremos agora em Lugduni, que não sei se é *Batatorum*, de Filinto, se a de França. E' o anno de 1615. *De Abassinorum rebus, déque Aethiopiae Patriarchis Joanne Nonio Barreto & Andréa Oviedo, libri tres.* Pedro Nicolao Godigno... auctore. Temos aqui um portuguez e um livro que respeita ás nossas glorias maritimas. Eu não o sei ler nem entender; mas atrevo-me a dar ao leitor uma amostra :—«Inter floriferas herbas vnam esse, quae aliis ab locis omnino exulat; longum habere scapum, heliotropii instar, frondes hederae similes, florem in capite vnû magnitudine eximia; in eo flore folia mille, tanta colorum varietate distincta, vt nullus ibi de esse videatur ex iis, que caeteris sunt in rebus.

....

Solis motum sequi, longé diversa ab aliis solaribus herbis ratione. Cumptinum Sol á miridie in occasum declinare incipit, florem istum paulatim pandere sese, & folia explicare...» continúa a descripção da planta e diz que os Ethiopes lhe chamam *flor da lua.*

Conhece a planta singular algum de meos leitores?

Eu devera copiar a descripção toda que advinho ser linda e curiosa; mas este genero de escriptos não comporta largas transcripções. Sigamos nosso caminho.

E já estamos em Braga em 1881. De novo Pereira Caldas nos apparece aqui com uma *Nota Biobliographica*, ácerca do escriptor hungaro Bogislaw Pichl etc. E' uma especie camoneana, como já tantas do illustre escriptor.

E' este o *Regulamento da secção de archeologia do Instituto de Coimbra*. Opusculo para leitura de poucos, os devotados ao nosso passado monumental.

Vamos nós agora assistir ás festas do tricentenario da morte de Camões? Convida-nos este *Relatorio da commissão para buscar os ossos de Camões*, escripto por José Tavares de Macedo. Lisboa, 1880.

Em obediencia á Portaria de 30 de Dezembro de 1854 a commissão presidida pelo estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães chegou á conclusão de mandar reunir varios ossos achados no logar indicado da egreja do convento de Santa Anna, convencida de que *talvez com os ossos de Camões estejam misturados os de pessoa de bem pouco valor.*

Eu sou mais do que pagão n'isto de juntar

ossos e de os guardar, por esta ou por aquella rasão.

Não há ver eu no acto outra cousa se não tentativa vaidosa de prolongamento d'existencia, que o maganão do tempo se encarrega de annullar.

Para mim os ossos de Camões estão n'aquelle livro que não morre, com os tecidos respectivos, com o espirito até do poeta! Devo este exemplar ao snr. Macedo, que houve a bondade de m'o enviar em 1880.

Terminaremos este passeio em Evora em 1875. Está aqui um *Discurso, recitado no Lyceu d'Evora no 1.º de Dezembro de 1875*, por um professor d'aquelle estabelecimento, *que escreve*, que tem o máo gosto, que eu, leigarraço, tenho, o snr. M. M. Marrecas, hoje jubilado. Curto, mas conceituoso.

E' de notar que tendo os Lyceus do reino tantos Professores intelligentes e sabedores, pouquissimos sejam os que desejam passar á posteridade photographados nos typos moveis de Guttemberg! Será receio dos escarceos da publicidade? ou condemnavel desidia? Por mim não sei; noto somente.

X

Já não vive o homem estudioso que escreveo este opusculo *Origem da Lingua Portugueza*, Lisboa, 1867 por A. Saromenho. Foi these para a redacção da qual apenas teve oito dias, como declara. E' uma compilação clara do que todos nós já temos lido, se me não engano ao recordar as impressões que de sua leitura me ficaram.

Sem sairmos de Lisboa em 1883 podemos ver esta *Notice sur les haches de bronze préhistoriques trouveés en Portugal* par le chevalier J. da Silva. Singela noticia do bondoso trabalhador sobre o assumpto.

Eis-nos de novo em Braga em 1879, visitando ao mais que muito incansavel lidador litterario, Pereira Caldas: *Monumentos epigraphicos de Roma, exalçadores da memoria do Papa*,

S. Damaso, Digno de ler-se como todos os trabalhos do auctor é mais, este, pelo muito que tem de erudito.

Chegamos agora a Coimbra em 1878: *Bibliographia da Imprensa da Universidade de Coimbra nos annos de 1876 e 1877*, por A. M. Seabra de Albuquerque. E' o primeiro fasciculo d'este livro, que vae de *Abilio a Antonio*, medindo VIII—48 pag.

O trabalho de Seabra é muito importante, é certo; mas, limitado aos nomes dos auctores que publicaram seos escriptos n aquella inprensa, fica sendo obra de mui limitado numero de auctores, sem que de modo algum o seo producto possa fazer face ao custeio da imprensa e papel. Era obra para ter superior protecção; mas... entre nós!

Da mesma Coimbra temos aqni, em 1842: *Resumo historico da Santa Casa e Irmandade da Misericordia* etc. por J. A. Pereira. Ainda o conheci; já não vive, o laborioso amigo das letras, que n'este opusculo se mostra muito lido e entendido.

Em Lisboa, em 1871 imprime-se: *Discurso*... pelo visconde de Trancoso a proposito do 1.° de Dezembro de 1640. O assumpto é altamente patriotico; o estylo não é do meo gosto, se bem que não seja rasteiro.

De Braga, em 1877 está aqui mais um impresso de Pereira Caldas: *O Padre Gonçalves, sinologo portuguez. Outro trecho de erudição apropriada.*

Entremos no Porto em 1880: *Relatorio e projecto de lei* sobre a creação de casas de correcção etc. pelo snr. visconde de Santa Monica.

Trabalho bem escripto e bem pensado, que deo vida á *casa de correcção*, em Lisboa, a que o illustre redactor prestou valiosos serviços.

Caminhemos para o sul: entremos em Coimbra em 1863 e vejamos este opusculo: *O ultimo adeus!.. ao meo saudoso amigo F. Cancella de Seabra*, por Abel Martins Ferreira. E' o unico trabalho litterario que conheço do auctor, e penso não haver outros, offerecido á ex.ma irmã do fallecido moço, hoje esposa do snr. José Luciano de Castro.

Uma tentativa de escriptor novel, que balbucia em prosa e verso as dores da perda de um amigo. Não vos mostro a prosa e verso, que é correntia; vêde estes versos, que revellam bom gosto e vocação poetica:

Candida rosa, que a mão de Deos
Plantou, tão bella, nos jardins da vida,
Ai! desfolhou-te as mimosas petalas
Amarga dor de illusão perdida!!.

Como vagido poetico desculpa-se-lhe o imperfeito da metrificação. Este opusculo devia intitular : *Abençoadas lagrimas!*

Isto agora é a *Historia Breve de Coimbra* de B. de B. Botelho, 2.ª edição de Lisboa em 1874.

Parece-me que a melhorou este vosso creado, nas notas que lhe poz e nas correcções que, do auctor, verdadeiro ou não, lhe introduzio.

As pessoas, que leem e escrevem de Coimbra ainda a consultam com algum proveito.

Volvamos a Coimbra, dilecta de Minerva e de seos alumnos em 1883. Encontramos vivendo n'ella um nosso conhecido, o snr. Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, que já topamos em Portalegre: *A Egreja Nova da Villa da Souzã.*

Da viagem que áquella villa fizera o snr. Bispo de Coimbra por lhe benzer a Egreja foi chronista, diga-se assim, o snr. Gusmão. Que dizer da puresa do estylo, da accurada lingua portugueza em que escripta a descripção d'aquellas festas? E' um notavel opusculo.

Não me recordo, meus companheiros de viagem, se já estivemos em Goa, se não. Como o Infante D. Pedro temos corrido as sete *partes do mundo*, divisão legendaria de Gomes de Santo Estevam, inharmonisavel com a geographia, que áquelle tempo só conhecia quatro.

O mar é de monsão e terrenos sopram os ventos: *Instituto Vasco da Gama*, 7 numeros, desde Janeiro a Julho de 1872.

Presenteou-nos com elles um dos mais formosos homens que tenho conhecido, o Dr. Ma-

noel de Carvalho, hoje fallecido, tambem. Mais na vasta necropole... Enviou-m'os por occasião de me honrar com o diploma de socio d'aquelle *Instituto*. Vem n'um dos numeros uma memoriasinha de minha lavra sobre o templo romano de Evora, com um *additamento* do illustre Rivara, que aqui veio expirar, em Evora...

De Coimbra, em 1875, temos aqui impressa uma *Resposta no Inventario* por fallecimento do conselheiro José Maria de Abreu, etc. E' assignada por jurisconsulto perito, o snr. Dr. Trony. E' questão magna de direito.

Na mesma cidade se imprimio : *Esboço bibliographico de Olympio Niculau Ruy Fernandes*, por Eduardo Mendes, 1883, com um bom retrato do finado fundador da Associação dos Artistas de Coimbra. Bom trabalho é este, que passa á posteridade a memoria de um homem que, luctando com uma força herculea com difficuldades grandes, conseguio apresentar ao paiz um modelo de taes instituições. Foi, sem duvida, um benemerito, e bem fazem os que lhe honram a memoria.

Entremos em Lisboa, em 1877. *Conferencias celebradas na Academia real das sciencias de Lisboa ácerca dos descobrimentos... dos portuguezes na Africa*. Foi feita por um morto já, o snr. marquez de Souza Hostein. Esplendido trabalho é este, de grande erudição, que medo

86 paginas incluindo as notas. Offereceo-m'o o finado.

Aqui nos apparece no Porto mais um opusculo camoneano: *A Luiz de Camões*, por Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão, 1880.

Ainda é do meo tempo de Coimbra o auctor, sympathico e bondoso rapaz, que estudou philosophia, se me não engano. E' uma composição poetica em versos emparelhados, um tanto alheios ao genio de nossa lingua, mas bem architectados, a meo ver.

Rico tributo é este á memoria do auctor.

«........................ dessa grande Epopeia
Que nunca esquecerá em quanto houver quem leia!»

Estão agora aqui dois opusculos de Manoel Bernardes Branco: *A crucificação entre os antigos*, com uma estampa colorida, 1878, e *Alfredo Andrade*, 1876. São dos prélos de Lisboa estes opusculos.

E' o primeiro, uma resposta ao *Jornal do Commercio*, e o segundo uma biographia do nosso patricio, *restaurador dos monumentos antigos na Italia*. São opuscuslos muito interessantes.

Fim da segunda parte